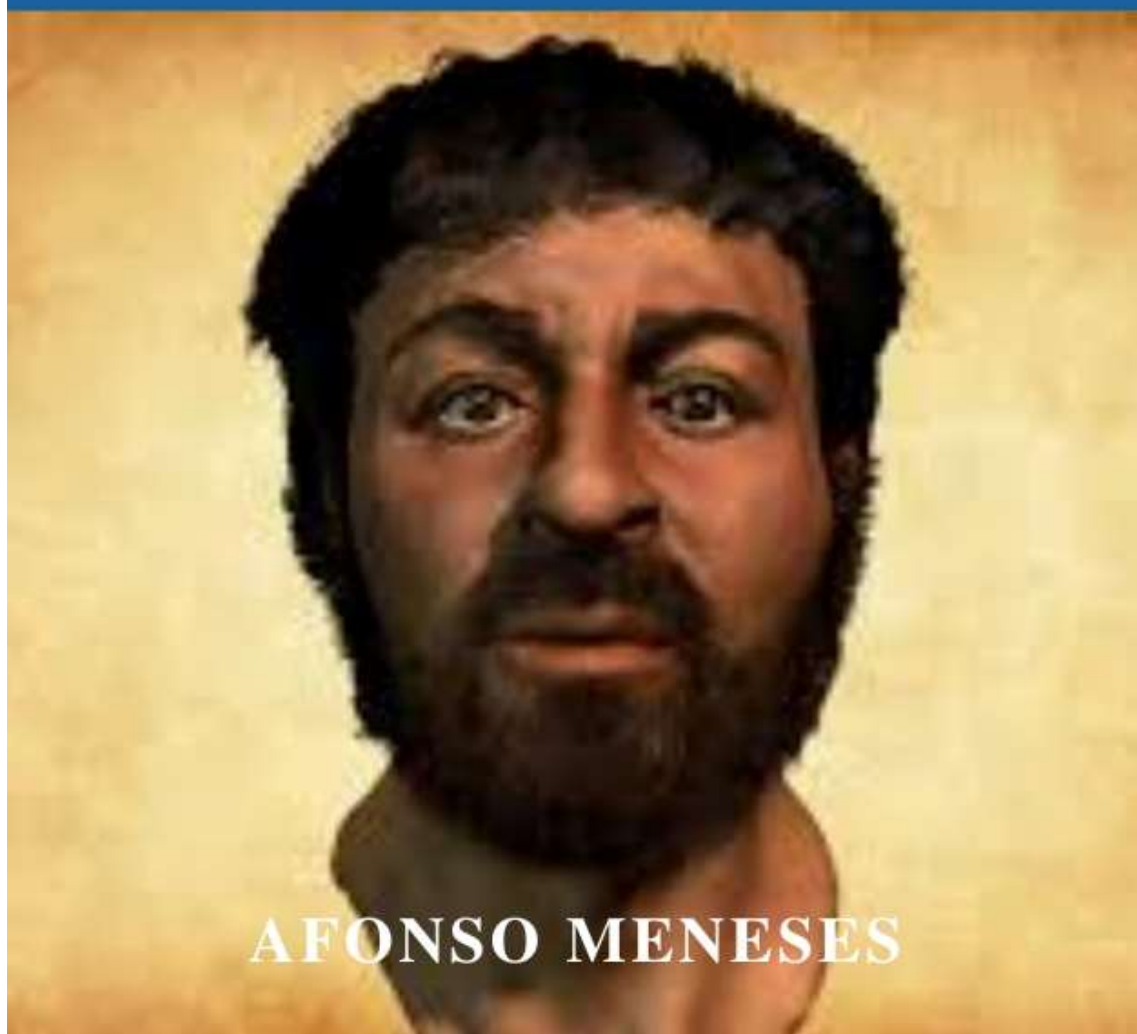


TODA AUTORIDADE A JESUS CRISTO

**UMA COSMOVISÃO PARA
DEUS E PARA O SER HUMANO**



AFONSO MENESES

TODA AUTORIDADE A JESUS CRISTO

Uma Cosmovisão Cristã para Deus e para o Ser Humano

Afonso Meneses

Copyright © 2024 Afonso Irene de Meneses Todos os direitos reservados

Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência e não é intencional do autor.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou armazenada em um sistema de recuperação, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem permissão expressa por escrito do editor.

À memória da minha mãe,

Maria do Nascimento Albuquerque

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
A AUTORIDADE DE JESUS CRISTO, A VERDADE E AS BOAS OBRAS	6
O PASTOR, O ASSALARIADO E O LOBO	9
CAPÍTULO 1	15
JESUS.....	15
DEUS, O UNIVERSO ESPIRITUAL E A ETERNIDADE.....	15
JESUS É DEUS PODEROSO E PAI ETERNO	36
JESUS GLORIFICADO SE APRESENTA EM TEOFANIA	49
CAPÍTULO 2.....	65
O MITO DA CRIAÇÃO E OS SETENTA PRIMEIROS CAPÍTULOS DA BÍBLIA.....	65
CAPÍTULO 3.....	93
O MITO DE SÍSIFO	93
CAPÍTULO 4.....	129
JESUS EM UMA MESA-REDONDA.....	129
VOCÊ É UM SIMPLES HOMEM E SE APRESENTA COMO DEUS.....	129
JESUS FOI VESTIDO COM UMA CAMISA DE FORÇA E AMORÇADO	143
CAPÍTULO 5.....	148
O CRISTIANISMO PARA O SÉCULO XXI.....	148
O MODELO ABRAÂMICO DE ADORAÇÃO	148
CRESÇAM NA GRAÇA E NA VERDADE DE JESUS CRISTO	158
ENTRE O PASTOR E O LOBO	162
EM QUE PENSAR? EIS A QUESTÃO	168
SOBRE O AUTOR.....	173

INTRODUÇÃO

Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas, porque percorrem terra e mar para fazer um convertido e, quando conseguem, vocês o tornam duas vezes mais filho do inferno do que vocês. (Mt 23:15)

A AUTORIDADE DE JESUS CRISTO, A VERDADE E AS BOAS OBRAS

O cristianismo carrega consigo as marcas de quase dezessete séculos de um autoritarismo imperial, que se iniciou no ano 380 da era cristã. Com este livro eu não tenho a pretensão de consertar um sistema religioso que a cada dia se torna mais decadente, mas estou convidando todas as pessoas que amam a Deus e amam ao seu próximo, para que possamos reconstruir um cristianismo mais verdadeiro, ético e socialmente responsável.

Até o ano 380 da era cristã, todos os cristãos sabiam quem era Deus e o que era pecado, por isto, os cristãos tinham facilidade em mostrar às pessoas as vantagens de elas ficarem atentas para o momento em que Deus lhes ensinasse, porque Jesus afirma: “...Ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, não o atrair; e eu o ressuscitarei no último dia. Está escrito nos Profetas: ‘Todos serão ensinados por Deus’. Todos os que ouvem o Pai e dele aprendem vêm a mim”. (Jo 6:44-45)

O que se considera igreja primitiva é a igreja que existiu até o ano 380 da era cristã. A partir de então, a igreja passou a ser a igreja do Império Romano; situação que perdurou até o ano de 1453, ano da queda definitiva do Império. Os ensinamentos vigentes na igreja primitiva não foram retomados porque a igreja tem uma influência muito grande na cultura das pessoas; uma influência que se inicia desde o nascimento. Mas o que importa é que Deus ensina a todas as pessoas e as que aprendem com Ele se tornam da verdade e vão para Jesus para terem a vida eterna.

Desde que se tornou a igreja do Império Romano, a partir do ano 380, a igreja impôs sua autoridade mediante a interpretação particular da Bíblia, que atribuía autoridade divina a todos os autores e personagens da Bíblia, com o objetivo de destruir a percepção que os cristãos precisam ter da autoridade de Jesus Cristo, único personagem da Bíblia a ter autoridade divina, e também com o objetivo de legitimar a cobrança do

dízimo obrigatório. Sem nenhum engajamento com a fé cristã, o Império Romano queria mesmo era obediência cega e dinheiro, através da autoridade absoluta da Bíblia. O que temos de diferente no cristianismo atual, se considerarmos a sua atualização mais recente feita pela reforma protestante?

O que a igreja primitiva nos legou de mais importante, durante o concílio de Niceia, ano 325, foi a confirmação do credo cristão vigente na igreja primitiva. A declaração do credo de Niceia, ano 325, foi a última fronteira de cristianismo, que nos permite construir uma cosmovisão cristã sobre Deus, que seja simples, bíblica, lógica e completa. Este é o conteúdo do credo de Niceia, ano 325, que nos permite afirmar que Jesus Cristo é Deus:

“Cremos em um só Deus, Pai todo-poderoso, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis. E em um só Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, gerado unigênito do Pai, isto é, da substância do Pai; Deus de Deus, luz de luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não feito, consubstancial ao Pai;”

O fato de Jesus ter sido gerado da substância de Deus, que é Espírito, nos leva à conclusão de que Ele é “Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não feito, consubstancial ao Pai”. Isto mostra que Jesus nunca teve vida autônoma em relação ao Pai ou Espírito Santo.

Se Jesus não teve vida autônoma em relação ao Pai ou o Espírito Santo então, ao “... Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt:16:16) foi atribuída uma porção do Espírito Santo, a essência de Deus, para que Ele pudesse nos trazer a graça e a verdade. O Espírito de Jesus Cristo foi uma porção do Espírito Santo atribuída a Ele, por isso, não foi removida do Espírito Santo, senão haveria autonomia de Jesus em relação ao Pai ou ao Espírito Santo.

Consumadas no Calvário, a graça, a verdade e confirmada a lei, “... o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt:16:16) entregou a porção do Espírito que lhe havia sido atribuída pelo Espírito Santo, durante a concepção, para que Ele continuasse sendo Um, com o Pai ou o Espírito Santo.

Eu costumo usar uma figura que chamo de parábola do Rio da Vida para ilustrar a relação existente entre “... o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt:16:16) e o Espírito Santo,

a essência de Deus, ou o Pai: imagine um rio de águas muito puras que chamaremos Rio da Vida; se for tomada uma porção de água do rio e usada para determinado propósito, e cumprido o propósito, a água permanecer pura, posta de volta no rio, ela se tornará indistinguível em relação a todo o rio e não será mais uma porção de águas puras, mas o próprio Rio da Vida.

A autoridade de Jesus decorre do fato de o Espírito dele ter sido uma porção do Espírito Santo, atribuído a Ele, para que Ele nos trouxesse a graça, a verdade e confirmasse a lei. Ao ser morto, Jesus entregou a porção do Espírito Santo, que havia recebido durante a encarnação, para voltar a ser Um com o Pai ou Espírito Santo.

O principal prejuízo que o Império Romano trouxe ao cristianismo foi a adulteração das cartas do apóstolo Paulo aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas, para incluir ensinamentos contra o ser humano, contra a lei de Deus, contra Deus, contra os judeus, partidarismo, vitimização, maldição a qualquer outro Evangelho, além de sentença de morte para pecadores.

Um dos mais importantes fundamentos bíblicos é: "Seja o seu 'sim', 'sim', e o seu 'não', 'não'; o que passar disso vem do Maligno" (Mt 5:37). A verdade do dia a dia está acima de todos os outros preceitos bíblicos, está acima de qualquer preceito filosófico ou religioso. É muito comum encontrarmos pessoas que nada sabem sobre o cristianismo, mas têm muita certeza de que há algo errado com ele; é justamente a falta de amor pela verdade do dia a dia que faz do cristianismo uma religião tão decadente.

Os cristãos primitivos tinham sérios problemas com a sociedade romana, a mais cruel que já se levantou na face da Terra, mas eles venceram tudo, porque conquistaram as pessoas com a verdade do dia a dia e com a prática e o ensino das boas obras. O que temos hoje é um cristianismo em que muitos cristãos se sentem mártires de um mundo ímpio, que não aceita as doutrinas da sua igreja. A grande maioria dos cristãos que se sentem mártires do mundo ímpio foram ensinados que as boas obras podem representar sérios tropeços à santidade deles; esses cristãos foram ensinados a ignorar o que Jesus afirma sobre as boas obras:

"Então ele dirá aos que estiverem à sua esquerda: 'Malditos, apartem-se de mim para o fogo eterno, preparado para o diabo e os seus anjos. Pois eu tive fome, e vocês não me deram de comer; tive sede, e nada me deram para beber; fui estrangeiro, e vocês

não me acolheram; necessitei de roupas, e vocês não me vestiram; estive enfermo e preso, e vocês não me visitaram’. (Mt 25:41-43)

As boas obras são um dos mais rigorosos mandamentos de Deus, e não guardar este mandamento tem como consequência a falta de sentido interior para a vida. Mas os teólogos cristãos se agarram à bandeira do Império Romano, que ensina que as cartas do apóstolo Paulo são o Evangelho de Jesus Cristo, e que o Evangelho de Jesus Cristo não é o Evangelho de Jesus Cristo.

Com a queda definitiva do Império Romano, em 1453, a igreja sofreu um duro golpe e seu apetite por dinheiro aumentou de forma descontrolada. Mas os ventos da modernidade já começavam a soprar; justamente na direção do aumento descontrolado do apetite por dinheiro, por parte da burguesia. Apesar da influência romana, não se pode negar que a igreja fosse a principal instituição de caridade à disposição dos pobres.

Com apoio da burguesia, veio a reforma protestante. Dado o contexto político, os reformadores precisavam de todo o apoio da burguesia; um apoio que foi regamente recompensado pela escolha do mote para o movimento. Os reformadores usaram estes versículos: “Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não por obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2:8-9). O contexto histórico sugere que esses versículos tenham caído como uma luva sobre as aspirações da burguesia, que se sentia ávida pelo batismo com o espírito do capitalismo.

Com o surgimento da nova igreja oriunda da reforma protestante, o mundo se encheu de Bíblias e de púlpitos, por trás dos quais pregadores repetem à exaustão que a salvação é somente pela graça mediante a fé e que as boas obras podem representar terríveis tropeços para a salvação dos cristãos. Com uma pregação tão desvinculada da autoridade de Jesus e da verdade do dia a dia, a burguesia educada se foi, e meio milênio depois, só restam da reforma protestante as Bíblias, os púlpitos, os pastores assalariados e os lobos anunciando um cristianismo sem Deus e sem alma.

O PASTOR, O ASSALARIADO E O LOBO

Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas. O assalariado não é o pastor a quem as ovelhas pertencem. Assim, quando vê que o lobo vem, abandona as ovelhas e foge.

Então o lobo ataca o rebanho e o dispersa. Ele foge porque é assalariado e não se importa com as ovelhas. "Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas; e elas me conhecem".

(Jo 10:11-14)

Durante os três primeiros séculos da era cristã, o cristianismo se firmou como a religião do Messias, mas, a partir do século IV, começaram a aparecer os primeiros assalariados, eram os teólogos cristãos. Os teólogos cristãos foram os primeiros líderes cristãos assalariados pelo Império Romano. Eles inventaram doutrinas e mais doutrinas, com o objetivo de destruir a percepção que os cristãos precisam ter sobre a autoridade de Jesus Cristo. Com isso o rebanho de Cristo foi sendo empurrado para a toca do lobo. Felizmente, Deus sempre ensinou a todas as pessoas, e quando alguém aprende o que Deus ensina, essa pessoa se torna da verdade, e não há lobo que a engane.

Eu tenho que reconhecer que no catolicismo romano atual, os assalariados, que são os teólogos cristãos criadores de doutrinas, praticamente, já esgotaram o seu repertório, dada a quantidade de doutrinas criadas por eles em mais de dezesseis séculos. Isso também pode se dever ao fato de que eles não gozem mais de tanta autonomia em relação ao poder central. Uma das mudanças no sistema religioso católico está no fato de que os lobos, que atacam os cordeiros católicos, são quase todos de origem protestante.

A partir do início do século XVI, surgiu o líder cristão assalariado da igreja protestante; normalmente, ele é muito agarrado à Bíblia. Jamais passou pela cabeça dele que ser agarrado à Bíblia e desprezar o Evangelho, que é a verdade de Deus consumada no Calvário, seja uma porta aberta, que dá acesso a uma religião sem Deus e sem esperança. Isso acontece porque ele não permite que o Evangelho seja a verdade de Deus que nos trouxe a graça e confirmou a lei.

O assalariado é um teólogo com excelente formação acadêmica e um criador de doutrinas. Ele sabe tudo sobre a Bíblia, sobre Israel e sobre Jesus. Ele sabe que a lei que Jesus cumpriu, alcança toda a humanidade e não somente a nação Israel, e é esta: "... mas não coma da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que dela comer, certamente você morrerá" (Gn 2:17). Mas ele continua ensinando que Jesus cumpriu todas as leis da nação Israel; eu suponho que até mesmo a lei do silêncio, dada a mordida que puseram nele, com a doutrina das dispensações.

A subordinação de Jesus à nação Israel parece ingênua, mas não é; recentemente, eu ouvi o pronunciamento de um dos mais influentes teólogos do Brasil e do mundo; ele afirmava que o dízimo é devido pelos cristãos porque o cristianismo é uma continuação da religião judaica, tal como ela era vivida há cerca de dois milênios. Sendo assim, o cristianismo dos assalariados é uma teocracia exercida pelos líderes cristãos; uma teocracia com um único ministério, o da arrecadação.

Eu reconheço que as pessoas que se dedicam integralmente a pregar o Evangelho e a fazer discípulos tenham o direito ao seu salário, não há como negar: “... comam e bebam o que lhes derem, pois o trabalhador merece o seu salário...” (Lc 10:7). O grande problema é que os primeiros assalariados da igreja reformada fizeram da igreja uma cidadela fortificada contra as boas obras; aí fica difícil pregar desprendimento em relação a bens materiais. É tudo uma questão de lógica, se há desprendimento em relação a bens materiais então, com o pouco se faz o muito, porque todos cooperam e todos exigem o que for razoável pelo seu trabalho; é um ciclo virtuoso, que funciona como princípio ético.

Os assalariados não ligam para o Evangelho porque ele é a verdade de Deus, consumada no Calvário, que nos trouxe a graça e confirmou a lei. Para evitar o Evangelho, eles fizeram um corte na história, para deixar Jesus subordinado a Israel e escolheram o apóstolo Paulo para conduzir a cristandade rumo à eternidade, ao custo de viverem uma religião sem Deus e sem esperança.

O corte que os assalariados fizeram na história é o que eles chamam de divisão entre a dispensação da lei e a dispensação da graça. Com isso, os cordeiros, que são as crias mais tenras das ovelhas, frágeis, não suportam o alimento paulino oferecido pelos assalariados. Entediados e sonolentos, os cordeiros saem em busca de comida, mas encontram o lobo. O lobo não é problema para o assalariado, afinal de contas a diferença entre ele e o lobo é somente um detalhe doutrinário; talvez porque o lobo ouse abrir a Bíblia no Evangelho, ainda que com a intenção de praticar o furto com o uso da violência psicológica.

O assalariado tem uma tradição muito forte, de ser leal a seus pares, teólogos cristãos, em quem se espelham para destruir a percepção que os cristãos precisam ter da autoridade de Jesus Cristo. Por isso eles rangem os dentes quando Jesus lhes mostra ser a eternidade para as pessoas que aceitaram aprender com Deus e se tornaram da verdade:

Então olhei e ouvi a voz de muitos anjos, milhares de milhares e milhões de milhões. Eles rodeavam o trono, bem como os seres vivos e os anciãos, e cantavam em alta voz: "Digno é o Cordeiro que foi morto de receber poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor!" (Ap 5:11-12)

Eles não reconhecem a autoridade de Jesus Cristo para nos mostrar que na eternidade viveremos como anjos, a serviços de Deus; e não em carne e osso, como se não fossemos semelhantes a Deus.

Essa visão se refere à razão de ser do cristianismo, mas o assalariado não crê que esta seja uma visão do Céu povoado por anjos resultantes de almas ou espíritos dos servos de Deus, que, em vida, aprenderam com Ele e se tornaram da verdade, ouviram a voz de Jesus e entraram para a vida eterna. Essa visão foi dada ao autor do livro de Apocalipse em um período de perseguição insuportável aos cristãos. Não dá para imaginar que tal visão nada tenha a ver com tudo o que Jesus ensinou sobre como o ser humano cristão será na eternidade. Como os apóstolos não deram a devida ênfase a esse privilégio, Jesus se encarregou de nos trazer esta visão de como seremos na eternidade.

O lobo é bem diferente do assalariado; ele também se coloca no lugar do Pastor, do mesmo modo que o assalariado. O lobo usa o Evangelho e qualquer outro conteúdo bíblico que possa adulterar para iludir os cordeiros com promessas de prosperidade. Via de regra, ele não tem nenhuma formação acadêmica, não sabe nada sobre a Bíblia, sobre Jesus nem sobre Israel; ele não se importa com o dízimo, ele quer muito mais.

O lobo não formaliza suas doutrinas, ele as improvisa de acordo com o contexto, desde que consiga auferir vantagens por meio da extorsão financeira, com o uso da violência psicológica. O lobo não é assalariado, ele é o próprio patrão. Enquanto o assalariado é refinado e discreto, o lobo é grosseiro e ostenta riqueza. Enquanto o assalariado detesta ser chamado de “mercenário” (Jo 10:12), o lobo não se importa de ser chamado de “ladrão e salteador”. (Jo 10:1)

Felizmente, as pessoas que se dedicam à pregação do Evangelho e a fazer discípulos, conforme Jesus comissiona, se colocam no lugar do Pastor com legitimidade. São pessoas comissionadas diretamente por Jesus, elas não se importam com cargos. É a essas pessoas que eu me dirijo, porque o assalariado e o lobo têm suas razões para continuar com suas práticas, que à primeira vista, parecem contrárias.

O que é ensinado neste livro é o resgate da autoridade do Evangelho, como verdade de Deus consumado no Calvário, que nos trouxe a graça e confirmou a lei. Esse resgate tem como objetivo restaurar a percepção que os cristãos precisam ter sobre a autoridade de Jesus Cristo; uma autoridade que lhe permita nos prometer a vida eterna e nos mostrar que na eternidade viveremos como anjos, a serviço de Deus, e não em carne e osso, como se não fossemos semelhantes a Deus.

Considerando que o que se pretende é restaurar as doutrinas vigentes na igreja primitiva, o leitor não pode esperar nada do autor, além de muitas referências ao Evangelho. O leitor também não pode esperar encontrar algo novo, apenas a certeza de que no momento em que “... Jesus disse: “Está consumado!...” (Jo 19:30), se estabeleceu a verdade de Deus, e juntamente com ela a graça, que começou a povoar o Céu com as almas ou espíritos dos seres humanos que, em vida, aceitaram aprender com Ele, desde Adão.

O poder de penetração experimentado pelo Evangelho durante os três primeiros séculos da era cristã foi testemunhado por muitas pessoas, a começar pelo naturalista Plínio II (23 - 79), que nasceu e morreu ainda no primeiro século da era cristã. Por ser da verdade e ter livre acesso ao palácio imperial, ele fez esta peça em defesa dos cristãos, contra as perseguições movidas por Nero: “O crime dos cristãos consiste apenas em ter o hábito de se reunir num determinado dia da semana, antes do amanhecer, e juntos repetirem uma forma estabelecida de oração, dirigida a Jesus Cristo como Deus, e assumir a obrigação de não cometer maldades, furtos, roubos, adultérios, nem mentir nem defraudar ninguém ...”.

Daí a minha conclusão de que a luta dos cristãos contra o seu próprio pecado precisa ser posta aos cuidados do único Pastor, que é Jesus, sem a intervenção de assalariado ou de lobo, como faziam os cristãos primitivos. Perceba que os cristãos primitivos “repetirem uma forma estabelecida de oração, dirigida a Jesus Cristo como Deus”; não era reza, era oração de gente simples, que lutava contra aquilo que Jesus diz ser pecado, que além da mentira, inclui “... os maus pensamentos, as prostituições, os furtos, os homicídios, os adultérios, a cobiça, as maldades, o dolo, a libertinagem, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a insensatez; ...” (Mc 7:21-23). Essa forma simples de culto cristão foi praticada durante um período de pouco mais de três séculos, era o cristianismo sendo praticado pelos cristãos, do mesmo modo como Abraão praticou a religião do Messias.

A confiança dos cristãos é que a igreja militante das boas obras sempre existiu e que “... as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16:18). É isso que nos dá esperança de que voltemos a ter a sabedoria e o poder de Deus, suficientes para anunciar o Evangelho com o poder de penetração na sociedade, que teve durante os três primeiros séculos da era cristã, descrito por Tertuliano (160 - 220). Tertuliano, assim, fez o balanço dos resultados do evangelismo cristão, no mundo então conhecido, em pouco mais de dois séculos: “Nós somos um povo que surgiu ontem, mas nós já enchemos todos os lugares que pertenciam a vocês: cidades, ilhas, castelos, bairros, assembleias, campos, tribos, exércitos, palácios, o senado e o fórum. Nós só deixamos para vocês os vossos templos”.

Pelo que foi descrito por Tertuliano, a igreja primitiva não precisava de templos; a civilização atual também parece não precisar deles; tanto assim que os templos cristãos estão quase todos vazios. A igreja não tem sofrido a oposição de perseguidores, mas o seu poder espiritual tem sofrido erosão provocada pela indiferença de uma civilização claramente cristã, que não é incentivada a permitir que Jesus se apresente a ela. Como neste início de século XXI, a humanidade vive “... desgarrada e errante, como ovelha que não tem pastor” (Mt 9:36), eu espero que você permita que Jesus se apresente a você. Creio que a leitura constante do Evangelho e a prática da vida cristã recomendada neste livro trarão de volta a percepção que precisamos ter da autoridade de Jesus Cristo, e, com ela, a sabedoria e o poder de Deus para as nossas vidas.

CAPÍTULO 1

JESUS

Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, e o governo está sobre os seus ombros. E ele será chamado Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz

(Is 9:6)

DEUS, O UNIVERSO ESPIRITUAL E A ETERNIDADE

Para que possamos compreender o ser de Deus, temos que pensar nele como sendo Espírito e ao mesmo tempo devemos nos dirigir a Ele e a todos os seres humanos com verdade. Jesus ensina que “Deus é espírito, e é necessário que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade” (Jo 4:24). Eu reconheço que a igreja cristã não ensina os cristãos a valorizarem o mundo espiritual, por isso eu peço que você considere que a espiritualidade cristã somente tem sentido por causa da vida eterna.

Os seres humanos, por serem semelhantes a Deus, também são espíritos, por isso, é muito importante que demos mais atenção às nossas almas, porque Jesus afirma que “O Espírito dá vida; a carne não produz nada que se aproveite. As palavras que eu lhes disse são espírito e vida” (Jo 6:63). Por isto é tão importante que você procure compreender o ser de Deus, segundo a sua própria lógica.

Eu reconheço que não estejamos muito acostumados a pensar no universo espiritual, mas Jesus nos ensina que o mais importante para o ser humano é a eternidade; ela é tão importante para o ser humano, e tão associada a Jesus Cristo, que as profecias messiânicas o tratam como “... Pai Eterno, ...”. (Is 9:6)

Se Deus é Espírito eterno, e a alma humana é semelhante a Ele, então a alma humana também é espírito eterno. Nós temos que levar em conta que a nossa existência aqui na Terra é muito curta, se comparada com a eternidade que viveremos como anjos, e se iniciará imediatamente após a morte; Jesus ensina isto, conforme veremos mais adiante.

A palavra espírito aparece com muita frequência neste livro e os seus significados seguem os mesmos significados dados pela Bíblia. Ao longo da Bíblia, a palavra espírito pode ter um de três significados distintos. O primeiro significado da palavra espírito se refere ao Espírito Santo, a essência de Deus, que é o Criador.

Deus se apresenta aos nossos sentidos das mais diversas formas, para representar o Espírito Santo, Deus Poderoso, Pai Eterno ou Jesus glorificado. Todas as aparições de Deus são teofanias, que são formas como Deus se faz perceptível aos nossos sentidos. O conceito de teofania nos ajuda a compreender a cosmovisão cristã de um modo totalmente espiritual.

A palavra Espírito, para significar o Espírito Santo, a essência de Deus, aparece pela primeira vez na Bíblia, já no seu segundo versículo: “No princípio, Deus criou os céus e a terra. Era a terra sem forma e vazia; trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas” (Gn 1:1-2). Esta referência ao Espírito de Deus é ao Espírito Santo, a essência de Deus, o Criador de todo o universo.

Eu peço que você considere que o Espírito Santo é a essência de Deus e que sua ação sobre os espíritos humanos, atribuindo-lhes sua sabedoria e o seu poder, é o dom do Espírito Santo. Por não terem sido ensinados que o Espírito Santo é a essência de Deus e que o dom do Espírito Santo é sabedoria e poder de Deus, muitos cristãos pensam que o Espírito Santo é algo pequeno, por isto eles somente se referem ao Espírito Santo como o dom.

O relacionamento de Deus com os seres humanos é puramente espiritual. Para que este relacionamento seja possível, cada um de nós é representado pelo seu espírito ou alma. Jesus nos ensina que “carne não produz nada que se aproveite”. Portanto, a nossa identidade com Deus se dá através dos nossos espíritos ou almas. Nós nos identificamos com Deus de tal maneira que os nossos espíritos glorificados serão anjos, a serviço de Deus, tal como o anjo que apareceu a Moisés, na sarça ardente:

“Moisés perguntou: "Quando eu chegar diante dos israelitas e lhes disser: O Deus dos seus antepassados me enviou a vocês, e eles me perguntarem: ‘Qual é o nome dele?’ Que lhes direi? "Disse Deus a Moisés: "Eu Sou o que Sou. É isto que você dirá aos israelitas: Eu Sou me enviou a vocês". Disse também Deus a Moisés: "Diga aos israelitas: O Senhor, o Deus dos seus antepassados, o Deus de Abraão, o Deus

de Isaque, o Deus de Jacó, enviou-me a vocês. Esse é o meu nome para sempre, nome pelo qual serei lembrado de geração em geração”. (Êx 3:13-15)

O texto acima é citado por Jesus Cristo para falar sobre como seremos na eternidade; Jesus afirma que na eternidade seremos espíritos ou anjos, conforme será mostrado, mais à frente: “Quanto à ressurreição dos mortos, vocês não leram no livro de Moisés, no relato da sarça, como Deus lhe disse: ‘Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó’? Ele não é Deus de mortos, mas de vivos...”. (Mc 12:26-27)

A minha explicação para o cristianismo do ponto de vista espiritual se deve ao fato de eu somente atribuir autoridade divina a Jesus Cristo. O meu ponto de partida é o pressuposto de que o universo espiritual é composto por Deus e pelos anjos; e que tanto os anjos quanto os seres humanos são semelhantes a Deus. Eu não pretendo fazer aqui um estudo sobre os tipos de anjos, quanto a serem mais ou menos poderosos; eu só posso afirmar que anjo não tem poder, porque todo o poder pertence a Deus.

O segundo significado para a palavra espírito é para se referir ao espírito humano. Jesus ensina, conforme mostraremos mais à frente, que o espírito humano é um anjo que, como o primeiro ser humano a ser criado, foi criado santo. A justificativa para tal afirmação é dada por Jesus. Jesus estava ensinando a seus discípulos sobre a importância da pureza e sobre perigo dos tropeços quando chamou para junto de si uma criança e disse: “... Eu lhes asseguro, a não ser que vocês se convertam e se tornem como crianças, jamais entrareis no Reino dos céus”. (Mt 18:3)

Para que possamos compreender o ser de Deus, eu considero apropriada uma explicação completa sobre o Espírito de Jesus Cristo; mais à frente eu explico onde Jesus afirma que somos anjos. O Espírito de Jesus Cristo sempre foi um assunto muito bem compreendido e aceito durante os três primeiros séculos da era cristã. Naquela época, os cristãos criam que Deus, o Pai, o Espírito Santo e Jesus glorificado são alguns nomes para a mesma pessoa de Deus. Eles criam que Jesus glorificado fosse a mesma pessoa de Deus, o Pai, ou o Espírito Santo, devido à profecia messiânica que afirma isto: “Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, e o governo está sobre os seus ombros. E ele será chamado Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz”. (Is 9:6)

Para facilitar a compreensão de assuntos relacionados a Deus, eu costumo usar proposições lógicas como esta: se Jesus Cristo afirma que Deus é Espírito, e o Espírito Santo é Deus, então, o Espírito Santo é a essência de Deus, porque, no monoteísmo, não pode haver mais do que um Deus. E, ainda; se o Espírito Santo é a essência de Deus, então, Deus, o Pai, Deus Poderoso, Pai Eterno e Jesus glorificado são a mesma pessoa de Deus, porque, no monoteísmo, não pode haver mais do que um Deus.

Esta era a percepção que os cristãos tinham sobre Deus, durante os primeiros séculos da era cristã, até que apareceram os doutores da igreja, e sob encomenda do Império Romano, mudaram tudo, e chegamos ao que temos hoje. Eu quero que você entenda que as minhas explicações se baseiam em um modelo teológico, que como qualquer outro modelo teológico honesto, se baseia na lógica de Deus; é lógica de Deus porque se aplica à teologia, não é porque seja uma lógica especial.

Para compreender a autoridade de Jesus, os meus estudos se concentraram, principalmente, nas verdades bíblicas contidos nos setenta primeiros capítulos da Bíblia, nas profecias messiânicas, contidas na Bíblia, entre os setenta primeiros capítulos da Bíblia e o Evangelho e nos ensinamentos de Jesus, contidos no Novo Testamento, embora haja referências contidas em outras partes da Bíblia. Eu procuro ressaltar a importância da Bíblia como testemunho de Jesus, por isso, ela pode ser considerada a palavra de Deus e única regra de fé e prática religiosa dos cristãos.

As profecias messiânicas não deixam dúvidas de que o Messias é: “... Deus Poderoso, Pai Eterno...” (Is 9:6): Essa profecia é uma verdade essencial do cristianismo. É com base nela que podemos crer na história mais contada de todas: “Foi assim o nascimento de Jesus Cristo: Maria, sua mãe, estava prometida em casamento a José, mas, antes que se unissem, achou-se grávida pelo Espírito Santo”. (Mt 1:18)

Esse episódio é chamado encarnação do Espírito Santo, a essência de Deus; ou concepção de Jesus. Jesus declara, em todo o Evangelho, que Ele não tinha vida autônoma em relação ao Pai ou o Espírito Santo. O fato de Jesus não ter tido vida autônoma em relação ao Espírito Santo, a essência de Deus ou o Pai, nos garante que Ele é: “... Deus Poderoso, Pai Eterno...” (Is 9:6); por isto é que Ele afirma: “Eu e o Pai somos um”. (Jo 10:30)

Se Jesus não teve vida autônoma em relação ao Pai ou o Espírito Santo, então, ao “... Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt:16:16), foi atribuída uma porção do Espírito Santo, para que Ele pudesse nos trazer a graça, a verdade e confirmar a lei. O Espírito de Jesus Cristo foi uma porção atribuída, por isto, não foi removida, senão haveria autonomia em relação ao Pai ou o Espírito Santo. Consumadas no Calvário, a graça e a verdade, “... o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt:16:16) entregou a porção do Espírito que lhe havia sido atribuída pelo Espírito Santo, durante a concepção, para que Ele continuasse sendo Um, com o Pai ou o Espírito Santo.

Eu costumo usar uma figura que chamo de parábola do Rio da Vida, para ilustrar a relação existente entre “... o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt:16:16), e o Espírito Santo, a essência de Deus, ou o Pai: imagine um rio de águas muito puras que chamaremos Rio da Vida; se for tomada uma porção de água do rio e usada para determinado propósito, e cumprido o propósito, a água permanecer pura, posta de volta no rio, ela se tornará indistinguível em relação a todo o rio e não será mais uma porção de águas puras, mas o próprio Rio da Vida.

Assim, quando Jesus foi morto, Ele reassumiu a condição plenamente divina que tinha antes da encarnação, para ser Um com o Pai, ou Espírito Santo. Eu não vou transcrever aqui todos os trechos do Evangelho que provam essa verdade, porque um dos meus propósitos é levar os cristãos a lerem mais os setenta primeiros capítulos da Bíblia, as profecias messiânicas e o Evangelho, para que consigam compreender que existe um caminho entre os primeiros setenta capítulos da Bíblia e o Evangelho que conduz à árvore da vida, aqui considerado o Evangelho; o caminho são as manifestações de Deus e profecias de natureza messiânica.

Com base na lógica de Deus, o apóstolo Paulo dá essa mesma explicação para a encarnação do Espírito Santo, a essência de Deus, na pessoa de Jesus Cristo, exceto pelo fato de que ele vê a submissão do Filho ao Pai, no futuro, quando a morte for derrotada. Por que, então, a lógica aplicada pelo apóstolo Paulo o conduziu a um resultado diferente? Certamente por causa das adulterações introduzidas por Nero nas cartas do apóstolo Paulo aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas.

O que o apóstolo Paulo afirma é coerente com a lógica de Deus, segundo a qual o Filho não poderia ser autônomo em relação ao Pai, e que após derrotar a morte, Ele

retornaria a ser Um com o Pai ou o Espírito Santo; quanto ao tempo verbal, colocando o evento para o futuro, pode ser atribuída à adulteração da carta do apóstolo Paulo:

O último inimigo a ser destruído é a morte. Porque ele "tudo sujeitou debaixo de seus pés". Ora, quando se diz que "tudo" lhe foi sujeito, fica claro que isso não inclui o próprio Deus, que tudo submeteu a Cristo. Quando, porém, tudo lhe estiver sujeito, então o próprio Filho se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, a fim de que Deus seja tudo em todos. (1 Co 15:26-28)

O texto afirma exatamente o que eu afirmo, exceto pelo fato de que, quando Jesus diz que está consumado, eu creio que a graça e a verdade não precisam de mais nada nem de mais ninguém para se estabelecerem. Portanto não devemos esperar que outro complete a obra de Jesus, embora a grande maioria dos cristãos creia que o apóstolo Paulo foi comissionado a completar a obra de Jesus. O entendimento de que a morte foi derrotada no Calvário, ainda antes da ressurreição de Jesus, é a espinha dorsal do cristianismo monoteísta, mas os filósofos sofistas contratados por Nero não sabiam disso.

O entendimento de que Jesus, ao ser morto, entregou a porção do Espírito Santo, que lhe foi atribuída na concepção e de que Ele derrotou a morte no Calvário, nos conduz ao entendimento de que a encarnação foi uma obra que se completou com esses dois eventos. Portanto, pela lógica de Deus, não podemos imaginar que Jesus tenha entregado o seu Espírito e continuado uma existência autônoma, em relação ao Espírito Santo ou o Pai; com que espírito?

Eu reconheço que o entendimento de que Jesus assumiu a condição plenamente divina ao entregar o seu Espírito ao Pai ou o Espírito Santo aparente mexer bastante com a cosmovisão cristã construída pelo apóstolo Paulo; ele entendeu que, após a morte, Jesus continuaria sendo uma pessoa que não o Pai ou o Espírito Santo; o que não se sustenta porque ou Jesus deixaria de ser Deus, ou haveria dois deuses.

O apóstolo Paulo se baseou na visão de Estevão: "... vejo os céus abertos e o Filho do homem em pé, à direita de Deus" (At 7:56); o que não tem nada de errado, desde que o leitor entenda que o que Estevão viu foi uma teofania de Jesus glorificado, do mesmo modo como Ele se apresentou a Paulo, a João, a Ananias, a mim e a milhões de outros servos. Teofanias são formas como Deus se faz perceptível aos nossos sentidos e têm significado de Deus.

Agora vamos a uma das definições mais importantes do cristianismo: o Espírito Santo como dom; porque, como a essência de Deus, já O definimos. Então vejamos: se o dom do Espírito Santo é dado por Deus, então ele não pode ser a essência de Deus, sendo dada a uma única pessoa. O dom do Espírito Santo é a ação de Deus, atribuindo sabedoria e poder aos cristãos que guardam os mandamentos de Jesus.

Eu chamo a sua atenção para o fato de que, na Bíblia, a grafia usada para significar o dom do Espírito Santo é a mesma para significar o Espírito Santo, a essência de Deus; e isto pode trazer alguma confusão. Mas você só precisa pensar que Deus é o Espírito Santo, e que o dom do Espírito Santo também é tratado na Bíblia como o Espírito Santo, mas o dom é a ação do Espírito Santo, sobre o espírito humano. Este é um dos conceitos mais importantes para a compreensão do cristianismo monoteísta.

Em toda a Bíblia, o Espírito Santo como dom aparece sempre no contexto da ação de Deus sobre a alma ou espírito humano. Para que ninguém tenha dúvidas sobre o que seja o Espírito Santo, a essência de Deus e o que seja o dom do Espírito Santo, eu costumo usar uma figura que chamo de parábola da lamparina: imaginemos uma montanha do porte do Monte Sinai, que é uma rocha, com a altura de mais de dois mil metros; agora imaginemos essa montanha coberta por uma chama, da base até o topo. Para efeito de comparação, imaginemos uma lamparina caseira, com óleo e pavio bem ajustado, sendo acesa nesta chama, que cobre a montanha, o que vai resultar é uma minúscula chama.

O que essas duas chamas têm em comum é que a menor procede da maior e que ambas são chamas. A chama maior pode ser comparada ao Espírito Santo, a essência de Deus, Deus Poderoso, Pai Eterno ou Jesus glorificado e a chama menor pode ser comparada ao dom do Espírito Santo, que nos é atribuído se guardarmos os mandamentos de Jesus, conforme Ele afirma:

Se vocês me amam, obedecerão aos meus mandamentos. E eu pedirei ao Pai, e ele lhes dará outro Conselheiro para estar com vocês para sempre, o Espírito da verdade. O mundo não pode recebê-lo, porque não o vê nem o conhece. Mas vocês o conhecem, pois ele vive com vocês e estará em vocês. (Jo 14:15-17)

Eu peço que você considere que essa definição sobre o Espírito de Jesus Cristo vá lhe ajudar a compreender a razão pela qual as pessoas estão certas em afirmarem que Jesus é Deus. Creio que com essa explicação ficou claro que Deus, o Pai, Deus Poderoso,

o Pai Eterno, o Espírito Santo e Jesus glorificado são a mesma pessoa de Deus; e que a ação de Deus, sobre a alma ou espírito de um ser humano, para a realização de uma ação sobrenatural como: pregar o Evangelho com poder, ministrar cura a enfermos ou expulsar demônios é o dom do Espírito Santo, embora todos os atos da vida cristã devam ser influenciados pela sabedoria de Deus, que também é dom do Espírito Santo.

Para facilitar o entendimento do assunto que eu estou expondo, eu uso o termo lógica de Deus, o que deve ser usado com humildade e honestidade. Os resultados da teologia em que se use a lógica de Deus dependem de pressupostos bíblicos, para que se chegue a resultados bíblicos. Infelizmente, o sectarismo da igreja, ao longo dos séculos, não permitiu que se aprofundassem os estudos da teologia cristã, levando em conta pressupostos mais claros que pudessem produzir resultados que conduzissem à definição do Evangelho, como verdade de Deus consumada no Calvário.

Essa postura sectária da igreja paralisa os conceitos teológicos e cria ídolos, porque considera a opinião de simples seres humanos como sendo verdades absolutas. O efeito mais danoso de uma teologia assim aplicada é o empoderamento dos autores e personagens da Bíblia, em detrimento da percepção que os cristãos precisam ter da autoridade de Jesus Cristo, portador da verdade absoluta. Essa é uma realidade contra a qual eu estou me insurgindo, para convidar os cristãos a reconstruirmos um cristianismo mais verdadeiro, ético e socialmente responsável, atribuindo toda autoridade divina a Jesus Cristo.

É inegável que o apóstolo Paulo tenha tido um real encontro com Jesus Cristo, como você e como eu, mas quem caiu com o rosto no pó foi ele, e não Jesus; embora os adeptos do ‘Evangelho da Graça’ nos façam crer que aconteceu exatamente o contrário. Os adeptos do apóstolo Paulo creem que Jesus o constituiu para pregar o ‘Evangelho da Graça’ aos gentios; como nós somos gentios, devemos ouvir ao apóstolo Paulo e não a Jesus, porque Ele pregou o ‘Evangelho do Reino’ aos judeus; por isso é que muitos pregadores, teólogos e escritores cristãos tratam o Evangelho como letra morta e as cartas do apóstolo Paulo como verdade absoluta.

Para que você creia que Deus não faz acepção de pessoas, para considerar o apóstolo Paulo o apóstolo dos gentios, após o encontro que teve com Jesus glorificado, Saulo ficou cego e foi socorrido por um dos ‘menores’ servos dele, a quem Ele se

manifestou como uma teofania do Espírito Santo, a essência de Deus, através de um anjo: Em Damasco havia um discípulo chamado Ananias. O Senhor o chamou numa visão: "Ananias! " "Eis-me aqui, Senhor", respondeu ele. O Senhor lhe disse:

"Vá à casa de Judas, na rua chamada Direita, e pergunte por um homem de Tarso chamado Saulo. Ele está orando; numa visão viu um homem chamado Ananias chegar e impor-lhe as mãos para que voltasse a ver". Respondeu Ananias: "Senhor, tenho ouvido muita coisa a respeito desse homem e de todo o mal que ele tem feito aos teus santos em Jerusalém. Ele chegou aqui com autorização dos chefes dos sacerdotes para prender todos os que invocam o teu nome". Mas o Senhor disse a Ananias: "Vá! Este homem é meu instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e seus reis, **e perante o povo de Israel**. (Atos 9:10-15 – grifo do autor)

Eu quero lembrar ao leitor de que eu estou ciente de que o subtítulo deste capítulo é “Deus, o universo espiritual e a eternidade”, mas a ideia central do livro é a restauração da percepção que os cristãos precisam ter da autoridade de Jesus Cristo, por isso estou apresentando os seus dois maiores obstáculos: a percepção que é ensinada aos cristãos, sobre a autoridade do apóstolo Paulo, e a autoridade da Bíblia, quando não se considera que o Evangelho é a verdade de Deus consumada no Calvário.

Os pregadores, teólogos e escritores cristãos praticamente só usam o apóstolo Paulo como fonte de autoridade divina em seus trabalhos. É porque eles inventaram uma doutrina chamada doutrina das dispensações, segundo a qual Jesus pregou o Evangelho do Reino, somente aplicável aos judeus e comissionou o apóstolo Paulo a pregar o ‘Evangelho da Graça’ aos gentios e não aos judeus; o que não é verdade, porque Jesus mandou o apóstolo Paulo: “... levar o meu nome perante os gentios e seus reis, **e perante o povo de Israel**” (Atos 9:15 – grifo do autor). Ainda que Jesus não tivesse falado “**e perante o povo de Israel**”, comissionar alguém para consumir a verdade de Deus, que Jesus já havia consumado no Calvário, não condiz com a lógica de Deus.

Tanto a percepção que é ensinada aos cristãos sobre a autoridade do apóstolo Paulo, quanto sobre a autoridade da Bíblia, serão assuntos a serem tratados com mais detalhe mais à frente; no momento ficaremos somente com esta parte introdutória, para que não venhamos a perder de vista o principal assunto deste livro: o Evangelho como verdade de Deus consumada no Calvário, que nos trouxe a graça e confirmou a lei.

Voltando às nossas considerações sobre “Deus, o universo espiritual e a eternidade”; vamos reforçar o conceito de teofania; teofania é a manifestação ou aparição de Deus, que seja perceptível aos nossos sentidos. Porque Deus é Espírito, existe uma forte correspondência entre os sentimentos de Deus e os nossos melhores sentimentos. Isto faz com que, para compreender o ser de Deus, tenhamos que pensar nele como pensamos em um ser humano perfeito. Por causa da semelhança existente entre Deus e os seres humanos, muito frequentemente, Ele faz uso da teofania, em forma humana, para se apresentar a nós, tal como Ele se apresentou a Abraão:

O Senhor apareceu a Abraão perto dos carvalhos de Manre, quando ele estava sentado à entrada de sua tenda, na hora mais quente do dia. Abraão ergueu os olhos e viu três homens em pé, a pouca distância. Quando os viu, saiu da entrada de sua tenda, correu ao encontro deles e curvou-se até ao chão. Disse ele: "Meu senhor, se mereço o seu favor, não passe pelo seu servo sem fazer uma parada. (Gn 18:1-3)

Esta manifestação de Deus se deu por meio de três anjos, poderia ser apenas um ou um milhão, a teofania se referia à manifestação de Deus, que é o Espírito Santo, a essência de Deus. Note que Abraão disse, “meu senhor”, e não, “meus senhores”, e eram três homens; “Abraão ergueu os olhos e viu três homens em pé, a pouca distância. Quando os viu, saiu da entrada de sua tenda, correu ao encontro deles e curvou-se até ao chão”. Abraão não iria se curvar diante de homens, afinal de contas, ele é conhecido como o pai da fé monoteísta; não ficaria bem ele se curvar diante de homens; eram anjos sem asas, porque quem colocou asas em todos os anjos foi a imaginação dos doutores da igreja, para que não parecessem humanos.

Continuando com a definição da palavra espírito, vejamos agora o seu terceiro e último significado no texto bíblico. A Bíblia afirma que faraó estava perturbado por um sonho que nenhum sábio do Egito conseguia decifrar: “Pela manhã, perturbado, mandou chamar todos os magos e sábios do Egito e lhes contou os sonhos, mas ninguém foi capaz de interpretá-los” (Gn 41:8). Não demorou muito para que faraó encontrasse o homem que procurava: “Por isso o faraó lhes perguntou: "Será que vamos achar alguém como este homem, em quem está o espírito divino?" (Gn 41:38). Faraó estava se referindo a José, que havia interpretado o sonho dele, de uma forma tão sábia, que não restavam dúvidas de que se tratava de alguém que tinha o Espírito de Deus. O Espírito de Deus, a que faraó se referia, era o dom do Espírito Santo.

O dom do Espírito Santo é sabedoria e poder de Deus, operando sobre os nossos espíritos ou almas. As referências bíblicas ao dom do Espírito Santo quase sempre omitem o termo dom. Ao longo do livro de Atos dos Apóstolos e das cartas dos apóstolos, os autores quase sempre se referem ao Espírito Santo, como o dom do Espírito Santo. Por causa das repetidas referências ao dom do Espírito Santo, sem mencionar a palavra dom, no livro de Atos dos Apóstolos e nas cartas dos apóstolos, muitos cristãos entendem que o Espírito Santo seja algo pequeno e não a essência de Deus, o Pai Eterno, o Criador, EU SOU O QUE SOU ou EU SOU; de fato, a maioria das referências são ao Espírito Santo como dom e não como Deus.

Como a literatura apostólica foi produzida após Jesus haver sido glorificado, e reassumido a condição plenamente divina, para continuar sendo Um com o Pai ou o Espírito Santo, é compreensível que as referências ao Espírito Santo, na literatura apostólica, tenham sido, na sua maioria, ao dom e não à essência de Deus; isto ocorre no livro de Atos dos Apóstolos e nas cartas dos apóstolos. A igreja primitiva pensava em Deus, em Jesus glorificado e no Espírito Santo como o mesmo Espírito. Esse entendimento está correto; o que não ficou clara na literatura apostólica foi a distinção entre o Espírito Santo, como a essência de Deus, Deus Poderoso, Pai Eterno, Jesus glorificado, e o Espírito Santo como dom, que é sabedoria e poder de Deus, dados aos seus servos que guardarem os mandamentos de Jesus, para que possam influenciar a sociedade, pela prática do amor a Deus e do amor ao próximo.

Agora vejamos as três definições mais importantes do cristianismo que são: Jesus, a Bíblia e o ser humano cristão. Estas três definições são dadas pelo próprio Jesus. Jesus é quem Ele diz ser: Deus; a Bíblia é o que Ele diz que ela é: ela contém o testemunha do Messias, e por isto pode ser considerada a palavra de Deus e única regra de fé e prática religiosa dos cristãos e o ser humano cristão é um anjo ainda não glorificado, que após a morte será glorificado e levado ao Céu, onde viverá eternamente, a serviço de Deus.

A definição de ser humano cristão, na teologia cristã, no sentido de que ele seja um cristão, se tornou uma verdade inconveniente para o Império Romano; o mesmo ocorreu com os reis e príncipes apoiadores da reforma protestante. Tanto os imperadores romanos quanto os monarcas apoiadores da reforma protestante submeteram o ser humano cristão ao crivo da sua conveniência política, e isto foi um desastre para o cristianismo, porque o ser humano cristão deixou de ser um anjo ainda não glorificado,

como ensina Jesus, e passou a ser carne e osso, desde o nascimento e por toda a eternidade; com isso, a carne passou a ser proveitosa, contrariando o ensino de Jesus.

O cristianismo em que o ser humano cristão é anjo ainda não glorificado é eterno, mas ele se fortaleceu em comunidades muito humildes. Os primeiros cristãos receberam o Evangelho de Jesus Cristo com muita esperança; eles eram, na sua maioria, escravos estrangeiros, cujas línguas os cidadãos romanos não compreendiam, por isto, eles não tinham sequer quem ouvisse seus lamentos de sofrimento extremo. Boa parte deles trabalhavam para ganhar somente a comida, enquanto tivessem saúde; ao ficar doentes, inválidos ou velhos eram atirados nas ruas, que se enchiam de um barulho incompreensível, por isso eles eram conhecidos pelo nome de ‘instrumentos vocálicos’, pelos cidadãos romanos.

Durante os primeiros séculos da era cristã, os ensinamentos da igreja eram tão centrados em Jesus Cristo, que ninguém ousava questionar o que Ele havia dito; porque ser cristão significava haver recebido Jesus Cristo como Deus. Semelhantemente, eu vou definir o ser humano cristão usando os conceitos ensinados por Jesus Cristo e com o espírito de quem um dia O recebeu como Deus.

É inevitável que muitos cristãos não aceitem o conceito de ser humano cristão dado por Jesus; o que é muito natural, porque, afinal de contas, já faz mais de dezesseis séculos que os doutores da igreja e os teólogos cristãos nos ensinam a buscar outras fontes de autoridade divina que não Jesus Cristo.

Tendo como base a autoridade de Jesus Cristo, eu vou começar definindo o ser humano cristão como Jesus o define, depois eu volto para a definição contida no livro de Gênesis. É possível que muitos cristãos estranhem o conceito de ser humano cristão, dado no mito da criação, porque o conhecimento deles sobre o mito da criação é muito diverso: alguns creem no mito da criação, como se ele fosse a história dos seus personagens; enquanto a grande maioria sequer o lê, por considerar o relato muito inverossímil; quando, na verdade, ele é a mais pura revelação de Deus. O mito da criação é o conteúdo dos onze primeiros capítulos do livro de Gênesis.

Eu sei também que os cristãos foram ensinados a não gostar que chamemos os onze primeiros capítulos da Bíblia de mito da criação, preferem que os chamemos de

história da criação; por que não fazemos isso? Se o relato da criação começou na pré-história, é compreensível que somente após o surgimento da escrita, que pôs fim à pré-história, o mito da criação tenha virado ‘história’; e nós precisamos, urgentemente, nos acostumar com a prática da verdade do dia a dia.

Diante de qualquer dúvida conceitual, eu peço ao leitor que vá à Bíblia, confira o que está sendo ensinado, afinal de contas estamos vivendo em uma época em que o ensino bíblico é muito pouco confiável, mas eu quero assegurar a você que olhar somente para Jesus como Ele quer que olhemos, é muito seguro; e este livro tem também este objetivo: convidar você a olhar somente para Jesus Cristo como Deus; mas também se você ainda não puder olhar para Ele como Deus, não faz mal, olhe para o Evangelho; e ainda assim, se você não conseguir olhar para o Evangelho, olhe para si mesmo, adotando a prática ética e religiosa de falar somente a verdade, a todas as pessoas, em todos os contextos e a levar Deus a sério, de acordo com o que você considera verdade de Deus.

Mas se você é um cristão que considera adequado viver conforme estes preceitos: “... guardem-se para que não sejam levados pelo erro dos que não têm princípios morais, nem percam a sua firmeza e caiam. Cresçam, porém, na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja a glória, agora e para sempre! Amém” (2 Pe 3:17-18), então, adote para a sua vida o Evangelho como verdade de Deus consumada no Calvário.

Como você pode ter observado, o principal assunto deste livro é a consideração de que o Evangelho é a verdade de Deus consumada no Calvário, que nos trouxe a graça e confirmou a lei, o que dá a devida autoridade ao Evangelho. Creio que você não irá encontrar muitos pregadores, teólogos e escritores cristãos pensando deste modo; mas essa foi a realidade do cristianismo durante os três primeiros séculos da era cristã, época em que o ser humano cristão era considerado um anjo ainda não glorificado.

Um pressuposto muito importante para a nossa definição de ser humano cristão é que o universo espiritual é composto por Deus e pelos anjos. Mas o que não faltam são especulações sobre os anjos: cultos a anjos, invocação a anjos; eu peço que você tenha muita cautela com esse assunto, porque anjos bons, resultantes dos espíritos dos seres humanos, quando glorificados, são levados imediatamente para o Céu, onde habitarão, a serviço de Deus. Vamos agora à seguinte proposição, supondo que só haja anjos bons e

anjos maus: se os anjos bons estão no Céu, a serviço de Deus, então, que anjos podem ser invocados em rituais religiosos?

Eu somente vou recorrer a Jesus, como fonte de autoridade, para definir o ser humano cristão. Certa vez, Jesus ensinava sobre a santidade requerida dos cristãos e chamou para junto de si uma criança e declarou que as crianças são modelos de santidade para os adultos; eis porque eu creio que todas as crianças nascem santas. Portanto, não herdam os pecados dos seus pais, mas cometem seus próprios pecados, ao longo das suas vidas, no entanto, herdam a pecaminosidade, que é o potencial ofensivo do pecado, cuja única exceção entre os nascidos de mulher foi Jesus.

Após tomar uma criança como padrão de santidade para os adultos, Jesus definiu o ser humano cristão, no sentido de ser ele um cristão que se santifica a tal ponto que atinja o padrão de santidade de uma criança, e afirmou: “Cuidado para não desprezarem um só destes pequeninos! Pois eu lhes digo que **os anjos deles nos céus estão sempre vendo a face de meu Pai celeste**” (Mt 18:10 – grifo do autor). Eu peço que você considere a parte grifada neste texto e confie nos ensinamentos de Jesus, porque somente essa referência de Jesus já seria suficiente para provar que somos anjos ainda não glorificados.

Em outra oportunidade, os judeus faziam um cerco para prender Jesus, acusando-o de blasfêmia; até os saduceus, que não criam na ressurreição, entraram no assunto e fizeram a seguinte pergunta:

Entre nós havia sete irmãos. O primeiro casou-se e morreu. Como não teve filhos, deixou a mulher para seu irmão. A mesma coisa aconteceu com o segundo, com o terceiro, até o sétimo. Finalmente, depois de todos, morreu a mulher. Pois bem, na ressurreição, de qual dos sete ela será esposa, visto que todos foram casados com ela? (Mt 22:25-28)

Os saduceus eram totalmente incrédulos; eles não criam que houvesse anjos nem que houvesse ressurreição, eles parecem ter entrado no assunto de modo providencial, para elucidar uma questão tão importante: “Jesus respondeu: “Vocês estão enganados porque não conhecem as Escrituras nem o poder de Deus! Na ressurreição, as pessoas não se casam nem são dadas em casamento; mas são **como os anjos no céu**” (Mt 22:29-30 – grifo do autor)

E, ainda; João Batista se encontrava preso em um calabouço horrível e esperava que Jesus o livrasse daquela situação; então, ele mandou que dois dos seus discípulos fossem a Jesus e perguntassem se Ele era realmente o Messias, ou deveríamos esperar por outro. Jesus explicou aos seus discípulos que João Batista era realmente a pessoa de quem as profecias falavam: “Porque é este de quem está escrito: Eis que diante da tua face envio o meu anjo, que preparará diante de ti o teu caminho”. (Mt 11:10)

Há um trecho muito conhecido do livro de Apocalipse em que, por repetidas vezes, Jesus se dirige ao anjo da igreja: “Ao anjo da igreja em Éfeso, escreve: ...” (Ap 2:1). Nós sabemos que Jesus nos mandou pregar o Evangelho e fazer discípulos; mandou nos reunir ou congregar em seu nome; mandou batizar e celebrar a Santa Ceia, no contexto da congregação. Quando Ele se dirigiu a Pedro, testemunha ocular do seu ministério terreno, e disse-lhe: “Cuide das minhas ovelhas” (Jo 21:17); foi exatamente o que Pedro fez, pelo resto da vida dele. Pedro pregou o Evangelho, fez discípulos, atendeu a todas as oportunidades de congregação e, certamente, participou da Santa Ceia todas as vezes que lhe foram oportunas.

Pelo que se sabe, Pedro não se fez mestre ou guia de nenhuma ovelha de Cristo, nem se tornou responsável pelo destino final da alma de qualquer delas, assim como nenhum outro apóstolo fez isto; daí a conclusão de que o tratamento anjo é para representar toda a congregação, como usamos a palavra homem para representar o elemento humano em um ecossistema.

É verdade que Pedro foi um discípulo muito próximo a Jesus; vejamos, então, o seu testemunho sobre o que aconteceu imediatamente após Jesus ter sido morto e entregue o seu Espírito ao Pai ou Espírito Santo: “Pois também Cristo sofreu pelos pecados uma vez por todas, o justo pelos injustos, para conduzir-nos a Deus. Ele foi morto no corpo, mas vivificado pelo Espírito, no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão” (1 Pe 3:18-19). Jesus glorificado desceu ao Seio de Abraão e resgatou todos os espíritos dos mortos que, em vida, aprenderam no momento em que Deus lhes ensinou; são pessoas que se tornaram da verdade, e por causa disto, teriam que ouvir a voz de Jesus, não importando a que religião tenham pertencido.

Eu não sei como seria o cristianismo se esse episódio não tivesse sido registrado no Evangelho e na carta do apóstolo Pedro. Esse episódio é a espinha dorsal da igreja

cristã católica, no sentido de ela ser universal e alcançar a todos os seres humanos, desde Adão. Mesmo com tais registros, e fazendo parte da lógica de Deus, muitos pregadores, teólogos e escritores cristãos não dão a menor importância a esse episódio, como não dão importância ao Evangelho, que é a verdade de Deus que nos trouxe a graça e confirmou a lei.

Aplicando a lógica de Deus, vamos analisar esta proposição: haveria algum ser humano no Céu, antes da descida de Jesus ao Seio de Abraão? Se o caminho para árvore da vida esteve fechado por um anjo, para todos os seres humanos, até que Jesus consumasse a graça então, a resposta é não: “Depois de expulsar o homem, colocou a leste do jardim do Éden querubins e uma espada flamejante que se movia, guardando o caminho para a árvore da vida”. (Gn 3:24)

Vejamos, então, como o Céu ficou bonito depois que Jesus glorificado desceu ao Seio de Abraão e libertou os espíritos dos mortos que, em vida, escolheram aprender o que Deus lhes ensinou e se tornaram da verdade, eles ouviram a voz de Jesus:

Então olhei e ouvi a voz de muitos anjos, milhares de milhares e milhões de milhões. Eles rodeavam o trono, bem como os seres vivos e os anciãos, e cantavam em alta voz: "Digno é o Cordeiro que foi morto de receber poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor!". (Ap 5:11-12)

Sobre essa cena ser uma visão do Céu povoado por almas ou espíritos dos seres humanos, creio que não restam dúvidas. Quando eu convido o leitor a uma conclusão, é uma conclusão lógica. Supondo que o autor do livro de Apocalipse tenha usado a ordem cronológica dos acontecimentos revelados, o capítulo cinco ainda está muito longe do final do livro; Jesus havia acabado de advertir as igrejas cujos membros ainda estavam vivos, naquela época, daí a conclusão de que o que foi mostrado no capítulo cinco, já era uma realidade no Céu, a ser desejada pelos cristãos, a quem foi dirigida a revelação; ou o propósito da revelação era outro?

Os seres vivos e os anciões, certamente, também eram anjos, porque o universo espiritual é formado por Deus e pelos anjos. Eram anjos, a serviço de Deus, apresentados de tal maneira que pudessem servir a Ele, da melhor forma possível. Os anciões, ninguém tem dúvidas, são seres humanos, que transpuseram o caminho para a árvore da vida. Como? Em vida, eles aprenderam com Deus e, por isto, ouviram a voz de Jesus; a

conclusão lógica é que o mesmo aconteceu a todos os anjos representados nesta parte da revelação; são seres humanos, que, em vida, aprenderam com Deus, se tornaram da verdade e ouviram a voz de Jesus.

Considere, ainda, que o livro de Apocalipse foi escrito em um período de extrema perseguição à igreja. Com essa visão, Jesus glorificado trouxe à memória dos seus servos aquilo que Ele havia prometido, desde que se apresentou, como descendente da mulher, com legitimidade para esmagar a cabeça da serpente: estava tudo consumado. A graça era representada pelo acesso de todos aqueles anjos ao Céu; antes pecadores, mas então, glorificados, à semelhança de Deus.

Jesus glorificado mostrou uma visão completa do Céu naquele momento; tudo obra da sua mão, autenticada pela inconfundível assinatura dos quatro seres viventes, que são as quatro versões do Evangelho, representadas por quatro anjos, cada um deles: “... cheio de olhos, tanto ao redor como por debaixo das asas. ...” (Ap 4:8). Este é o papel da verdade de Deus: aqui na Terra, com tantos olhos, iluminar o caminho dos vivos; e no Céu testemunhar sobre a eficácia da graça, na vida dos que comemoram a derrota da morte.

O livro de Apocalipse é um livro que trata do universo espiritual, composto por Deus e pelos anjos. Todos os seus personagens, se não é Deus, são anjos; mesmo seres humanos, ainda vivos, os anjos das igrejas, foram tratados como anjos ainda não glorificados. A julgar pela maneira folclórica como a igreja tem tratado os anjos, eu imagino que muitas pessoas irão se perguntar: quando tivermos nossos corpos transformados em teofanias, receberemos um par de asas? A resposta é não, porque Jesus teve seu corpo físico transformado em uma teofania, para se apresentar a seus servos como teofania do Espírito Santo, a essência de Deus, mas Ele não recebeu um par de asas.

O que faz da Bíblia um livro tão maravilhoso é o testemunho de Jesus que há nela, mas há outros aspectos a serem considerados, principalmente, a independência de Deus em relação à autoria dos livros nela contidos. Os dois livros mais tardios da Bíblia são o Evangelho segundo João e o Apocalipse. Como revelações tardias de Jesus Cristo, esses dois livros trazem a última palavra sobre a cosmovisão cristã para Deus e para o ser humano, respectivamente. O fato de estes dois livros serem revelações tardias significa que seu conteúdo é tão fiel ao seu objetivo, que até mesmo a adulteração de Apocalipse, feita por Nero deixou marcas incontestes.

O ensino cristão, que surgiu depois do ano 380, com o fim da igreja primitiva, se destina a definir Jesus por meio dos escritos atribuídos ao apóstolo Paulo, mas escritos por filósofos sofistas, a serviço do Império Romano e não por aquilo que Jesus ensinou sobre Deus e sobre o ser humano, por isso, ela passou a ser intitulada de igreja apostólica romana. Ser apostólica, por si só, não seria o problema; o problema está em não considerar que o Evangelho é a verdade de Deus, consumada no Calvário, que nos trouxe a graça e confirmou a lei.

Para prevenir o excesso de atenção aos escritos atribuídos ao apóstolo Paulo, Deus levanta o Evangelho segundo João, para nos ensinar que a graça ensinada pelo apóstolo Paulo não correspondia a toda a obra pela qual Jesus havia sido morto: "Pois a Lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por intermédio de Jesus Cristo" (Jo 1:17). Com isso, eu creio que tenha ficado claro que o Evangelho é a verdade de Deus consumada no Calvário, que nos trouxe a graça e confirmou a lei; tese que eu defendo com tanta insistência.

Nenhum cristão honesto que leia o Evangelho segundo João pode ter dúvidas sobre ele tratar ou não da cosmovisão cristã para Deus. Do mesmo modo, o livro do Apocalipse trata da cosmovisão cristã para o ser humano. Para provar que o ser humano cristão é um anjo ainda não glorificado, eu tomo como exemplo o trecho em que o autor do livro afirma: "Então caí aos seus pés para adorá-lo, mas ele me disse: "Não faça isso! Sou servo como você e como os seus irmãos que se mantêm fiéis ao testemunho de Jesus. Adore a Deus! O testemunho de Jesus é o espírito de profecia" (Ap 19.10). Você já percebeu que os anjos que apareciam a Abraão, por exemplo, aceitavam que seres humanos se encurvassem diante deles? Por que, então, este anjo não aceitou?

No mesmo contexto, e em seguida o autor testifica: "Eu, João, sou aquele que ouviu e viu estas coisas. Tendo-as ouvido e visto, caí aos pés do anjo que me mostrou tudo aquilo para mim, para adorá-lo. Mas ele me disse: "Não faça isso! Sou servo como você e seus irmãos, os profetas, e como os que guardam as palavras deste livro. Adore a Deus!" (Ap 22:8-9). Certamente se tratava do mesmo anjo que se identificava com os seres humanos, bem diferentes dos anjos descritos em Gênesis.

Neste ponto, eu creio que já seja possível definir o ser humano cristão: a partir do instante em que ele buscar a santidade comparável à santidade de uma criança, "... o anjo

dele nos céus está sempre vendo a face de meu Pai celeste” (Mt 18:10); ele é um cidadão do Céu. Um cidadão muito rico, por isso não precisa de muito, porque o seu Senhor é dono de todo o “... poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor!” (Ap 5:12). Ele é um anjo ainda não glorificado. Por uma questão de compromisso em utilizar exclusivamente a autoridade de Jesus, eu defino o ser humano cristão como a pessoa que aprende o que Deus lhe ensina durante esta vida: “...Ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, não o atrair; e eu o ressuscitarei no último dia. Está escrito nos Profetas: ‘Todos serão ensinados por Deus’. Todos os que ouvem o Pai e dele aprendem vêm a mim” (Jo 6:44-45). Esta é a definição do ser humano cristão, independentemente da religião que professe.

Agora vejamos a definição do ser humano cristão do ponto de vista do mito da criação. Eu considero o mito da criação tão importante para o cristianismo monoteísta, que dedico o próximo capítulo deste livro inteiramente a ele. O mito da criação foi esquecido pelos cristãos porque a eles não foi ensinado que tal mito foi dá forma à Escritura, dirigida à humanidade, por centenas de milhares de anos. Ele trata da natureza do ser humano e da forma como Deus se relaciona com ele; a natureza humana descrita no mito da criação é uma verdade criacionista, ela brota de dentro para fora do espírito humano, não há como alguém negar; suas verdades são a nossa única esperança, que têm se consumado, a seu tempo, ao longo da história sagrada, contida na Bíblia.

A primeira verdade criacionista relacionada ao ser humano é: “Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” (Gên. 1:27). Deus criou os anjos logo depois de criar a luz, porque os anjos eram necessários para cuidar dos serviços de Deus de criar tudo o que foi criado. Deus criou o ser humano com a ajuda dos anjos e, se dermos crédito às palavras de Jesus, concluiremos que o ser humano é uma categoria de anjos.

Se a verdade é o próprio Deus, então a mentira pode ser considerada o Maligno; Jesus afirma que o Maligno é o pai da mentira. Portanto, não se esqueça de que todo este trecho que você vai ler visa chamar a sua atenção para os efeitos destrutivos da mentira na vida dos seres humanos. A mentira é tão destrutiva, que a maneira como a tratamos determina onde passaremos a eternidade; se como anjos bons para a vida eterna ou se como anjos maus para a destruição eterna:

Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais selvagens que o Senhor Deus tinha feito. E ela perguntou à mulher: "Foi isto mesmo que Deus disse: 'Não comam de nenhum fruto das árvores do jardim'?" Respondeu a mulher à serpente: "Podemos comer do fruto das árvores do jardim, mas Deus disse: 'Não comam do fruto da árvore que está no meio do jardim, nem toquem nele; do contrário vocês morrerão' ". Disse a serpente à mulher: "Certamente não morrerão! Deus sabe que, no dia em que dele comerem, seus olhos se abrirão, e vocês serão como Deus, conhecedores do bem e do mal". Quando a mulher viu que a árvore parecia agradável ao paladar, era atraente aos olhos e, além disso, desejável para dela se obter discernimento, tomou do seu fruto, comeu-o e o deu a seu marido, que comeu também. (Gn 3:1-6)

Esse relato é muito conhecido e pouco levado a sério; ele será explicado com mais detalhes no próximo capítulo. Esse episódio se chama queda; foi quando nossos pais foram enganados pela serpente, desobedeceram a Deus e perderam o direito à vida eterna. Como juízo pela desobediência, Deus condenou a serpente e sua descendência a não subir ao Céu; e à mulher, condenou a sua descendência à liberdade de escolher a que descendência pertencer; se permanecer na descendência da mulher ou passar para a descendência da serpente.

Com isso, nos tornamos dependentes do ensino de Deus para que possamos ter o necessário conhecimento do Bem e do Mal; tal conhecimento só pode vir de Deus, através da sua verdade, e não do fruto da serpente, envenenado pela mentira: "... Sobre o seu ventre você rastejará, e pó comerá todos os dias da sua vida. Porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e o descendente dela; este lhe ferirá a cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar". (Gn 3:14-15)

Escolher a verdade de Deus tem como recompensa habitar no Céu, eternamente, como anjo, a serviço de Deus, como Jesus nos mostra:

Então olhei e ouvi a voz de muitos anjos, milhares de milhares e milhões de milhões. Eles rodeavam o trono, bem como os seres vivos e os anciãos, e cantavam em alta voz: "Digno é o Cordeiro que foi morto de receber poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor!". (Ap 5:11-12)

Como Jesus não veio julgar, senão todos nós estaríamos perdidos, e sim, para salvar os pecadores; para alguém pertencer à descendência da serpente é preciso fazer a escolha

consciente, resoluto e definitiva. Por isso Jesus não permite que julguemos ninguém quanto ao estado final da sua alma.

A serpente é um anjo, mas foi apresentada a nossos pais como um animal selvagem; ela nunca chegou ao nível dos seres humanos; ela era astuta como animal selvagem: “era o mais astuto de todos os animais selvagens que o Senhor Deus tinha feito”. O principal objetivo da serpente é persuadir os seres humanos a descerem ao nível dos animais selvagens; não dando importância ao fato de que seus espíritos são anjos, criados santos, à espera da glorificação ou da destruição, juntamente com ela.

Portador de dupla natureza, carne e espírito; criados santos, mas caídos, marchamos em direção ao Céu, de onde um dia nossos pais foram expulsos: “Depois de expulsar o homem, colocou a leste do jardim do Éden querubins e uma espada flamejante que se movia, guardando o caminho para a árvore da vida” (Gn 3:24). Como Deus expulsou nossos pais do Paraíso, eles jamais retornariam para lá sem a ajuda de Deus.

A necessária ajuda de Deus se expressa através da graça, da verdade e da lei. A graça de Deus foi a decisão dele de encarnar em um ser humano, da descendência da mulher, para morrer em lugar de todos os outros seres humanos, que aprendesse com Ele, e se tornassem da verdade. E a verdade é o ensino que Deus nos dá, que nos permite trilhar o caminho para a árvore da vida; esse caminho tem como ponto de partida os setenta primeiros capítulos da Bíblia e é formado pelas manifestações de Deus e profecias de natureza messiânica, que conduzem ao Evangelho, que é a própria árvore da vida, de cujos frutos as pessoas que são da verdade se alimentam por toda a eternidade.

Em parágrafo recente, eu insisti com você sobre o perigo da mentira, para pedir que você se afaste dela; não da mentira dos outros, mas da sua, Jesus afirma: “Seja o seu ‘sim’, ‘sim’, e o seu ‘não’, ‘não’; o que passar disso vem do Maligno” (Mt 5:37). A minha recomendação, independentemente de você ser cristão ou não é: adote a prática ética e religiosa de falar somente a verdade, a todas as pessoas, em todos os contextos e leve Deus a sério, de acordo com o que a sua consciência considere verdade; eu sugiro o Evangelho; verdade de Deus consumada no Calvário.

JESUS É DEUS PODEROSO E PAI ETERNO

A explicação para a divindade de Jesus Cristo começa neste versículo: “Porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e o descendente dela; este lhe ferirá a cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar” (Gn 3:15). De acordo com a Bíblia, é esse versículo que norteia a humanidade na sua caminhada de volta ao Paraíso, guiada pela lei de Deus que é composta pela lei da consciência; pela lei de Moisés, que são os Dez Mandamentos, e é uma forma escrita da lei da consciência e pelo Evangelho, que é a lei da consciência, expressa em termos do Espírito, ou seja, o cristão passa a andar segundo a sabedoria e o poder de Deus.

O retorno do ser humano ao Paraíso começou com a promessa de encarnação do Espírito Santo, a essência de Deus, em um descendente da mulher; ou seja, em um Ser Humano. Essa promessa tem dois conteúdos essenciais: a graça e a verdade. A graça é o sacrifício do Ser Humano, gerado pelo Espírito Santo, a essência de Deus, em lugar de todas as pessoas que, quando ensinadas por Deus, aprendem, e se tornem da verdade, vão a Jesus, para a remissão dos pecados delas; e a verdade de Deus é o Evangelho, que é também a árvore da vida; ponto de chegada de todo aquele que percorra este caminho, em busca de sentido e eternidade para a vida.

Uma profecia messiânica apresenta Jesus como o “... Pai Eterno, ...” (Is 9:6), mas também há pessoas que veem Jesus como Filho de Deus, era assim que os judeus viam o Messias, e essa é uma visão correta, mas quando Jesus disse ser o Filho de Deus, eles tentaram apedrejá-lo, porque consideravam que ser Filho de Deus é ser igual a Deus. Também há cristãos que consideram que Jesus é filho de Deus como eles são; mas tal forma de pensar sobre Jesus O reduz a um simples homem, como faziam os líderes judeus, isso apequena Deus e não está correto.

Crer que Jesus é quem diz ser é crer que Jesus é “... Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz” (Is 9:6). Como a essência de Deus é o Espírito Santo, e só existe um Deus, Deus Poderoso e Deus Forte são outros nomes que o Espírito Santo recebe, por isto Jesus glorificado, por ser Um com Deus, ou o Pai, é o Espírito Santo, a essência de Deus.

Se tomarmos como verdade o fato de que não existe mais do que uma entidade espiritual para representar Deus, então, só existe uma, que é o Espírito Santo. Daí a

conclusão de que nem o Pai nem o Filho são entidades espirituais, são teofanias, porque a entidade espiritual que é Deus é o Espírito Santo, que é a essência de Deus. Para compreender o ser de Deus é preciso que levemos em conta que referências como o Espírito Santo, o Pai, o Filho, Deus Poderoso, Deus, Jesus glorificado, como a essência de Deus ou como teofanias têm o mesmo significado de Deus, para todos os fins. Não são multiplicidades, ou são a essência de Deus ou são teofanias de Deus.

O evangelista João apresenta Jesus Cristo como Deus em sua versão do Evangelho e assim O trata ao longo de todo o texto:

No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era Deus. Ela estava com Deus no princípio. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele; sem ele, nada do que existe teria sido feito. Nele estava a vida, e esta era a luz dos homens. A luz brilha nas trevas, e as trevas não a derrotaram. Surgiu um homem enviado por Deus, chamado João. Ele veio como testemunha, para testificar acerca da luz, a fim de que por meio dele todos os homens cressem. Ele próprio não era a luz, mas veio como testemunha da luz. Estava chegando ao mundo a verdadeira luz, que ilumina todos os homens. Aquele que é a Palavra estava no mundo, e o mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o reconheceu. Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam. Contudo, aos que o receberam, aos que creram em seu nome, deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus, os quais não nasceram por descendência natural, nem pela vontade da carne nem pela vontade de algum homem, mas nasceram de Deus. (Jo 1:1-13)

Nascido menino judeu, Jesus teve que esperar a hora para agir com o poder de Deus, característico do Messias. Certa vez Ele afirmou: "... A minha hora ainda não chegou". (Jo 2:4). Ele só começou a agir com o poder de Deus, para nos trazer a graça, a verdade e confirmar a lei, após ter sido batizado. Durante o batismo, o Espírito Santo, a essência de Deus, ou o Pai O apresentou ao mundo, como o Messias, o qual nos comunicaria a sua verdade e consumaria a redenção das nossas almas; Jesus foi morto em nosso lugar, por causa dos nossos pecados, para que tenhamos a vida eterna. Jesus não tinha nenhuma autonomia em relação ao Pai ou o Espírito Santo, esta é uma verdade essencial do cristianismo.

Ao ser morto, Jesus consumou a graça, a verdade e confirmou a lei; e a partir de então, Ele reassumiu a condição plenamente divina como Espírito Santo, a essência de

Deus, "...Deus Poderoso, Pai Eterno, ..." (Is 9:6) ou Jesus glorificado. Isto explica o fato de que Jesus, antes da encarnação, como o Messias, era o Espírito Santo, a essência de Deus, Deus Poderoso, Pai Eterno. Jesus cumpriu a obra redentora como "... o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mt:16:16), e após ser morto, foi glorificado e retomou a condição de Espírito Santo, a essência de Deus, como Jesus glorificado.

A autoridade que Jesus Cristo tem decorre do fato de, após ser morto, Ele haver reassumido a condição plenamente divina como o Espírito Santo, a essência de Deus. A partir de então, Jesus passou a se apresentar aos seus servos em teofania como Jesus glorificado, o Cordeiro, o Filho, Deus Poderoso, ou qualquer outra teofania associada ao "... Cristo, o Filho do Deus vivo". (Mt:16:16) Enquanto viveu entre nós Jesus foi "... o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mt:16:16), a quem, durante a concepção, foi atribuída a porção do Espírito Santo, pleno em autoridade, para nos trazer a graça, a verdade e confirmar a lei: "Pois aquele que Deus enviou fala as palavras de Deus, porque ele dá o Espírito sem limitações". (Jo 3:34)

Após ser batizado, Jesus Cristo foi apresentado ao mundo, para exercer seu ministério terreno. Isto causou um mal-estar muito grande entre os líderes judeus, porque eles esperavam pela vinda do Messias, fazia milênios, mas eles não aceitavam que Jesus fosse o Messias. Eles rejeitavam a Jesus porque o que Ele lhes oferecia era a vida eterna no Céu, e não a simples libertação da nação Israel, do poder do Império Romano.

Os líderes judeus esperavam pelo Messias, eles sabiam que o Messias é "... Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz" (Is 9:6), mas eles tinham uma prioridade maior, que os tornou surdos e cegos e não conseguiram ver nem ouvir o Messias: Os judeus reuniram-se ao redor dele e perguntaram: "Até quando nos deixará em suspense? Se é você o Cristo, diga-nos abertamente". Jesus respondeu:

"Eu já lhes disse, mas vocês não creem. As obras que eu realizo em nome de meu Pai falam por mim, mas vocês não creem, porque não são minhas ovelhas. As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna, e elas jamais perecerão; ninguém as poderá arrancar da minha mão. Meu Pai, que as deu para mim, é maior do que todos; ninguém as pode arrancar da mão de meu Pai. Eu e o Pai somos um". Novamente os judeus pegaram pedras para apedrejá-lo, mas Jesus lhes disse: "Eu lhes mostrei muitas boas obras da parte do Pai. Por qual delas vocês querem me apedrejar?" Responderam os judeus: "Não vamos apedrejá-

lo por nenhuma boa obra, mas pela blasfêmia, porque você é um simples homem e se apresenta como Deus". (Jo 10:24-33)

Os líderes judeus ficaram perplexos com as palavras de Jesus, certamente eles O levaram a sério. Eu vejo a perplexidade dos líderes judeus como uma forma de temor a Deus. Daí a conclusão de que o que estava por trás da dureza de coração dos líderes judeus era o nosso pecado, pelo qual Jesus foi morto. Eu peço que você considere a justificativa dos líderes judeus para apedrejarem Jesus: "Não vamos apedrejá-lo por nenhuma boa obra, mas pela blasfêmia, porque você é um simples homem e se apresenta como Deus"; eles acusaram Jesus de blasfêmia. Eu peço que você abra seu coração para compreender que o que Jesus afirmava não é nenhuma blasfêmia, Ele se apresenta como Deus.

À semelhança dos líderes judeus, também os líderes cristãos não souberam o que viria após a morte do Messias. Ao ser morto, "... O Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mt:16:16) cumpriu com seu último ato de submissão ao Espírito Santo, a essência de Deus, ou o Pai, como "... o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mt:16:16), o Filho do Homem, o Filho de Deus, o Messias ou o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Ao ser morto, Jesus se desfez da sua condição humana e entregou a porção do Espírito Santo que lhe foi atribuída durante a concepção: "... Jesus disse: "Está consumado!" Com isso, curvou a cabeça e entregou o espírito". (Jo 19:30)

A partir daquele instante, Jesus reassumiu a condição plenamente divina como o Espírito Santo, a essência de Deus, e passou a se apresentar em teofania, como Jesus glorificado, ou qualquer outro título de Deus para representar o Filho. A consumação a que Jesus se refere é da obra da graça e da verdade, para a qual o Espírito Santo encarnou em um ser humano, que as profecias messiânicas diziam ser, "Deus Poderoso, Pai Eterno, ..." (Is 9:6). Portanto, não esperemos que qualquer outro venha nos trazer a verdade de Deus, porque ela já foi consumada por Jesus no Calvário, por isso, somos salvos pela graça, mediante a fé na verdade.

Temos que compreender que Jesus glorificado é o Espírito Santo, a essência de Deus, e pode se apresentar aos seus servos como uma teofania que o identifique como o Filho, ainda que seja como Deus Poderoso e Pai Eterno. Portanto, não importa quão sedutor seja o mundo a nossa volta, temos que considerar as vantagens de vivermos

atentos para os momentos em que Deus bate à nossa porta para nos ensinar, muito frequentemente são momentos de sofrimento.

É preciso termos em mente que só ouve a voz de Jesus quem, ao ser ensinado por Deus, aprende e se torna da verdade, quem não se tornar da verdade não ouve: Jesus respondeu:

"Eu já lhes disse, mas vocês não creem. As obras que eu realizo em nome de meu Pai falam por mim, mas vocês não creem, porque não são minhas ovelhas. As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna, e elas jamais perecerão; ninguém as poderá arrancar da minha mão. (Jo 10:25-28)

Jesus, ao se apresentar ao mundo, tinha o mesmo objetivo que Ele tem hoje: Ele desejava ser recebido como Deus. E os líderes judeus O rejeitaram, sem considerar que a realização das profecias messiânicas era a única esperança que eles tinham de que Deus provaria sua fidelidade para com eles. É notável a dificuldade que os líderes judeus tinham em aceitar que Jesus fosse o Messias, o Cristo, que eles criam ser Deus. Não adiantava Jesus afirmar ser o Messias, eles não queriam crer que Ele fosse quem as profecias messiânicas afirmavam quem Ele era.

Os líderes judeus rejeitaram Jesus porque o viam como um simples homem, isto fica claro quando eles afirmam: "Não vamos apedrejá-lo por nenhuma boa obra, mas pela blasfêmia, porque você é um simples homem e se apresenta como Deus". Eles pensavam assim e o declaravam; bem diferente de muitos cristãos, que sabem que Jesus afirma ser Deus, não creem que Jesus seja Deus, nem acham que tal atitude seja grave. Isto é blasfêmia e blasfêmia é uma daquelas atitudes que Jesus afirma serem pecados.

Quando Jesus perguntou aos líderes judeus: "Quem dentre vós me convence de pecado? E se vos digo a verdade, por que não credes?" (Jo 8:46), Ele estava afirmando ser muito diferente de todos os seres humanos. Por isso, não podemos reduzir Jesus a apenas mais um personagem da Bíblia, com a mesma autoridade dos demais personagens e autores. Esta percepção sobre a autoridade de Jesus é muito danosa para os cristãos, porque ela os empurra para a idolatria.

O Evangelho foi tão esquecido por muitos pregadores, teólogos e escritores cristãos que eles nem mesmo consideram que, no monte da transfiguração, ficou claro que Jesus confirma a lei e os profetas:

Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago, e os levou, em particular, a um alto monte. Ali ele foi transfigurado diante deles. Sua face brilhou como o sol, e suas roupas se tornaram brancas como a luz. Naquele mesmo momento apareceram diante deles Moisés e Elias, conversando com Jesus. Então Pedro disse a Jesus: "Senhor, é bom estarmos aqui. Se quiseres, farei três tendas: uma para ti, uma para Moisés e outra para Elias". Enquanto ele ainda estava falando, uma nuvem resplandecente os envolveu, e dela saiu uma voz, que dizia: "Este é o meu Filho amado em quem me agrado. Ouçam-no! "Ouvindo isso, os discípulos prostraram-se com o rosto em terra e ficaram aterrorizados. Mas Jesus se aproximou, tocou neles e disse: "Levantem-se! Não tenham medo! "E erguendo eles os olhos, não viram mais ninguém a não ser Jesus. (Mt 17:1-8)

É com base em textos bíblicos como este que eu considero uma grande blasfêmia, alguém comparar Jesus a qualquer outro personagem da Bíblia. Jesus se transfigurou diante de três dos seus discípulos. Enquanto isso, apareceram Moisés e Elias, representando a Lei e os Profetas, respectivamente. Simão Pedro, ao se sentir confortável, na presença dos três, falou: "Senhor, é bom estarmos aqui. Se quiseres, farei três tendas: uma para ti, uma para Moisés e outra para Elias". Enquanto ele ainda estava falando, uma nuvem resplandecente os envolveu, e dela saiu uma voz, que dizia: "Este é o meu Filho amado em quem me agrado. Ouçam-no!" Daí a minha conclusão de que Jesus nos basta, e que sua mensagem contempla a autoridade da Lei e dos profetas.

Eu considero que a igreja precisa ser despertada e levantada por Jesus, para que possa dispensar todos os outros guias: "Mas Jesus se aproximou, tocou neles e disse: "Levantem-se! Não tenham medo! "E erguendo eles os olhos, não viram mais ninguém a não ser Jesus". É lamentável que o cristianismo, da forma como ficou, após os concílios que deliberaram sobre o cânon do Novo Testamento, que atribuíram igual autoridade divina a todos os autores e personagens bíblicos. Os mestres da igreja não conseguiram sequer perceber que o apóstolo Paulo, em suas cartas, bajula a Jesus e aos crentes, usando a graça de Deus, mal definida, para opor os cristãos à Lei de Deus, que são os Dez Mandamentos, para inviabilizar a sociedade cristã.

A transfiguração de Jesus foi um dos atos mais emblemáticos, do seu ministério terreno, para nos mostrar que somente Ele tem autoridade sobre tudo e sobre todos. Durante a transfiguração Ele mostrou como deveriam ser as relações dos servos de Deus com Jesus glorificado, o Espírito Santo, a essência de Deus: deveria ser uma relação pessoal, sem nenhuma intervenção humana, ainda que tais humanos fossem bíblicos. Por isso, eu considero muito seguro deixarmos de lado todos os personagens bíblicos e olharmos somente para Jesus, eu penso que esta seja a única forma de vivermos plenamente o cristianismo, como uma religião em que há Deus e esperança.

Creio que muitos cristãos herdaram da cultura judaica a percepção de que o Messias teria um papel meramente instrumental, em benefício deles; por isso, muitos pregadores, teólogos e escritores cristãos só falam da graça e fazem questão de omitir a importância da verdade de Deus, que é o Evangelho; verdade de Deus consumada no Calvário. Para tais líderes cristãos, em todos os contextos, a graça de Deus, definida pelo apóstolo Paulo lhes basta. Eles não conseguem enxergar o dedo do Maligno insuflando os cristãos à desobediência à Lei de Deus, que são os Dez Mandamentos.

Os judeus criam nas profecias messiânicas. Para eles o Messias era a sua única esperança. O mais messiânico dos livros da Bíblia, o livro do profeta Isaías, estava sempre à mão para ser lido durante os cultos; tanto assim, que Jesus encontrou um exemplar dele quando pregava em uma sinagoga em Nazaré. As profecias messiânicas eram essenciais para a fé dos judeus. Assim como todas as manifestações de Deus contidas na Bíblia hebraica, elas representavam sinais de que Deus não os havia esquecido.

O livro do profeta Isaías é um livro messiânico, porque boa parte das suas profecias são como um retrato falado do Messias. Uma delas é a seguinte: “Por isso o Senhor mesmo lhes dará um sinal: a virgem ficará grávida e dará à luz um filho, e o chamará Emanuel” (Is 7:14); Emanuel significa Deus conosco. Os líderes judeus, no entanto, não deram crédito à pregação de Jesus, mas isso também faz parte das profecias messiânicas. Portanto, prevalece a tese de que Deus nunca é pego de surpresa, mas os líderes judeus, que não aceitaram que Jesus fosse quem dizia ser foram, porque o pecado deles os cegou e os matou, porque o pecado cega e mata qualquer pessoa que se desvie da verdade e não leve Deus a sério.

Às vezes, eu penso que os cristãos fazem um juízo muito severo sobre os judeus dos tempos de Jesus, mas fora do judaísmo só havia trevas. A prova disso é que a elite romana se divertia da maneira mais cruel possível. A vida humana não valia nada. Seres humanos eram postos para lutar contra feras nas arenas em lutas meramente recreativas. As pessoas pareciam não ter alma, e tudo era resolvido pela força. Portanto, não era fácil alguém dar crédito a uma pregação como a do Evangelho de Jesus Cristo, em um contexto em que a conquista só poderia ser feita pela força.

Estamos falando do Império Romano, e antes do Império Romano, o que havia? Havia outros impérios igualmente cruéis, mas o ser humano sempre foi um espírito semelhante a Deus, representado pela sua alma. Deus sempre ensinou a todas as pessoas, umas aprenderam e outras não aprenderam, as que aprenderam com Deus foram sal da terra e luz do mundo, enquanto viveram, não importando quando ou onde tenham vivido.

As pessoas que não quiseram aprender com Deus promoveram brutalidades tanto no mundo da subversão, quanto na lei que a reprimia; aí, vieram leis do tipo olho por olho e do dente por dente, que os líderes judeus sabiam que nada tinha a ver com a lei de Deus, mas as atribuíam a Ele; são leis que não condizem com o amor a Deus, nem com o amor ao próximo, as quais Jesus revogou, embora eu ainda não tenha encontrado até agora um único pregador, teólogo ou escritor cristão que admita que Jesus tenha revogado qualquer preceito bíblico: Vocês ouviram o que foi dito: ‘Olho por olho e dente por dente’. Mas eu lhes digo: Não resistam ao perverso. Se alguém o ferir na face direita, ofereça-lhe também a outra. E se alguém quiser processá-lo e tirar-lhe a túnica, deixe que leve também a capa. Se alguém o forçar a caminhar com ele uma milha, vá com ele duas. (Mt 5:38-41)

Em meio a tanta brutalidade, as palavras de Jesus foram se alojando nos corações das pessoas que aceitassem aprender com Deus, para se tornarem da verdade. Foi o sentimento de amor a Deus e de amor ao próximo, ensinado por Jesus e pelos seus servos, que se espalhou pelas sarjetas, pelas casas humildes, pelas mansões, pelos quarteis e pelos palácios, que fez com que o Evangelho fosse aceito em quase todo o mundo então conhecido, cerca de três séculos depois da sua morte.

Jesus Cristo não possuía qualquer credencial humana que O habilitasse a ser ouvido por quem quer que tenha vivido na sua época. E pelo que diz a profecia messiânica, a beleza física de Jesus está somente na literatura ocidental; “... Ele não tinha

qualquer beleza ou majestade que nos atraísse, nada em sua aparência para que o desejássemos” (Is 53:2). Agora imagine um Jesus divinamente feio, pobre e conduzido a um tribunal, cujo juiz era Pilatos. Como se tanta fragilidade não bastasse, os judeus viam Jesus como alguém iletrado:

Quando a festa estava na metade, Jesus subiu ao templo e começou a ensinar. Os judeus ficaram admirados e perguntaram: "Como foi que este homem adquiriu tanta instrução, sem ter estudado?" Jesus respondeu: "O meu ensino não é de mim mesmo. Vem daquele que me enviou. Se alguém decidir fazer a vontade de Deus, descobrirá se o meu ensino vem de Deus ou se falo por mim mesmo. (Jo 7:14:17)

Vivendo em um mundo tão sem compaixão, Jesus foi posto diante de um juiz muito tirano. Pilatos era mesmo muito cruel, o Evangelho afirma isto. Mas ele deixou uma porta aberta para que a verdade entrasse na vida dele, o Evangelho também afirma isto. Veja o que aconteceu enquanto Pilatos se preparava para julgar Jesus: “Estando Pilatos sentado no tribunal, sua mulher lhe enviou esta mensagem: "Não se envolva com este inocente, porque hoje, em sonho, sofri muito por causa dele" (Mt 27:19). Porém Pilatos não podia fazer muito, porque o seu réu, “... foi transpassado por causa das nossas transgressões, foi esmagado por causa de nossas iniquidades; o castigo que nos trouxe paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos curados”. (Is 53:5)

O julgamento de Jesus Cristo, do ponto de vista do Império Romano e de Pilatos, não tinha a menor importância; era uma questão religiosa dos judeus, que só não dava para ser realizado por eles mesmos, porque os judeus não tinham permissão para executar ninguém. Seria um julgamento ridículo e a execução igualmente ridícula, como eram as execuções de pobres no Império Romano da tirania e das execuções em massa. Mas o réu resolveu julgar o seu juiz e absolvê-lo; porque Pilatos, apesar de estar a serviço do Império Romano, pensava em Deus por si mesmo: Pilatos então voltou para o Pretório, chamou Jesus e lhe perguntou: "Você é o rei dos judeus?" Perguntou-lhe Jesus: "Essa pergunta é tua, ou outros te falaram a meu respeito?" Respondeu Pilatos: "Acaso sou judeu? Foram o seu povo e os chefes dos sacerdotes que entregaram você a mim. Que é que você fez?" Disse Jesus:

"O meu Reino não é deste mundo. Se fosse, os meus servos lutariam para impedir que os judeus me prendessem. Mas agora o meu Reino não é daqui". "Então, você é rei!", disse Pilatos. Jesus respondeu: "Tu dizes que sou rei. De fato, por esta razão

nasci e para isto vim ao mundo: para testemunhar da verdade. **Todos os que são da verdade me ouvem**". "Que é a verdade? ", perguntou Pilatos. Ele disse isso e saiu novamente para onde estavam os judeus e disse: "Não acho nele motivo algum de acusação. (Jo 18:33-38 – grifos do autor)

Convenhamos que esta foi uma conversa bem atípica, entre juiz e réu, em que o juiz é o mais tirano de todos, no contexto do Império Romano. O réu, de tão desprezível, era “Como alguém de quem os homens escondem o rosto, foi desprezado, e nós não o tínhamos em estima” (Is 53:3). Que julgamento você faz de Jesus quando pensa nele? Ou você prefere esconder seu rosto para não ter que olhar de frente para o seu pecado? Considere que você também seja da verdade, mas ainda não tenha tomado consciência disso. Pense em quanta vida se perde enquanto você pensa que é sábio e entendido e abre mão da felicidade que só Deus pode lhe proporcionar.

Os sábios e entendidos são as pessoas que de modo consciente, resoluto e definitivo tomaram a decisão de não aprender mais com Deus; Jesus tem um juízo muito rigoroso sobre tais pessoas: “Naquela ocasião Jesus disse: "Eu te louvo, Pai, Senhor dos céus e da terra, porque escondeste estas coisas dos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, pois assim foi do teu agrado”. (Mt 11:25-26)

Quando Pilatos perguntou se Jesus era o rei dos judeus, Jesus deu a entender que ser rei não importava, importava dar testemunho da verdade: "Tu dizes que sou rei. De fato, por esta razão nasci e para isto vim ao mundo: para testemunhar da verdade. Todos os que são da verdade me ouvem". Por motivos processuais, Pilatos mandou açoitar Jesus, o que os soldados romanos fizeram com requinte de crueldade. Em seguida, ele comunicou aos líderes judeus que não via culpa alguma em Jesus, ao que eles “Responderam-lhe os judeus: Nós temos uma lei, e segundo esta lei ele deve morrer, porque se fez Filho de Deus. Ora, Pilatos, quando ouviu esta palavra, mais atemorizado ficou”. (Jo 19:7-8)

Se você tem dúvidas sobre a crueldade de Pilatos, considere que ele entrou no templo para matar servos de Deus: "Naquela ocasião, alguns dos que estavam presentes contaram a Jesus que Pilatos misturara o sangue de alguns galileus com os sacrifícios deles” (Lc 13:1). Agora, diante de Jesus, cada vez mais Pilatos ficava atemorizado; ou seja, o juiz já estava realmente muito envolvido com o seu réu. Por haver se tornado servo

da verdade, Pilatos não resistiu ao poder da verdade; ele ainda teve o privilégio de ouvir o próprio Jesus dizer isto: "Então, você é rei! ", disse Pilatos. Jesus respondeu: "Tu dizes que sou rei. De fato, por esta razão nasci e para isto vim ao mundo: para testemunhar da verdade. Todos os que são da verdade me ouvem". Jesus atestou que Pilatos era da verdade, será que Ele pode fazer o mesmo em relação a você?

É assim que o mundo muda. O mundo tem um enorme potencial para mudanças, porque todas os seres humanos têm um espírito semelhante a Deus, representado pela sua alma. Muitas pessoas só precisam ouvir os crentes na verdade apresentarem Jesus a elas, tal como Ele se apresentava, nada mais, nada menos. Pilatos realmente creu que Jesus é o Filho de Deus, acusação que também podia ser traduzida como Rei dos Judeus. Daí a conclusão de que é a fé na verdade que faz a diferença entre alguém se parecer com um servo de Jesus glorificado e ser um servo de Jesus glorificado. É a prática da verdade, no dia a dia, que torna um cristão missionário, porque não é possível alguém ser um mentiroso e ao mesmo tempo um ungido de Deus:

Pilatos mandou preparar uma placa e pregá-la na cruz, com a seguinte inscrição: JESUS NAZARENO, O REI DOS JUDEUS. Muitos dos judeus leram a placa, pois o lugar em que Jesus foi crucificado ficava próximo da cidade, e a placa estava escrita em aramaico, latim e grego. Os chefes dos sacerdotes dos judeus protestaram junto a Pilatos: "Não escrevas 'O Rei dos Judeus', mas sim que esse homem se dizia rei dos judeus". Pilatos respondeu: "O que escrevi, escrevi". (Jo19:19-22)

Pilatos foi o primeiro ser humano a receber Jesus Cristo como Deus, após sua morte. Ele também foi o primeiro cristão missionário. Pilatos disse às pessoas quem é Jesus em três idiomas. Por que será que os pregadores, teólogos e escritores cristãos não ensinam desta maneira? Eles não ensinam porque eles não ensinam o Evangelho; eles não considerarem o Evangelho a verdade de Deus consumada no Calvário. Tanto assim, que eles não ousam explicar o cristianismo à luz do Evangelho; eles somente tomam como referência para seus textos as cartas do apóstolo Paulo, as quais o Império Romano adulterou juntamente com os livros de Apocalipse e Atos dos Apóstolos.

A história não informa muito sobre que fim levou o juiz Pilatos, o que se sabe sobre ele não é muito, mas o certo é que ele não precisou julgar mais ninguém. Uns dizem que ele caiu em desgraça por ter se desentendido com o imperador romano. Nem poderia

ser diferente, ele não poderia ter se envolvido com o seu último réu como se envolveu e continuar servindo ao regime do imperador romano. Eu considero esse episódio envolvendo Pilatos como um dos pontos mais significativos do Evangelho. São os encontros de Jesus com pessoas tão diferentes, com desfechos tão imprevisíveis, que ajudam a evidenciar a autoridade divina que Ele tem. Eu fico triste em perceber que a igreja tenha se desconectado de Jesus há mais de dezesseis séculos e ainda não O tenha encontrado. Mas isto também está na profecia messiânica, que afirma: “dele não fizemos caso algum”.

Agora considere que homens poderosos e cruéis como Pilatos, naquela época, poderiam ser contados usando-se os dedos de uma única mão. Considere também que Jesus disse a ele: “Todos os que são da verdade me ouvem”. É por isso que eu faço um forte apelo a todas as pessoas para que elas falem somente a verdade, a todas as pessoas, em todos os contextos e levem Deus a sério, de acordo com a sua verdade, que é o Evangelho; porque viver a verdade é um bom começo para quem busca a Deus.

Do ponto de vista cristão, quem busca a Deus, encerra a sua busca ao receber Jesus Cristo como Deus, o que significa reconhecer que Deus é único e que desde a eternidade prometeu que encarnaria em um Ser Humano, para cumprir com sua própria determinação de substituir o pecador na morte pelo pecado; é crer que as profecias messiânicas se cumpriram, na pessoa de Jesus Cristo a quem foi dada toda a autoridade para nos trazer a verdade de Deus consumada no Calvário, segundo a qual devemos viver, que é o Evangelho.

Também é preciso que consideremos que receber Jesus Cristo como Deus significa crer que, uma vez consumada a verdade de Deus e a substituição expiatória, Ele reassumiu a condição plenamente divina, como Jesus glorificado, o Espírito Santo, a essência de Deus, e que se manifesta aos seus servos, por meio das teofanias, que representem a pessoa de Deus. Por ser o Espírito Santo, mantém um relacionamento pessoal com as pessoas que são da verdade e por isto guardam os seus mandamentos.

Para os cristãos, é muito importante guardar os mandamentos de Jesus, mas Ele nos alerta para o perigo da glória humana: “Eu vim em nome de meu Pai, e vocês não me aceitaram; mas, se outro vier em seu próprio nome, vocês o aceitarão. Como vocês podem crer, se aceitam glória uns dos outros, mas não procuram a glória que vem do Deus

único?” (Jo 5:43-44). As glórias humanas são mentiras dirigidas aos sedentos por elas. As glórias humanas roubam o sentido interior para a vida; felizmente, todas as pessoas que são da verdade, um dia ouvirão a voz de Jesus, que se encarrega de fazer novas todas as coisas na vida destas pessoas.

Há pessoas que procuram se parecer com os sábios e entendidos, mas na verdade estão apenas cegas e iludidas na árdua tarefa de acumularem riquezas que lhes roubem o sentido desta vida e a eternidade do mundo vindouro. A tais iludidos, Jesus adverte: “Contudo, Deus lhe disse: ‘Insensato! Esta mesma noite a sua vida lhe será exigida. Então, quem ficará com o que você preparou?’ ”Assim acontece com quem guarda para si riquezas, mas não é rico para com Deus” (Lc 12:20-21). É preciso conviver com as riquezas em completo desprendimento; Jesus afirma que é difícil, mas é possível.

A principal contradição que todas as pessoas que se parecem com os sábios e entendidos abrigam em suas mentes é a pretensão de terem controle sobre todas as coisas que lhes digam respeito. Essas pessoas não se preocupam com o destino das suas almas. Jesus ensina que tais pessoas precisam aceitar a verdade a que estamos todos submetidos: “... você não pode tornar branco ou preto nem um fio de cabelo” (Mt 5:36). Elas precisam descobrir o prazer de serem ricas para com Deus. Ser rico para com Deus é ser responsável pelo próximo, lutando por um mundo melhor para todas as pessoas e aplicando o bálsamo das palavras de Jesus nas feridas das almas das pessoas que sofrem.

Caro leitor, como você tem conformado sua vida à vontade de Deus? Como você tem tratado o seu semelhante? O que você espera desta vida, além de que ela seja para você uma porta larga e um caminho espaçoso? Jesus manda: "Entrem pela porta estreita, pois larga é a porta e amplo o caminho que leva à perdição, e são muitos os que entram por ela. Como é estreita a porta, e apertado o caminho que leva à vida! São poucos os que a encontram" (Mt 7:13-14). Se você considera muito difícil a tarefa de arrazoar com sua consciência para perceber se tem ou não um espírito que lhe faz semelhante a Deus, eu vou lhe fazer uma sugestão: adote a prática ética e religiosa de falar somente a verdade, a todas as pessoas, em todos os contextos e a levar Deus a sério, de acordo com a verdade dele, que é o Evangelho.

Enquanto pronunciava o sermão do monte, Jesus condenou a mentira e disse quem é o seu autor ao afirmar: “Seja o seu ‘sim’, ‘sim’, e o seu ‘não’, ‘não’; o que passar disso

vem do Maligno” (Mt 5:37). Uma vez longe da influência do Maligno, pela prática da verdade, temos que aproveitar a paz que a prática da verdade nos proporciona, para que nos acheguemos a Deus com vigilância e em oração. Jesus nos ensinou a fugir das tentações: “Então, voltou aos seus discípulos e os encontrou dormindo. "Vocês não puderam vigiar comigo nem por uma hora? ", perguntou ele a Pedro. "Vigiem e orem para que não caiam em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é fraca". (Mt 26:40-41)

Nestes tempos marcados pela falta de desprendimento em relação a bens materiais e pelo engano pregado pelos lobos da prosperidade, eu convido as pessoas a se abrigarem na sobrenaturalidade de Deus. Que creiam que Deus promete se acampar ao redor delas através de um anjo, desde que elas O temam e que se mantenham vigilantes contra os maus pensamentos e se dirijam a Deus, unicamente através da oração, sem nenhuma intervenção humana.

Para as pessoas que ainda não têm muita prática em orar, eu costumo definir a oração completa como sendo aquela em que começamos confessando os nossos pecados, apresentamos a nossa gratidão a Deus e, finalmente, fazemos a nossa petição. Uma oração sem confissão de pecados honesta e firme desejo de os abandonar o pecado não chega a Deus. Uma oração em que não apresentamos a nossa gratidão a Deus não chega a nós mesmos, porque, por mais que oremos, permanecemos com a alma fechada para perceber a resposta de Deus. Também a petição voltada para a prosperidade do lobo faz com que ela não chegue a Deus. É por isto que Jesus nos manda que não nos cansemos de pedir o dom do Espírito Santo.

JESUS GLORIFICADO SE APRESENTA EM TEOFANIA

O período que vai do momento em que “... o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt:16:16), entregou a porção do Espírito, que lhe foi atribuída pelo Espírito Santo, a essência de Deus ou o Pai, para voltar a ser Um com o Pai ou o Espírito Santo, até o momento em que “... foi elevado às alturas enquanto eles olhavam, e uma nuvem o encobriu da vista deles” (At 1:9), é extremamente rico em ensinamentos de Jesus, mas muito mal compreendido, o que contribui para a formação de uma cosmovisão cristã que não observa tão fielmente a lógica de Deus, por falta de pressupostos coerentes com a encarnação:

Depois de ter bradado novamente em alta voz, Jesus entregou o espírito. Naquele momento, o véu do santuário rasgou-se em duas partes, de alto a baixo. A terra tremeu, e as rochas se partiram. Os sepulcros se abriram, e os corpos de muitos santos que tinham morrido foram ressuscitados. E, saindo dos sepulcros, depois da ressurreição de Jesus, entraram na cidade santa e apareceram a muitos. Quando o centurião e os que com ele vigiavam Jesus viram o terremoto e tudo o que havia acontecido, ficaram aterrorizados e exclamaram: "Verdadeiramente este era o Filho de Deus!" (Mt 27:50-54)

Com a morte de Jesus Cristo, sua missão como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo estava consumada. E os corpos dos santos foram ressuscitados, e foram vistos por muitas pessoas, mas eles não tinham existência física; eles eram teofanias, por isto não teriam mais que morrer. Eles apareceram apenas em Jerusalém, e em nenhum outro lugar, embora tenham ressuscitado todos os santos que haviam vivido e morrido, sobre a face da Terra, desde Adão. Eles apareceram como testemunho da ressurreição dos mortos; não foi uma ressurreição de corpos físicos.

Por ocasião da morte de Jesus Cristo, "... o véu do santuário rasgou-se em duas partes, de alto a baixo; ..." (Mt 28:51); com isto, o acesso a Deus passou a ser feito unicamente através do seu dom, que nos capacita a crer que Jesus Cristo é Deus. Sendo assim não são mais necessários intercessores entre Deus e os seres humanos. Quando a literatura apostólica trata Jesus Cristo como intercessor, ela está se referindo à autoridade do "... Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mt:16:16), como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo e consumidor da verdade de Deus que é o Espírito e a vida.

Como não há mais intercessores, o relacionamento dos servos de Deus com Ele deve ser pessoal. Precisamos compreender que ninguém pode se achegar a Deus que não pelo dom do Espírito Santo, que é sabedoria e poder de Deus. Este tipo de relacionamento, em que Deus se relaciona diretamente conosco, sempre existiu. Jesus cumpriu o papel de intercessor, de uma vez por todas, ficando desnecessária a prática religiosa da interseção. Isto não significa que os servos de Deus não devam orar uns pelos outros; e a fé que impulsiona a oração é dom do Espírito Santo, que só é possível através da sabedoria e do poder de Deus.

O retorno de Jesus à condição plenamente divina, Ele o fez pela sua própria autoridade: "Por isso é que meu Pai me ama, porque eu dou a minha vida para retomá-la.

Ninguém a tira de mim, mas eu a dou por minha espontânea vontade. Tenho autoridade para dá-la e para retomá-la. Esta ordem recebi de meu Pai" (Jo 10:17:18); o que fortalece a nossa fé de que, antes e depois da encarnação, Jesus sempre teve natureza plenamente divina.

O episódio que conhecemos como a ressurreição de Jesus foi a transformação do corpo dele, de corpo natural em uma teofania. A expressão teofania não é para significar a presença de qualquer matéria, mas para refletir a glória de Deus. O mesmo se aplica aos espíritos ou almas dos servos de Deus, quando glorificados. Glorificados, viveremos como anjos, a serviço de Deus, por toda a eternidade.

A simplicidade das cartas do apóstolo Pedro reflete as pregações dele para apresentar Jesus às pessoas, tal como Ele quer ser apresentado. Assim, o apóstolo Pedro interpreta um glorioso momento, imediatamente após a morte de Jesus: “Pois também Cristo sofreu pelos pecados uma vez por todas, o justo pelos injustos, para conduzir-nos a Deus. Ele foi morto no corpo, mas vivificado pelo Espírito, no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão”. (1 Pe 3:18-19)

Este encontro de Jesus glorificado com os mortos é um assunto intocado no cristianismo. Apesar de ser tão importante, esse assunto parece não fazer nenhuma falta aos teólogos cristãos. Muitos pregadores, teólogos e escritores cristãos consideram que este assunto tem mais a ver com espiritismo do que com cristianismo. No entanto, o apóstolo Pedro tratou dele com muita clareza. Jesus desceu ao Seio de Abraão para libertar as almas das pessoas que, em vida, foram da verdade; por serem da verdade, estas pessoas teriam que ouvir a voz de Jesus glorificado.

Os testemunhos de Maria Madalena e da outra Maria, solucionaram um dos problemas mais desafiadores da teologia cristã; o relacionado à ressurreição dos mortos, tomando como exemplo a transformação e ressurreição do corpo de Jesus:

Depois do sábado, tendo começado o primeiro dia da semana, “Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro”. E eis que sobreveio um grande terremoto, pois um anjo do Senhor desceu do céu e, chegando ao sepulcro, rolou a pedra da entrada e assentou-se sobre ela. **Sua aparência era como um relâmpago, e suas vestes eram brancas como a neve.** Os guardas tremeram de medo e ficaram como mortos. O anjo disse às mulheres: "Não tenham medo! Sei que vocês estão procurando Jesus,

que foi crucificado. Ele não está aqui; ressuscitou, como tinha dito. Venham ver o lugar onde ele jazia (Mt 28:1-6 – grifo do autor)

Veja que Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro e presenciaram o glorioso momento da transformação do corpo natural de Jesus em uma teofania, para que Ele pudesse se apresentar a seus discípulos, sempre que necessário.

A transformação a que Maria Madalena e a outra Maria presenciaram é a transformação pela qual passou o corpo do “... Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt:16:16), assim descrito: “pois um anjo do Senhor desceu do céu e, chegando ao sepulcro, rolou a pedra da entrada e assentou-se sobre ela. Sua aparência era como um relâmpago, e suas vestes eram brancas como a neve”. Nessa cena temos a transformação do corpo natural de Jesus em uma teofania, realizada por um anjo; essa conclusão tem como base a lógica de Deus; porque nada de sobrenatural ocorre sem a participação dos anjos, que representam a Deus.

Em uma teofania, Jesus glorificado apareceu diversas vezes a seus servos, como teofania do Espírito Santo, a essência de Deus; logo, como teofania, e não Jesus em carne e osso, como os cristãos têm sido ensinados, que serão na eternidade. Também, em teofania do Espírito Santo, Jesus subiu ao Céu, até o ponto em que uma nuvem encobriu o seu corpo. A ideia de que Jesus subiu ao Céu em um corpo físico não é criacionista, porque o corpo físico é pó da terra; isto também é lógica de Deus.

A verdade sobre a ascensão de Jesus ao Céu é que Ele já estava no Céu, como o Espírito Santo, a essência de Deus, Deus Poderoso, Pai Eterno, fazia cerca de quarenta dias. E nesta mesma condição, Jesus glorificado concedeu o seu dom aos cristãos, porque o que podemos receber do Espírito Santo é o seu dom. E como o Espírito Santo, a essência de Deus, Deus Poderoso, o Pai Eterno, Jesus glorificado continuará se apresentando aos seus servos até a consumação dos séculos.

A igreja dos tempos apostólicos, edificada sobre as palavras de Jesus e apascentada, primeiramente, pelo apóstolo Pedro, interpretou muito bem o assunto relacionado à ressurreição dos mortos. Após ser morto, Jesus ressuscitou desde Adão até o último ser humano a morrer juntamente com Ele, que, em vida, tenha escolhido ser da verdade: “Pois também Cristo sofreu pelos pecados uma vez por todas, o justo pelos

injustos, para conduzir-nos a Deus. Ele foi morto no corpo, mas vivificado pelo Espírito, no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão”. (1 Pe 3:18,19)

Desde a criação até o momento em que Jesus foi morto e retornou à condição plenamente divina, como o Espírito Santo, a essência de Deus, Deus Poderoso, Pai Eterno, as almas dos servos de Deus que fossem da verdade eram levadas ao Seio de Abraão, de onde Jesus glorificado as libertaria. O apóstolo Pedro afirma que Jesus, após sua morte: “vivificado pelo Espírito, no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão”. Com esse ato, Jesus levou sua voz à descendência da mulher; desde então, aqueles espíritos, que são almas, como anjos, povoam o Céu, como anjos glorificados:

Então olhei e ouvi a voz de muitos anjos, milhares de milhares e milhões de milhões.
Eles rodeavam o trono, bem como os seres vivos e os anciãos, e cantavam em alta voz: "Digno é o Cordeiro que foi morto de receber poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor!" (Ap 5:11-12)

Como o universo espiritual do Bem é composto por Deus e pelos seus anjos, o texto acima nos permite concluir que todas as almas de todos os mortos, que viveram retamente, ou seja, que ao serem ensinados por Deus, aprenderam e se tornaram da verdade, desde Adão, até os que morreram juntamente com Jesus, foram ressuscitados, por ocasião da ressurreição dele se encontram no Céu.

Também se encontram no Céu as almas das pessoas que, por haverem se tornado da verdade, viveram retamente e morreram, após a glorificação de Jesus. Tais pessoas não precisaram ir para o Seio de Abraão e lá ficar esperando a hora de ouvir a voz de Jesus, porque essas pessoas, em vida, já ouviram a sua voz.

Para justificar essa afirmativa, eu tomo como base o pedido feito pelo malfeitor que se arrependeu dos seus pecados, imediatamente antes de morrer: “Então ele disse: "Jesus, lembra-te de mim quando entrares no teu Reino". Jesus lhe respondeu: "Eu lhe garanto: Hoje você estará comigo no paraíso" (Lc 23:42-43). Esta é a grande esperança do servo de Deus: ter a certeza de que, em um abrir e fechar de olhos, passará de uma situação de sofrimento, para um Céu de glórias, onde viverá, como anjo, a serviço de Deus, por toda a eternidade.

Se não atentarmos para o que Jesus promete, podemos perder o melhor da fé cristã, que é a esperança da nossa entrada no Céu, logo após a morte. Foi exatamente isso que aconteceu à alma do malfeitor; sua alma adquiriu uma teofania e entrou no Céu, como Jesus prometeu. O corpo de Jesus foi transformado, porque ele não poderia sofrer decomposição: “porque tu não me abandonarás no sepulcro, nem permitirás que o teu santo sofra decomposição” (Sl 16:10). Daí a conclusão de que o que ocorreu ao malfeitor se aplique também a todos os seres humanos que, ao serem ensinados por Deus, aprendam e se tornaram da verdade; tais pessoas ouvirão a voz de Jesus e terão a vida eterna:

"Eu lhes asseguro: Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna e não será condenado, mas já passou da morte para a vida. Eu lhes afirmo que está chegando a hora, e já chegou, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e aqueles que a ouvirem, viverão". (Jo 5:24-25)

Eu procuro explicar o cristianismo como uma religião espiritual, por isso, sempre levo em conta o que Jesus afirma sobre a importância do espírito: “O Espírito dá vida; a carne não produz nada que se aproveite. As palavras que eu lhes disse são espírito e vida” (Jo 6:63). Jesus nos garante que os justos não precisam esperar anos, séculos ou milênios para entrar no Céu: “Eu lhes asseguro: Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna e não será condenado, mas já passou da morte para a vida”.

Para que as pessoas possam se apropriar da esperança que há nas promessas de Jesus, elas precisam ser disciplinadas e apascentadas; esse é um dos maiores problemas do cristianismo, porque muitos dos que prometem apascentar os cordeiros os tosquam. Um dos episódios mais emblemáticos do ensino de Jesus, como teofania do Espírito Santo, envolve Simão Pedro. Enquanto aguardava para se encontrar com Jesus glorificado, Pedro procurou um rumo para a vida dele. Ele chegou a pensar que talvez fosse mais seguro viver como pescador de peixes do que viver como pescador de homens, apesar de Jesus haver dito o contrário: “Então Jesus disse a Simão: **"Não tenha medo**; de agora em diante você será pescador de homens" (Lc 5:10 – grifo do autor)

Simão Pedro tomou a decisão de ir pescar, levando consigo seus conservos, para a tal pescaria, daí a conclusão de que ele fosse o discípulo que mais inspirasse os cuidados de Jesus glorificado. Tanto assim que Jesus glorificado tratou somente com ele sobre aquela visita. Jesus glorificado, como teofania do Espírito Santo, a essência de Deus, Deus

Poderoso, Pai Eterno, interveio na natureza, para mostrar a Simão Pedro que: “O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras jamais passarão” (Mc 13:31); e que ele seria pescador de almas, porque quem é da verdade ouve a sua voz.

Jesus glorificado, como teofania do Espírito Santo, a essência de Deus, Deus Poderoso, Pai Eterno, interveio na natureza, de dois modos diferentes: afastando os peixes da rede de Simão Pedro: “... naquela noite não pegaram nada” (Jo 21:3), e trazendo os peixes à rede: “Ele disse: “Lancem a rede do lado direito do barco e vocês encontrarão”. Eles a lançaram, e não conseguiam recolher a rede, tal era a quantidade de peixes” (Jo 21:6). Era Jesus glorificado se relacionando com seus servos, como havia prometido; não mais como “... O Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt:16:16), mas como teofania do Espírito Santo, essência de Deus, Deus Poderoso o Pai Eterno:

Naquele dia vocês não me perguntarão mais nada. Eu lhes asseguro que meu Pai lhes dará tudo o que pedirem em meu nome. Até agora vocês não pediram nada em meu nome. Peçam e receberão, para que a alegria de vocês seja completa. “Embora eu tenha falado por meio de figuras, vem a hora em que não usarei mais esse tipo de linguagem, mas lhes falarei abertamente a respeito de meu Pai. Nesse dia, vocês pedirão em meu nome. **Não digo que pedirei ao Pai em favor de vocês**, pois o próprio Pai os ama, porquanto vocês me amaram e creram que eu vim de Deus. Eu vim do Pai e entrei no mundo; agora deixo o mundo e volto para o Pai”. (Jo 16:23-28 – grifo do autor)

Pelo texto, percebe-se que Jesus já preparava os seus discípulos para os próximos dias de muito ensinamento acerca do que viria, em decorrência do que “... O Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt:16:16) havia ensinado. Jesus havia ensinado que tanto fazia os discípulos pedirem ao Pai em nome dele como pedirem diretamente ao Pai, sem a necessidade de intercessores, porque retornando ao Pai, Ele seria o Pai: “Nesse dia, vocês pedirão em meu nome. Não digo que pedirei ao Pai em favor de vocês, pois o próprio Pai os ama, porquanto vocês me amaram e creram que eu vim de Deus. Eu vim do Pai e entrei no mundo; agora deixo o mundo e volto para o Pai”.

Era com este tipo de relacionamento com Deus que os discípulos de Jesus precisavam se acostumar. Uma situação em que não existisse diferença entre Jesus glorificado, o Espírito Santo ou o Pai Eterno, que também é Deus Poderoso; até porque, na profecia messiânica, o termo “Pai Eterno” é usado para se referir ao Filho, que é Jesus.

Ao se manifestar aos seus servos, no mar de Tiberíades, Jesus glorificado apareceu como alguém que procurava por comida: “Ele lhes perguntou: “Filhos, vocês têm algo para comer? ” “Não”, responderam eles” (Jo 21:5). Mas Jesus glorificado trazia comida para aqueles que estavam sendo preparados para fazer discípulos. Daí a conclusão de que é tão importante confiar na providência divina para a provisão das necessidades materiais, na realização de uma obra missionária, que se destine a apresentar Jesus às pessoas, tal como Ele se apresentava:

Quando desembarcaram, viram ali uma fogueira, peixe sobre brasas, e um pouco de pão. Disse-lhes Jesus: “Tragam alguns dos peixes que acabaram de pescar”. Simão Pedro entrou no barco e arrastou a rede para a praia. Ela estava cheia: tinha cento e cinquenta e três grandes peixes. Embora houvesse tantos peixes, a rede não se rompeu. Jesus lhes disse: “Venham comer”. Nenhum dos discípulos tinha coragem de lhe perguntar: “Quem és tu? ” Sabiam que era o Senhor. Jesus aproximou-se, **tomou o pão e o deu a eles, fazendo o mesmo com o peixe.** Esta foi a terceira vez que Jesus apareceu aos seus discípulos, depois que ressuscitou dos mortos. (Jo 21:9-14 – grifo do autor)

Os servos de Jesus glorificado haviam pescado muitos peixes grandes, mas Ele os alimentou com o seu pouco de pão e com seu peixinho. Se examinarmos a história do cristianismo da igreja primitiva, não encontramos relatos de missionários morrendo de fome, como também não há história de missionários ficando ricos.

Para apresentar Jesus às pessoas, tal como Ele se apresentava, só podemos apresentar Jesus às pessoas como Deus; precisamos de muito desprendimento em relação a bens materiais: “Jesus dizia a todos: “Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome diariamente a sua cruz e siga-me”. (Lc 9:23)

A lição que o episódio da preferência de Jesus pelo seu pouco de pão e pelo seu peixinho nos traz é que é impossível a um cristão produzir fruto com perfeição, se ele for sufocado pelo cuidado com as riquezas: “As que caíram entre espinhos são os que ouvem, mas, ao seguirem seu caminho, são sufocados pelas preocupações, pelas riquezas e pelos prazeres desta vida, e não amadurecem” (Lc 8:14). Examinemos o texto a seguir para verificar como Jesus tratou de outro problema, que havia na vida de Simão Pedro: Depois de comerem, Jesus perguntou a Simão Pedro:

"Simão, filho de João, você me ama realmente mais do que estes? " Disse ele: "Sim, Senhor, tu sabes que te amo". Disse Jesus: "Cuide dos meus cordeiros". Novamente Jesus disse: "Simão, filho de João, você realmente me ama? " Ele respondeu: "Sim, Senhor tu sabes que te amo". Disse Jesus: "Pastoreie as minhas ovelhas". Pela terceira vez, ele lhe disse: "Simão, filho de João, você me ama? " Pedro ficou magoado por Jesus lhe ter perguntado pela terceira vez "Você me ama? " e lhe disse: **"Senhor, tu sabes todas as coisas e sabes que te amo"**. Disse-lhe Jesus: "Cuide das minhas ovelhas". (Jo 21:15-17 – grifo do autor)

Simão Pedro foi o apóstolo que se destacou, mais por suas fraquezas do que por suas virtudes; ele era a personificação do servo de Deus que se deixa ensinar por Ele. Simão Pedro acabava de sair de uma situação muito constrangedora: ele havia negado a Jesus: “Respondeu Jesus: "Asseguro-lhe que ainda esta noite, antes que o galo cante, três vezes você me negará" (Mt 26:34). Tal situação causou um embaraço muito grande ao discípulo; por isto, é lícito supor que ele houvesse desistido de ser pescador de homens.

Para que ele retornasse foi preciso que Jesus, após ser glorificado, o convocasse, por meio de um anjo, citando-o pelo nome, para que ele voltasse a se juntar aos outros servos: “Vão e digam aos discípulos dele e a Pedro: ‘Ele está indo adiante de vocês para a Galileia. Lá vocês o verão, como ele lhes disse’” (Mc 16:7). Mas Pedro já havia se metido em outra situação embaraçosa: ele estava com medo do que viria pela frente, se continuasse no ministério de Jesus após sua glorificação.

Jesus glorificado começou a conversa com Simão Pedro perguntando se ele O amava mais do que os outros servos, e persistiu na pergunta, apesar da resposta afirmativa, por parte dele: "Simão, filho de João, você me ama?" Simão Pedro ficou magoado por Jesus glorificado ter perguntado pela terceira vez "Você me ama?" e lhe disse: "Senhor, tu sabes todas as coisas e sabes que te amo". A última resposta de Simão Pedro foi a única convincente: "Senhor, tu sabes todas as coisas e sabes que te amo" a resposta foi convincente, porque quem sabe todas as coisas é Deus. Daí a conclusão de que o fim para todos os temores é a confissão de que Jesus Cristo é Deus; aconteceu com Tomé, acontece com todas as pessoas que o recebem como Deus, pode acontecer com você, se ainda não aconteceu.

Simão Pedro era de carne e osso, e ainda não tinha sido revestido pela sabedoria e pelo poder de Deus o suficiente para apresentar Jesus às pessoas como Deus, por isto,

seus temores se justificavam. Jesus sabia disso e o confortou com a certeza de que envelheceria: "Digo-lhe a verdade: Quando você era mais jovem, vestia-se e ia para onde queria; mas quando for velho, estenderá as mãos e outra pessoa o vestirá e o levará para onde você não deseja ir" (Jo 21:18). Portanto, deixe seu medo e sua insegurança a cargo de quem pode todas as coisas.

É importante lembrar que quando Jesus designou Simão Pedro para ser pescador de homens, Ele afastou do discípulo o temor pelo seu pecado, dizendo: "Não tenha medo; de agora em diante você será pescador de homens". No mar de Tiberíades, o discípulo estava temendo pela sua vida; embora cresse que Jesus era quem dizia ser, Simão Pedro ainda não havia avaliado o que viria após a morte de Jesus; ele não havia entendido que Jesus glorificado é o Espírito Santo, a essência de Deus, Deus Poderoso e Pai Eterno, de acordo com as profecias messiânicas.

Jesus glorificado espera que todos os seus servos O recebam como Deus. Receber a Jesus glorificado como Deus é crer que Ele é o Espírito Santo, a essência de Deus, Deus Poderoso, o Pai Eterno. Era assim que as pessoas se tornavam cristãs, durante os três primeiros séculos da era cristã.

Durante os cerca de quarenta dias em que Jesus glorificado esteve em contato com seus servos, antes de subir ao Céu, não bastava que eles tivessem uma opinião particular sobre quem seria Jesus. Os servos com quem Jesus glorificado se juntou no caminho de Emaús tinham uma opinião que não era suficiente para descrever o Messias, Deus Poderoso, o Pai Eterno, vejamos o que eles pensavam sobre Jesus:

Um deles, chamado Cleopas, perguntou-lhe: "Você é o único visitante em Jerusalém que não sabe das coisas que ali aconteceram nestes dias? ""Que coisas? ", perguntou ele. "O que aconteceu com Jesus de Nazaré", responderam eles. **"Ele era um profeta, poderoso em palavras e em obras diante de Deus e de todo o povo.** (Lc 24:18-19 – grifo do autor)

Neste encontro de Jesus glorificado com seus servos, durante uma caminhada, eles se mostraram céticos em relação ao que haviam ouvido Jesus ensinar: "Ele lhes disse: "Como vocês costumam a entender e como demoram a crer em tudo o que os profetas falaram! Não devia o Cristo sofrer estas coisas, **para entrar na sua glória?** " (Lc 24:25-

26 – grifo do autor). Eles falavam da morte de Jesus Cristo como uma derrota e pareciam buscar um novo rumo para suas vidas, como fez Simão Pedro.

Os servos de Jesus glorificado que seguiam pelo caminho de Emaús estavam muito tristes, porque eles esperavam que o Messias libertasse Israel do jugo do Império Romano. Eles tinham informações suficientes para crer que Jesus havia ressuscitado, mas não deram muita importância às informações que tinham: “Algumas das mulheres entre nós nos deram um susto hoje. Foram de manhã bem cedo ao sepulcro e não acharam o corpo dele. Voltaram e nos contaram que tinham tido uma visão de anjos, que disseram que ele está vivo” (Lc 24:22-23). Mas eles eram da verdade, por isto, aprenderam muito facilmente com Deus. Eles ouviam a voz de Jesus e logo reconheceram que aquele caminhante, que eles julgavam desinformado, era uma teofania do Espírito Santo, a essência de Deus, Deus Poderoso, o Pai Eterno:

Quando estava à mesa com eles, tomou o pão, deu graças, partiu-o e o deu a eles. Então os olhos deles foram abertos e o reconheceram, e ele desapareceu da vista deles. Perguntaram-se um ao outro: "Não estavam ardendo os nossos corações dentro de nós, enquanto ele nos falava no caminho e nos expunha as Escrituras?" "Levantaram-se e voltaram imediatamente para Jerusalém. Ali encontraram os Onze e os que estavam com eles reunidos, que diziam: "É verdade! O Senhor ressuscitou e apareceu a Simão! "Então os dois contaram o que tinha acontecido no caminho, e como Jesus fora reconhecido por eles quando partia o pão. (Lc 24:30-35)

Por tudo o que foi exposto até aqui, dá para perceber a diferença entre “... O Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt:16:16) e Jesus glorificado. “... O Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt:16:16) sempre mostrava obediência e gratidão ao Pai em tudo; ele orava ao Pai, porque precisava orar. Ele precisava nos ensinar que a oração é a mais eficaz forma de estabelecermos um relacionamento pessoal e permanente com Deus, sem nenhuma intervenção humana.

Sempre que “... O Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt:16:16) comia, comia porque precisava comer, Ele fazia sua oração de gratidão ao Pai, porque precisava nos ensinar que sem gratidão a Deus, não há como a resposta de Deus ser percebida por nós. De um modo bem diferente, Jesus glorificado, por ser uma teofania do Espírito Santo, a essência de Deus, Deus Poderoso, o Pai Eterno, quase nunca comia, e nem precisava comer; quase

nunca orava, e nem precisava orar; se adotava algum comportamento humano ou de servo de Deus era para se identificar ainda mais com seus assustados servos.

Nesse emblemático encontro de Jesus glorificado com seus servos, no caminho de Emaús, Ele deixou claro que os servos de Deus não podem afirmar qualquer coisa sobre Ele, a não ser pelas Escrituras. Jesus glorificado fez uso delas para nos ensinar sobre a natureza do Messias: "Não estavam ardendo os nossos corações dentro de nós, enquanto ele nos falava no caminho e nos expunha as Escrituras?". Lembre-se de que o que havia de Escrituras, naquela época, era somente a Bíblia hebraica; por isso, só interessa aos cristãos, como indivíduos, seus conteúdos que se relacionem com o messianismo de Jesus; estes conteúdos são o ponto de partida e caminho para árvore da vida; sendo a árvore da vida o Evangelho, verdade de Deus, consumada no Calvário.

Jesus expôs as Escrituras aos seus desalentados servos para os ensinar sobre a natureza do Messias e sobre sua manifestação ao mundo. Foi também expondo as Escrituras que o apóstolo Pedro foi usado por Deus para apresentar Jesus como Deus às pessoas no dia de Pentecostes. Assim foi que se pregou o Evangelho durante os primeiros séculos da era cristã. Como só Jesus Cristo realmente é Deus, único capaz de conceder o seu dom Consolador aos seus servos, somente ouvindo as palavras Dele é possível alguém sentir arder o coração.

O encontro de Jesus glorificado com seus servos, no caminho de Emaús, nos traz os três fundamentos sobre quais se apoia a fé cristã. Os servos de Jesus glorificado precisaram ser despertados para o fato de que Jesus não era "um profeta, poderoso em palavras e em obras diante de Deus e de todo o povo". Despertados, eles voltaram a se juntar, para compartilhar com os outros servos a experiência de se encontrar com Jesus glorificado. Juntos, eles ouviram a declaração mais absoluta que um ser humano já fez: "Disse-lhe Tomé: "Senhor meu e Deus meu! "(Jo 20:28). Este é o primeiro fundamento sobre o qual se apoia a fé cristã. O princípio de que Jesus é quem diz ser: Deus.

Enquanto Jesus glorificado ensinava a seus servos, no caminho de Emaús, eles relataram: "Não estavam ardendo os nossos corações dentro de nós, enquanto ele nos falava no caminho e nos expunha as Escrituras?". Jesus glorificado, expôs as Escrituras, ensinando-os a respeito do Messias. Ele estava lhes mostrando o caminho para a árvore da vida. Este é o segundo fundamento sobre o qual se apoia a fé cristã; o princípio de que

Deus busca todas as pessoas para ensiná-las, e as que aprendem, se tornam da verdade, ouvem a voz de Jesus e têm a vida eterna.

Os servos de Jesus glorificado, quando O reconheceram, "Levantaram-se e voltaram imediatamente para Jerusalém. Ali encontraram os Onze e os que estavam com eles reunidos, que diziam: "É verdade! O Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!". Este é o princípio da congregação, terceiro princípio, sobre o qual se apoia a fé cristã. Pelo princípio da congregação: "... Jesus morreria pela nação judaica, e não somente por aquela nação, mas também pelos filhos de Deus que estão espalhados, para reuni-los num povo" (Jo 11:51-52). Infelizmente, este princípio está intocado pelos sectários teólogos cristãos.

Novamente, eu o convido para que você fique atento para o fato de que eu estou defendendo a divindade, a ética e a autoridade de Jesus Cristo, contida no Evangelho. Os meus argumentos têm como base os fatos envolvendo "... o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mt:16:16) e Jesus glorificado. O que tem prejudicado a visão dos cristãos sobre "... o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mt:16:16) é exatamente o fato de eles não terem sido ensinados que "... o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mt:16:16) e Jesus glorificado têm papéis totalmente diferentes. "... o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mt:16:16) foi a encarnação do Espírito Santo, para nos trazer a graça e a verdade de Deus, as quais Ele consumou no Calvário; e confirmar a lei.

O que é ensinado aos cristãos é que Jesus ressuscitou em carne e osso, voltando à mesma condição que tinha antes de ser morto. Ou seja, uma situação completamente contrária ao processo de transformação pelo qual passou o corpo dele. Considere que Jesus morreu para voltar a ser o Espírito Santo, a essência de Deus, Deus Poderoso, o Pai Eterno, não poderia ser em carne e osso. O que muitos teólogos cristãos usam como argumento para dizer que Jesus ressuscitou em carne e osso é o texto a seguir, que relata uma situação em que Jesus glorificado, como teofania do Espírito Santo, a essência de Deus, Deus Poderoso, o Pai Eterno, se apresenta aos seus servos; e eles, perturbados, tiveram grande dificuldade em O reconhecer: Enquanto falavam sobre isso, o próprio Jesus apresentou-se entre eles e lhes disse: "Paz seja com vocês! "Eles ficaram assustados e com medo, pensando que estavam vendo um espírito. Ele lhes disse: "Por que vocês estão perturbados e por que se levantam dúvidas em seus corações? Vejam as minhas mãos e os meus pés. Sou eu mesmo! Toquem-me e vejam; um espírito não tem carne nem ossos, como vocês estão vendo que eu tenho" (Lc 24:36-39)

Quando se trata de teofania, Deus tem a liberdade para se apresentar como quiser. Nessa situação, o mais razoável seria que Jesus se apresentasse na sua condição física, tal como os seus assustados servos O conheciam. Também foi o caso da manifestação de Jesus glorificado a Tomé. A incredulidade de Tomé foi longe demais, mas a longanimidade de Deus foi mais longe ainda. Considerar que haja matéria em Deus ou nos anjos é mostrar muito apego por este mundo. Portanto, qualquer teologia cristã que pregue a ressurreição da carne é uma grande loucura. As pessoas que forem da verdade, quando glorificadas, viverão como anjos, no Céu, a serviço de Deus.

Se o Evangelho for ensinado da forma como convém, então a lei da consciência se harmoniza com a lei de Moisés, que são os Dez Mandamentos, que se harmoniza com o Evangelho. É essa harmonia que garante a coerência bíblica, que nos permite tirar conclusões sobre fatos que nos parecem apresentar incoerência na sua descrição. Por exemplo: o fato de Deus ser Espírito exclui a hipótese de Jesus haver ressuscitado em carne e osso. O fato de a profecia messiânica afirmar que um menino nos nasceria e que ele seria: "... Deus Poderoso, Pai Eterno, ..." (Is 9:6) nos dá a certeza de que este menino seria o Messias; e se aceitamos que ele é Jesus, então temos que aceitar todas as outras profecias sobre o Messias, que afirmam que Ele deveria sofrer e morrer em nosso lugar, como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Como Deus não morre, após a morte do Messias, Ele reassumiria a condição plenamente divina como "... Deus Poderoso, Pai Eterno, ...". (Is 9:6)

Um dos episódios mais conhecidos da Bíblia é o encontro de Jesus glorificado com o incrédulo Tomé; ele era mesmo muito incrédulo, mas ele era da verdade, e não há incredulidade que se sustente quando alguém é da verdade:

Tomé, chamado Dídimo, um dos Doze, não estava com os discípulos quando Jesus apareceu. Os outros discípulos lhe disseram: "Vimos o Senhor! " Mas ele lhes disse: "Se eu não vir as marcas dos pregos nas suas mãos, não colocar o meu dedo onde estavam os pregos e não puser a minha mão no seu lado, não creerei". Uma semana mais tarde, os seus discípulos estavam outra vez ali, e Tomé com eles. Apesar de estarem trancadas as portas, Jesus entrou, pôs-se no meio deles e disse: "Paz seja com vocês!" E Jesus disse a Tomé: "Coloque o seu dedo aqui; veja as minhas mãos. Estenda a mão e coloque-a no meu lado. Pare de duvidar e creia". Disse-lhe Tomé: **"Senhor meu e Deus meu!"** (Jo 20:24-28 – grifo do autor)

A declaração feita por Tomé ao tocar o corpo de Jesus glorificado, que se apresentava como teofania do Espírito Santo, a essência de Deus, Deus Poderoso, o Pai Eterno, é a declaração mais importante e necessária que todo cristão precisa fazer. Não se trata de Jesus haver ressuscitado em carne e osso; o que temos aqui é Deus se apresentando em uma teofania apropriada aos sentidos de um ser humano muito incrédulo.

O autor do livro de Atos dos Apóstolos atesta que o Evangelho foi dado por Jesus, por meio do Espírito Santo, a essência de Deus: “Em meu livro anterior, Teófilo, escrevi a respeito de tudo o que Jesus começou a fazer e a ensinar, até o dia em que foi elevado ao céu, depois de ter dado instruções por meio do Espírito Santo aos apóstolos que havia escolhido” (At 1:1-2). Nós precisamos compreender que o Evangelho é a verdade de Deus, consumada no Calvário; um assunto também intocado pelos pregadores, teólogos e escritores cristãos.

O “... Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt:16:16) andava com seus discípulos o tempo todo. As aparições de Jesus glorificado, como teofanias, dão autoridade ao Evangelho; uma autoridade que procede do Espírito Santo, a essência de Deus, Deus Poderoso, o Pai Eterno. Esta autoridade continua, por toda a eternidade, porque “Depois do seu sofrimento, Jesus apresentou-se a eles e deu-lhes muitas provas indiscutíveis de que estava vivo. Apareceu-lhes por um período de quarenta dias falando-lhes acerca do Reino de Deus”. (At 1:3)

Jesus, ao se manifestar, como teofania do Espírito Santo, a essência de Deus, Deus Poderoso, o Pai Eterno, antes de subir ao Céu, fechou as Escrituras aos especuladores e nos ensinou o que fariam os servos de Deus que recebessem o dom do Espírito Santo: “Ele lhes respondeu: “Não lhes compete saber os tempos ou as datas que o Pai estabeleceu pela sua própria autoridade. Mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra”. (At 1:7-8)

Vinte séculos depois deste acontecimento, fica muito difícil saber o que é um cristão; o mesmo não acontecia no período em que a igreja cristã vivia a divindade, a ética e a autoridade de Jesus Cristo e morria pela cruz, pela espada, pelas garras das feras e pelas chamas das fogueiras. Naquela época, Plínio II (23-79), mais conhecido como o

primeiro naturalista a compor uma obra relevante para o saber científico, indignado com a perseguição aos cristãos iniciada por Calígula e agravada por Nero, publicou uma nota em defesa dos cristãos. Plínio II assim definiu os cristãos: “O crime dos cristãos consiste apenas em ter o hábito de se reunir num determinado dia da semana, antes do amanhecer, e juntos repetirem uma forma estabelecida de oração, dirigida a Jesus Cristo como Deus, e assumir a obrigação de não cometer maldades, furtos, roubos, adultérios, nem mentir nem defraudar ninguém ...”.

Por que os cristãos dirigiam sua oração a Jesus Cristo como Deus? Certamente, porque eles criam que Jesus Cristo é Deus. Foi assim que creu a igreja durante os três primeiros séculos da era cristã. Como o cristianismo tem suas raízes no judaísmo, não teria como pensar no Deus cristão como sendo outro que não o Deus dos judeus. O que precisamos compreender é que não pode existir mais de um Deus. Portanto, o que se pode pensar do Pai é que Ele seja uma teofania do Espírito Santo e igualmente que o Filho seja uma teofania do Espírito Santo. Logo, a essência de Deus é o Espírito Santo; e o Pai e o Filho são suas teofanias. Isso é muito óbvio, porque Pai e Filho são atributos humanos, adequados ao relacionamento perfeito de Deus com todos os seres humanos.

Há muitas pessoas que se parecem com os sábios e entendidos, mas dizem simpatizar com Jesus Cristo. Essas pessoas costumam desvincular o ensino dele do termo pecado. Pois eu afirmo que não há termo mais associado à vida e à morte de Jesus Cristo do que o termo pecado. Jesus Cristo, em vida, foi o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo; após sua morte expiatória, Ele retomou à condição de Deus único, o Espírito Santo, a essência de Deus, ou o Cordeiro que foi morto, Deus Poderoso, Pai Eterno. Ele foi morto, justamente por causa do nosso pecado. Jesus se dirige às pessoas que não aceitam o perdão dos seus pecados mediante o sacrifício dele, do seguinte modo: “Mas ele continuou: ‘Vocês são daqui de baixo; eu sou lá de cima. Vocês são deste mundo; eu não sou deste mundo. Eu lhes disse que vocês morrerão em seus pecados. Se vocês não crerem que Eu Sou, de fato morrerão em seus pecados’. ‘Quem é você?’ perguntaram eles. ‘Exatamente o que tenho dito o tempo todo’, respondeu Jesus.” (Jo 8:23-25)

CAPÍTULO 2

O MITO DA CRIAÇÃO E OS SETENTA PRIMEIROS CAPÍTULOS DA BÍBLIA

O meu ensino não é de mim mesmo. Vem daquele que me enviou. Se alguém decidir fazer a vontade de Deus, descobrirá se o meu ensino vem de Deus ou se falo por mim mesmo

(Jo 7:16-17)

O mito da criação é uma história pré-histórica; ela foi transmitida de geração a geração pela tradição oral, como quase tudo o que se narrou na pré-história. A pré-história terminou há cerca de seis milênios, e foi o surgimento da escrita que pôs fim àquele longo período da história. A partir do ano 2.800 a.C., foram compostos os primeiros textos bíblicos; mas o mito da criação cobre um período de centenas de milhares de anos.

Há cristãos que afirmam que jamais crerão em mito, porque foram ensinados que mito é mentira. Mas nós precisamos distinguir o mito científico do mito sagrado religioso; o mito científico é uma interpretação para um fenômeno natural que a ciência já encontrou a explicação para ele; ou seja, sua interpretação não merece mais crédito. Mas o mito sagrado religioso, como é o caso do mito da criação, não está sujeito à explicação científica nem à comprovação histórica, até porque sua aplicação se iniciou há centenas de milhares de anos; e a prova que temos das suas verdades são os resultados espirituais das suas práticas.

É muito comum cristãos ricos e famosos procurarem as religiões orientais para se desintoxicarem da vida desregrada que levam no Ocidente. Por que tais religiões são tão eficientes para acordar tais cristãos ocidentais da sonolência espiritual em que vivem? Estas religiões, como é o caso do budismo, sequer se preocupam em levar alguém a conhecer Deus; elas se preocupam com a prática do autoconhecimento, na busca da alma esquecida.

O verdadeiro e mais rico autoconhecimento humano se encontra nos setenta primeiros capítulos da Bíblia; um tesouro esquecido por muitos pregadores, teólogos e escritores cristãos. Tanto assim, que a essência da Bíblia é formada pelos setenta primeiros capítulos da Bíblia, pelas profecias messiânicas e pelo Evangelho. A Bíblia

pode ser considerada a palavra de Deus porque contém a origem, a história e a doutrina de Jesus Cristo, que é a essência das Escrituras:

E o Pai que me enviou, ele mesmo testemunhou a meu respeito. Vocês nunca ouviram a sua voz, nem viram a sua forma, nem a sua palavra habita em vocês, pois não creem naquele que ele enviou. **Vocês estudam cuidadosamente as Escrituras, porque pensam que nelas vocês têm a vida eterna. E são as Escrituras que testemunham a meu respeito; contudo, vocês não querem vir a mim para terem vida.** "Eu não aceito glória dos homens, mas conheço vocês. Sei que vocês não têm o amor de Deus. Eu vim em nome de meu Pai, e vocês não me aceitaram; mas, se outro vier em seu próprio nome, vocês o aceitarão. Como vocês podem crer, se aceitam glória uns dos outros, mas não procuram a glória que vem do Deus único? (Jo 5:37-44 - grifo do autor)

Pelo texto acima, Jesus afirma que a Bíblia contém a vida eterna porque ela contém o seu testemunho; é por isto que ela é considerada a palavra de Deus e única regra de fé e prática religiosa dos cristãos. A Bíblia também contém milênios de história dos primórdios da nação Israel, além da história dos primórdios da religião cristã.

Para facilitar a compreensão do que seja a essência da Bíblia, eu costumo usar o que eu chamo de parábola do caminho: a Bíblia pode ser comparada a uma imensa floresta cortada por um caminho que conduz à vida eterna, que é o fruto da árvore da vida; nessa parábola o Evangelho é a própria árvore da vida: "Depois de expulsar o homem, colocou a leste do jardim do Éden querubins e uma espada flamejante que se movia, guardando o caminho para a árvore da vida". (Gn 3:24)

É certo que os falsos mestres abrem trilhas, no meio da floresta, que conduzem ao abismo. São interpretações bíblicas, ditas cristãs, que não levam em conta que Jesus é quem diz ser; que não consideram que Deus sempre ensinou e ensina igualmente a todas as pessoas, e que somente as pessoas que aprendem se tornam da verdade; e que, através do seu ensino, Deus sempre congregou em um só povo, todas as pessoas que escolheram ser da verdade; essas são as três colunas de sustentação do cristianismo como religião.

O caminho do céu, ou o caminho para a árvore da vida, considerado na parábola é o conjunto de todas as manifestações de Deus e profecias de natureza messiânica, contidas na Bíblia, que ligam os setenta primeiros capítulos da bíblia ao Evangelho. Este

caminho é o testemunho do messianismo de Jesus Cristo, que sempre foi Um com o Pai, o Espírito Santo, a essência de Deus, Deus Poderoso, o Pai Eterno. Por conter o testemunho do messianismo de Jesus Cristo a Bíblia é considerada a palavra de Deus e regra de fé e prática religiosa dos cristãos.

As verdades contidas nos setenta primeiros capítulos da Bíblia podem até parecer antiquadas, mas não são. Parecem antiquadas porque muitos valores da sociedade atual estão invertidos. E quando muitos valores da sociedade estão invertidos, há uma lógica que garante o seu funcionamento, mesmo com muitos valores invertidos: é a lógica dos “... justos que não precisam arrepender-se”. (Lc 15:7)

Os seres humanos foram criados à imagem e à semelhança de Deus, logo, perfeitos. Mas todos nos deixamos corromper e pecamos. Por sermos semelhantes a Deus, a noção de ofendê-lo, com o nosso pecado, deveria estar enraizada nas nossas consciências, mas não está, por isto, somente Deus, o Espírito Santo, através da sua sabedoria e do seu poder, que é o seu dom, pode nos ensinar para que sejamos convencidos do pecado.

O convencimento do pecado é um dos efeitos benignos, como todos os demais, da lei da consciência, escrita por Deus nas mentes de todos os seres humanos, é por causa dela que há arrependimento. O arrependimento é um estado de rendição do indivíduo à própria consciência; não é um ato externo ao indivíduo, é um ato interno e induzido pelo sentimento de dignidade que ele produz, quando a pessoa decide aprender com Deus.

Mas muitas pessoas ainda não se permitem arrazoar com Deus, para que possam perceber o quanto Ele as ama, e o quanto Ele está disposto a lhes ensinar; o ensino de Deus sempre conduz ao caminho para a árvore da vida, cujos frutos são a vida eterna. O preconceito contra a religião produz uma multidão de filhos pródigos, miseráveis e desalentados que se esqueceram das suas almas.

Todas as estruturas sociais construídas sobre os alicerces da lógica dos “... justos que não precisam arrepender-se” (Lc 15:7) não demoram muito a desmoronar, porque Jesus afirma: “Eu lhes digo que, da mesma forma, haverá mais alegria no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não precisam arrepender-se” (Lc 15:7). Quando os “... justos que não precisam arrepender-se” (Lc 15:7) tomam

decisões que são pecados, eles estão ofendendo a Deus, mas Deus é Deus de todos, e de todos exige que prestem contas dos seus atos, de acordo com a lei de Deus, que são os Dez Mandamentos; por isso, ninguém pode se considerar inocente diante de Deus só por desprezá-lo.

Os setenta primeiros capítulos da Bíblia podem ser considerados a primeira grande revelação de Deus aos seres humanos; ela nos ensina muito sobre a natureza de Deus e sobre a natureza humana. O aprendizado se dá através da lei de Deus, que são os Dez Mandamentos, com base na compreensão de contextos e personagens que nos levam à conclusão de que "o ímpio está envaidecido; seus desejos não são bons; mas o justo viverá pela sua fé". (Hc 2:2-4)

Como você não pode mudar a Deus, e não creio que seja este o seu propósito, eu sugiro que você se disponha a aprender com Ele, que é a única forma de Ele mudar você; e também é a única esperança que você tem de uma vida cheia de sentido neste mundo e de glórias no mundo vindouro. Mas é preciso você se agarrar aos setenta primeiros capítulos da Bíblia, com o objetivo de autoconhecimento. Eles não foram escritos para Deus, eles foram escritos por Deus, para você e para mim.

Todo o conteúdo bíblico que dá testemunho do Messias tem seu correspondente nos setenta primeiros capítulos da Bíblia, por isso, podemos concluir que a Escritura sempre foi completa, quanto ao seu objetivo de influenciar os seres humanos para que eles aceitem a proposta divina de viverem o amor a Deus e o amor ao próximo.

Os setenta primeiros capítulos da Bíblia começaram a ser vividos pelos primeiros seres humanos, tão logo eles foram criados, ou seja, logo após a criação. Eles chegaram ao nosso conhecimento por meio dos ancestrais dos hebreus, representados por Abraão, Isaque, Jacó, José e Moisés, com quem Deus fez e reafirmou pactos de perfeição que foram estendidos a todos os seres humanos; portanto, a mim e a você.

A partir do relato da família de Abraão começa a história da nação Israel. A nação Israel tem esse nome em homenagem a um neto de Abraão, que se chamava Jacó, cujo nome Deus mudou de Jacó para Israel. Os descendentes de Israel foram escravizados no Egito e libertados por Moisés, por intermédio de quem Deus nos deu os Dez

Mandamentos, no Monte Sinai. Os Dez Mandamentos são conhecidos como a lei de Moisés, e é uma forma escrita da lei da consciência.

Os onze primeiros capítulos da Bíblia são a base do criacionismo. O criacionismo é a fé no mito da criação, como porta de entrada, em direção ao Evangelho. Ele tem sido muito atacado pelos defensores do evolucionismo. O conflito entre criacionistas e evolucionistas é totalmente absurdo, porque Deus, primeiramente, criou o ser humano quanto ao espírito: “Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” (Gn1:27), e somente depois formou o corpo humano a partir do pó da terra; logo, de material pré-existente; teria sido por evolução? E se foi, o que podemos fazer, prevalece a irracionalidade ou a verdade? Por favor, não confunda fé criacionista com teoria criacionista; aqui tratamos somente de fé criacionista.

A forte irracionalidade da qual padecemos, por causa do pecado, dá uma ideia do quanto a carne é fraca; é por isso que a carne retornará ao pó da terra, da qual foi tomada: "Então o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o homem se tornou um ser vivente" (Gn 2:7). É justamente o pó que foi tomado da terra que volta para a terra, sobre o qual Jesus afirma: "O Espírito dá vida; a carne não produz nada que se aproveite. As palavras que eu lhes disse são espírito e vida". (Jo 6:63)

Eu considero razoável que venha à sua mente a seguinte pergunta: durante o longo período, desde a criação até o surgimento da Bíblia, como as pessoas eram alimentadas espiritualmente? Como Jesus afirma ser Deus, e Deus ensina a todas as pessoas, umas aprendem e outras não aprendem, Ele ensinava do mesmo modo que ensina hoje: oferecendo sua sabedoria e seu poder a todas as pessoas; esta sabedoria e este poder são o dom do Espírito Santo.

O Espírito Santo é a essência de Deus, Deus Poderoso e Pai Eterno. É possível que tenham lhe ensinado que o dom do Espírito Santo foi dado, ao ser humano, pela primeira vez, pelo “... Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt:16:16), que é Jesus glorificado, dias após sua morte, o que não é verdade, porque Deus é eterno. É certo que com a glorificação de Jesus Cristo, o dom do Espírito Santo foi sentido com maior intensidade, como testemunho do seu messianismo. Mas Deus sempre se manifestou aos seres humanos e continuará a se manifestar até a consumação dos séculos.

As verdades criacionistas contidas nos onze primeiros capítulos da Bíblia dão suporte a todos os demais conteúdos bíblicos, que se relacionam com o messianismo de Jesus; elas se encontram enraizadas nas almas e nos sentimentos dos seres humanos, sejam sentimentos bons, sejam sentimentos maus. As verdades criacionistas descrevem a natureza humana, por isso, não adianta as pessoas negarem que têm sentimentos comuns, bons e maus.

É muito comum as pessoas influenciadas pelos sábios e entendidos se sentirem superiores às pessoas que creem nas verdades criacionistas; é uma grande ilusão, porque todos os seres humanos têm seus sentimentos sujeitos às verdades criacionistas, contidas nos onze primeiros capítulos da Bíblia.

Deus e os seres humanos são seres espirituais; sendo os seres humanos espiritualmente representados pelas suas almas ou espíritos. As almas ou espíritos humanos são anjos, semelhantes a Deus, por isso todos os seres humanos podem ter igual acesso à comunhão com Ele, sem a necessidade de nenhuma intervenção humana. O acesso dos seres humanos à comunhão com Deus só é possível quando Deus os ensina e eles aceitam aprender o que Ele ensina. Quando aprendemos o que Deus nos ensina, Ele nos concede sua sabedoria e seu poder, que é o dom do Espírito Santo.

Uma vez recebendo a sabedoria e o poder de Deus, os seres humanos estão aptos a trilhar o caminho para a árvore da vida, do qual os caminhantes precisam se esforçar para não se desviar. A maneira como cada ser humano segue pelo caminho da árvore da vida é responsabilidade pessoal de cada um de nós.

Como os seres humanos foram criados por Deus, para assumir responsabilidades e para guardar seus mandamentos, os cristãos não devem se meter na vida das outras pessoas, apenas devem convidar as pessoas a assumirem suas responsabilidades em aprender o que Deus lhes ensinar.

As verdades criacionistas não ofendem a dignidade de ninguém; então, vejamos esta: “Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” (Gn1:27). Eu percebo que muitos cristãos procuram impor essa verdade criacionista às pessoas; mas verdades, não precisam ser impostas, elas falam por si sós. A imposição da mais óbvia das verdades sempre deságua na intolerância.

O que os cristãos que são intolerantes precisam compreender é que todos os seres humanos foram criados por Deus para assumir responsabilidades e para guardar os seus mandamentos; e quanto a isso não há exceção. Por isso, cada ser humano deve assumir as suas próprias responsabilidades. Cabe ao cristão dizer às pessoas que fiquem atentas para que possam aprender com Deus, no momento em que perceberem que Ele está lhes ensinando. O fato de Jesus haver confirmado a verdade criacionista a que nos referimos aqui: "... "Vocês não leram que, no princípio, o Criador 'os fez homem e mulher' e disse: 'Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne?' (Mt 19:4-5) não dá direito a nenhum cristão de fazer julgamento de quem quer que seja, quanto a se sentirem homem ou mulher.

Grande parte das dificuldades que muitas pessoas têm em compreender os conteúdos bíblicos se deve ao fato de que o livro de Apocalipse e as cartas do apóstolo Paulo foram adulterados pelo Império Romano, para transformar o Deus dos cristãos em um monstro e os cristãos em criminosos.

Para aproximar as pessoas de Deus, eu costumo ensiná-las que elas devem falar somente a verdade, a todas as pessoas, em todos os contextos e levarem Deus a sério, de acordo com a verdade dele, que é o Evangelho. Essa regra vale para todas as pessoas; ela humaniza as pessoas e as afasta do Mal.

Quando as pessoas se esforçam para falar somente a verdade, a todas as pessoas e em todos os contextos, elas também se esforçam no sentido de impor limite ao seu egoísmo. Adotando tal atitude, as pessoas são levadas a fazerem alguns cálculos e a concluírem que é muito difícil ser verdadeiro em um mundo tão afetado pela mentira. Talvez o lado mais difícil da experiência seja falar somente a verdade em todos os contextos, porque escolher o contexto em que fala a verdade é uma prática adotada por todas as pessoas que adotam, para suas vidas a lógica dos "... justos que não precisam arrepender-se". (Lc 15:7)

Para Deus não existem seres humanos bons nem seres humanos maus; todos são pecadores e necessitam de arrependimento. Para que as pessoas sustentem a prática ética de falarmos somente a verdade a todas as pessoas, em todos os contextos, elas também precisam levar Deus a sério, de acordo com a verdade dele. Eu tenho certeza de que se

alguém se empenhar em se tornar da verdade, essa pessoa irá conseguir; basta se render à verdade de Deus, reconhecer sua bondade e ter humildade para pedir a sua ajuda.

Os setenta primeiros capítulos da Bíblia nos ensinam que somos espíritos ou anjos, espiritualmente, semelhantes a Deus; mas por haveremos pecado, não somos capazes de fazer distinção entre o Bem e o Mal, a menos que Deus nos ensine: “O Senhor Deus fez nascer então do solo todo tipo de árvores agradáveis aos olhos e boas para alimento. E no meio do jardim estavam a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal.” (Gn 2:9). “A árvore do conhecimento do bem e do mal” é justamente a liberdade que temos de escolher a quem levar a sério, se ao Bem ou ao Mal.

Deus ensina aos seres humanos, através da sua Lei, que são os Dez Mandamentos, o quanto a mentira é destrutiva; é por isso que eu dou tanta ênfase à necessidade de as pessoas falarem somente a verdade, a todas as pessoas e em todos os contextos. As pessoas que assim se comportam têm muito mais oportunidades de perceberem quando Deus lhes ensina.

O mito da criação nos apresenta o jardim do Éden, como uma figura do Paraíso, ou Céu, que foi entregue aos nossos pais, para que eles cuidassem dele e dele tirassem seu sustento e agasalho. Mas no jardim do Éden, Deus também impôs limites além dos quais nossos pais não poderiam ir. Esse é um dos principais fundamentos da ética cristã, pelo qual devemos levar Deus a sério, que se chama temor a Deus:

O Senhor Deus colocou o homem no jardim do Éden para cuidar dele e cultivá-lo. E o Senhor Deus ordenou ao homem: "Coma livremente de qualquer árvore do jardim, mas não coma da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que dela comer, certamente você morrerá". (Gn 2:15-17)

O universo espiritual é formado por Deus e pelos anjos, ou seja, por seres espirituais. O ser humano foi criado como ser espiritual, e o jardim do Éden é uma figura usada por Deus para representar o Céu, onde as pessoas que escolheram ser da verdade passarão a eternidade; não em corpos ressurretos, mas como teofanias, ou seja, como anjos: “Jesus respondeu: ‘Vocês estão enganados porque não conhecem as Escrituras nem o poder de Deus! Na ressurreição, as pessoas não se casam nem são dadas em casamento; mas são como os anjos no céu’”. (Mt 22:29-30)

Jesus ensinou que no Céu não há casamento, mas quando o mito da criação foi composto, já havia casamento na Terra, e assim ele foi instituído: “Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne” (Gn 2:24). Esta é a verdade criacionista sobre o casamento cristão monogâmico, que só pode ser dissolvido em caso de adultério de um dos cônjuges: “Mas eu lhes digo que todo aquele que se divorciar de sua mulher, exceto por imoralidade sexual, faz que ela se torne adúltera, e quem se casar com a mulher divorciada estará cometendo adultério”. (Mt 5:32)

Os setenta primeiros capítulos da Bíblia são o ponto de partida da lógica de Deus, que orienta os seres humanos, para que eles percebam as vantagens de se tornarem da verdade. Eu peço que você considere que se você se tornar da verdade, certamente você ouvirá a voz de Jesus e irá se encontrar com o Deus Poderoso, o Pai Eterno, que a Bíblia afirma que Ele é. O mesmo Jesus que também foi “... o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt:16:16), a quem foi atribuída a porção do Espírito Santo, para nos dizer o que é certo e o que é errado; ou seja, para nos trazer a verdade de Deus, que é o Evangelho consumado no Calvário.

O criacionismo tem como uma das suas principais verdades o fato de que somente Deus pode proporcionar felicidade aos seres humanos. Mas, para encontrar a verdadeira felicidade, nós precisamos primeiramente cuidar da eternidade das nossas almas. Para ilustrar esta verdade criacionista, tomemos o caso de nossos pais, Adão e Eva. Ao desobedecerem a Deus eles perceberam que estavam nus, se envergonharam, e fizeram roupas de folhas, e se vestiram com elas porque eles sabiam que iam se encontrar com Deus: “Os olhos dos dois se abriram, e perceberam que estavam nus; então juntaram folhas de figueira para cobrir-se”. (Gn 3:7)

Deus não aprovou as roupas que nossos pais escolheram para si; por isso, Ele providenciou, primeiramente, os meios para que nossos pais reconquistassem a eternidade perdida, por causa do pecado, e só depois cuidou das vestimentas; daí a conclusão de que eles pecaram porque haviam saído da comunhão com Deus e que o mais importante é cuidar, primeiramente, da eternidade da alma, e só depois, de qualquer outra prioridade. Quando desobedeceram a Deus, nossos pais saíram da comunhão com Deus, porque quando eles tentaram voltar à comunhão com Deus eles se sentiram envergonhados.

A explicação que eu estou dando para o mito da criação traz uma abordagem ética cristã, na defesa das verdades bíblicas que Jesus não revogou, e por isso estão valendo. Estão valendo porque foram incorporadas às palavras de Jesus, que nunca passarão: “O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras jamais passarão” (Mt 24:35). A verdade de Deus, que Jesus consumou no Calvário, que é o Evangelho, tem suas raízes nas verdades criacionistas e nos conduz ao destino para o qual fomos criados por Deus: o Céu.

As verdades criacionistas nos ajudam a ler a Bíblia. Mas para que o leitor da Bíblia não seja pego de surpresa, é preciso que ele tenha consciência de que as grandes verdades bíblicas estão ocultas às pessoas a quem Jesus chama de sábios e entendidos: “Naquela ocasião Jesus disse: ‘Eu te louvo, Pai, Senhor dos céus e da terra, porque escondeste estas coisas dos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, pois assim foi do teu agrado’”. (Mt 11:25-26)

A julgar pelo conteúdo ético-religioso contido nos setenta primeiros capítulos da Bíblia, podemos afirmar que a sua narrativa é a grande parábola de Deus. Neles estão presentes todos os fundamentos da mensagem bíblica. É como se os setenta primeiros capítulos da Bíblia fossem a introdução da Bíblia e o Evangelho fosse a conclusão. Os conteúdos situados entre estas duas partes da Bíblia, que se relacionam com o messianismo de Jesus Cristo, é o que chamamos caminho do Céu ou “o caminho para a árvore da vida”. É por isso que eu peço que os cristãos não transformem a história, a tradição e a cultura da nação Israel em doutrinas cristãs, nem em deuses os autores de quaisquer livros da Bíblia que não o Evangelho, considerando que o autor e consumidor do Evangelho é Jesus.

O conteúdo dos setenta primeiros capítulos da Bíblia é uma exigência de Deus para que os seres humanos andem de acordo com os seus mandamentos e um apelo para que os seres humanos jamais aceitem andar segundo o seu próprio entendimento. Andar segundo o próprio entendimento traz infelicidade nesta vida e julgamento no mundo vindouro, tal como Jesus afirma: “Eu lhes asseguro: Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna e não será condenado, mas já passou da morte para a vida”. (Jo 5:24)

Por proceder diretamente de Deus, o mito da criação é também a história da preservação; ele nos alerta para os principais perigos que enfrentamos enquanto vivermos

sobre a Terra. Um dos maiores perigos que nos cercam é a glória humana. Caim edificou uma cidade e lhe chamou Enoque, o nome do seu filho. A glória humana é um atentado contra as nossas almas ou espíritos; por isso, os cristãos precisam conhecer muito bem a linha que separa o reconhecimento justo e necessário da glória humana.

Para compreender a mensagem de salvação contida na Bíblia, nós precisamos de humildade. Quanto mais cedo as pessoas se tornarem da verdade e se convencerem de que a voz de Jesus é tudo o que lhes faz falta, mais cedo estas pessoas irão experimentar vidas espiritualmente abundantes. Além de apresentar Jesus Cristo como Deus, a Bíblia também apresenta os sábios e entendidos como pessoas muito sedentas de glórias humanas. É essa sede de glória humana que expõe nossas almas à fragilidade e à falta de sentido para a vida que pode ter como resultado muito sofrimento.

O mito da criação apresenta Caim como uma pessoa muito sedenta de glória, tanto assim, que ele tomou a iniciativa de fazer uma oferta ao Senhor, antes mesmo do seu irmão Abel, que era justo. Caim percorreu uma trajetória de pecado impulsionado pelo desejo de viver sua vida com total autonomia em relação a Deus, ou seja, ele seguiu o caminho que lhe pareceu vantajoso e que mais lhe proporcionasse prazer; ele seguiu o coração dele.

Mas Caim era um ser humano com capacidade de se entristecer com o pecado que tinha em mente cometer. Pelas verdades criacionistas, quando alguém foge a esse modelo é porque já está muito distante da verdade e de Deus; distante da verdade e de Deus, o crime é apenas uma consequência.

A cegueira espiritual e o afastamento de Deus são os grandes perigos para a alma ou espírito humano; a pessoa cega ou distante de Deus não enxerga o seu pecado, mas também não enxerga a Deus. Muitas pessoas são da verdade, mas ainda não conseguem enxergar a Deus, porque essas pessoas se esqueceram das suas almas. Enquanto não reconhecerem que é muito importante o que Deus está lhes ensinando, tais pessoas viverão suas vidas sem nenhuma esperança e são presas fáceis das falsas religiões. Como não enxergam a Deus também não enxergam o anjo que se acampa ao redor delas.

O problema de Caim era o mesmo de todos os sábios e entendidos; ele foi uma vítima emblemática da sua decisão de viver longe da comunhão com Deus e escravizado

pela sua própria autonomia em relação a Ele. A autonomia de Caim em relação a Deus é bem visível: “Então Caim afastou-se da presença do Senhor e foi viver na terra de Node, a leste do Éden. Caim teve relações com sua mulher, e ela engravidou e deu à luz Enoque. Depois Caim fundou uma cidade, à qual deu o nome do seu filho Enoque”. (Gn 4:16-17)

Caim “afastou-se da presença do Senhor”, aí está o grande pecado dele. A sede de glória de Caim se manifestou em uma homenagem muito conhecida em nossos dias: “Caim fundou uma cidade, à qual deu o nome do filho, Enoque”. Caim precisava ver o nome dele escrito em uma pedra, que certamente o tempo transformaria em minúsculos grãos de areia, que seriam levados pelo vento, como tudo o que é glória humana. Esse pecado de Caim é emblemático para representar o apego a bens materiais, que a igreja não tem se preocupado em combater, e que faz tantas vítimas, já faz mais de dezesseis séculos.

O apego a bens materiais é uma grande contradição do cristianismo paulino. A partir do século IV da era cristã, a igreja adquiriu feições de império, acumulou riquezas e entrou em declínio espiritual, o mesmo aconteceu com os cristãos. O fracasso espiritual das pessoas que se apegam a bens materiais é uma verdade criacionista, por isso atinge a todas as pessoas que se apegam à fortuna, ao conhecimento, ao poder e à glória humanos. É verdade que muitos cristãos precisam conviver, em certa medida, com a fortuna, com o conhecimento, com o poder e com a glória, mas para que não entrem em tentação, os cristãos não podem se afastar da comunhão com Deus, como fez Caim: “Caim afastou-se da presença do Senhor”.

O principal perigo de nos afastarmos da comunhão com Deus é sermos enganados pela serpente, com sua mentira, como foram enganados os nossos pais, conforme relatado no mito da criação. Adão e Eva foram postos em um jardim onde havia tudo o que eles necessitassem; o primeiro pecado deles foi pensar que poderiam sair da comunhão com Deus. Eles foram para um lugar que lhes fascinou de tal forma que Deus pareceu sem importância aos olhos deles:

Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais selvagens que o Senhor Deus tinha feito. E ela perguntou à mulher: "Foi isto mesmo que Deus disse: 'Não comam de nenhum fruto das árvores do jardim'?" Respondeu a mulher à serpente: "Podemos comer do fruto das árvores do jardim, mas Deus disse: 'Não comam do fruto da

árvore que está no meio do jardim, nem toquem nele; do contrário vocês morrerão' ". Disse a serpente à mulher: "Certamente não morrerão! Deus sabe que, no dia em que dele comerem, seus olhos se abrirão, e vocês serão como Deus, conhecedores do bem e do mal". Quando a mulher viu que a árvore parecia agradável ao paladar, era atraente aos olhos e, além disso, desejável para dela se obter discernimento, tomou do seu fruto, comeu-o e o deu a seu marido, que comeu também. (Gn 3:1-6)

Mesmo vivendo dentro de um jardim, nossos pais entraram por um caminho que eles não precisariam sequer ter conhecido. Nossos pais se aventuraram a sair da comunhão com Deus. O cristão sai da comunhão com Deus quando menospreza a necessidade e o poder da sua própria oração. A oração é a mais absoluta forma de os cristãos se comunicarem com Deus, por estarem em comunhão com Ele enquanto oram. Jesus nos manda orar para que não entremos em tentações. Nossos pais caíram em tentação; felizmente, eles eram da verdade, porque eles se envergonharam do que fizeram, por isso, improvisaram para si frágeis vestimentas de folhas, com as quais buscaram a comunhão com Deus:

Os olhos dos dois se abriram, e perceberam que estavam nus; então juntaram folhas de figueira para cobrir-se. Ouvindo o homem e sua mulher os passos do Senhor Deus que andava pelo jardim quando soprava a brisa do dia, esconderam-se da presença do Senhor Deus entre as árvores do jardim. Mas o Senhor Deus chamou o homem, perguntando: "Onde está você?" (Gn 3:7-9)

O encontro de nossos pais com Deus foi inevitável, e a fuga deles da comunhão com Deus não lhes trouxe conhecimento do Bem nem do Mal, ela lhes trouxe crise. Eles não sabiam o que era uma crise material ou uma crise existencial, até que a serpente tentou convencê-los de que estariam vivendo ambas as crises. A crise material foi insuflada pela sugestão de que estariam vivendo em um cenário de escassez extrema: "Foi isso mesmo que Deus disse: 'Não comam de nenhum fruto das árvores do jardim'? E a crise existencial foi insuflada pela sugestão de que estariam vivendo em um cenário de completa ignorância: Deus sabe que, no dia em que dele comerem, seus olhos se abrirão, e vocês serão como Deus, conhecedores do bem e do mal.

Como todas as ideias da serpente, a crise material era uma mentira e foi refutada pela mulher: " Respondeu a mulher à serpente: "Podemos comer do fruto das árvores do jardim, mas Deus disse: 'Não comam do fruto da árvore que está no meio do jardim, nem

toquem nele; do contrário vocês morrerão' ". A crise material foi refutada como mentira. A mulher refutou a mentira sobre a crise material, muito rapidamente, porque a crise material é bem visível e nos força a buscar socorro urgente. Mas a crise existencial, que também foi criada por meio de uma mentira, não foi refutada e produziu efeitos devastadores: "Deus sabe que, no dia em que dele comerem, seus olhos se abrirão, e vocês serão como Deus, conhecedores do bem e do mal".

A mentira sobre a crise existencial não foi refutada pela mulher, e a serpente que pareceu haver perdido a batalha sobre a crise material, percebeu que nossa mãe era dotada de um zelo religioso desnecessário, ao afirmar que o Senhor havia dito sobre o fruto: "nem toquem nele". Essa ordenança, o Senhor não deu, era mentira. O que seria um zelo religioso desnecessário? O zelo religioso desnecessário é a observação de preceitos bíblicos que não fazem parte do "caminho para a árvore da vida", ou seja, não fazem parte do caminho do Céu; este é o principal alimento espiritual dos cristãos sectários que afirmam que o Evangelho é a Bíblia toda.

O mito da criação registra que, após o dilúvio, se levantou outra geração, que como nossos pais, não souberam lidar com suas crises existenciais: eles tomavam suas decisões, sem levar em conta o que Deus diz ser pecado. Eles punham em prática seus projetos como se eles fossem o centro do universo. Eles renunciavam ao privilégio de ser semelhantes a Deus, porque o que eles queriam mesmo era viver na mais completa autonomia em relação a Ele:

Depois disseram: "Vamos construir uma cidade, com uma torre que alcance os céus. Assim nosso nome será famoso e não seremos espalhados pela face da terra". O Senhor desceu para ver a cidade e a torre que os homens estavam construindo. E disse o Senhor: "Eles são um só povo e falam uma só língua, e começaram a construir isso. Em breve nada poderá impedir o que planejam fazer. Venham, desçamos e confundamos a língua que falam, para que não entendam mais uns aos outros". (Gn 11:4-7)

Os seres humanos começaram a edificar uma cidade, uma torre e um nome. Uma cidade para que pudessem exercer seu egoísmo da forma mais anônima possível. Uma torre que tocasse o céu, do qual necessitavam, mas ao qual poderiam ter acesso pelos seus próprios meios. Um nome no qual pudessem confiar para a solução das suas crises. Mas eles só obtiveram contradição; nada mais, nada menos. O texto bíblico registra

contradições muito presentes na vida de muitas pessoas que se encantam com o progresso humano.

São pessoas que se encantam com a oportunidade de adquirir todos os brinquedos que lhes prendam a atenção, para que não sobre tempo para nada mais que não seja a contemplação do seu próprio ego. Mas Jesus afirma: “... pois sem mim vocês não podem fazer coisa alguma” (Jo 15:5); de tanto ouvir que o Mal é bom e que o Bem é cruel, tais pessoas, ainda que venham a se tornar da verdade, muitas vezes, por algum tempo, rejeitam a verdade e seguem a mentira, ignoram as virtudes e se rendem aos vícios.

Os vícios têm suas raízes em nossas frágeis estruturas físicas e espirituais. Os vícios são a melhor demonstração da miséria generalizada em que vive grande parte das pessoas que se esquecem das suas almas, mas Jesus busca tais ovelhas desgarradas para que possam ouvir a sua voz: “Ao ver as multidões, teve compaixão delas, porque estavam aflitas e desamparadas, como ovelhas sem pastor” (Mt 9:36). Os vícios fazem parte da miséria humana e são todos cabíveis na vida de qualquer um de nós. O que é inaceitável é a apologia às práticas viciantes, o que é muito comum, em nome da liberdade de dispor do próprio corpo com completa autonomia em relação a Deus.

A figura bíblica conhecida como a torre de Babel, que é o texto bíblico aqui considerado, evidencia as consequências da queda. Nossos pais não levaram a sério o fato de que fomos criados para assumir responsabilidades pelo nosso semelhante e para guardar os mandamentos de Deus. Uma oferta mentirosa, feita pela serpente, desencadeou uma crise existencial, provocada pelo desejo de serem como Deus: “Deus sabe que, no dia em que dele comerem, seus olhos se abrirão, e vocês serão como Deus, conhecedores do bem e do mal”. Ao desobedecerem a Deus, nossos pais só conheceram o mal, eles perderam a vida eterna que tinham no Céu; eles passaram a depender totalmente da graça de Deus, para retornarem ao lugar de glórias, onde viveriam como anjos, a serviço de Deus.

A sede de glórias humanas é um grande problema para todos os seres humanos, porque a glória humana atíça o egoísmo. Mas Jesus afirma: “Não estou buscando glória para mim mesmo; mas, há quem a busque e julgue. Asseguro-lhes que, se alguém guardar a minha palavra, jamais verá a morte” (Jo 8:50-51). O egoísmo impede os seres humanos de fazerem escolhas que não sejam para atender aos seus próprios interesses. O egoísmo

fragiliza os seres humanos e os expõe a perder a visão. Ao perder a visão, ficam cegos e não conseguem enxergar nem a Deus e nem aos seus semelhantes, por quem Deus lhes fez responsáveis.

Por haverem transgredido a lei de Deus, naquela época só havia a lei da consciência, nossos pais só conheceram o mal. Logo após, desobedeceram a Deus, eles descobriam que estavam nus e sentiram vergonha de se apresentarem diante de Deus. Felizmente, nossos pais foram ensinados por Deus e aprenderam o que lhes foi ensinado. Eles tiveram os seus olhos abertos e se envergonharam de haverem transgredido a lei de Deus. Eles poderiam ter se alegrado enormemente com o que fizeram. Contrariamente ao que fizeram nossos pais, muitas pessoas são ensinadas por Deus e preferem continuar cegas, seguindo à serpente e até mesmo sentem orgulho pelos pecados que cometem.

O que fez com que nossos pais se envergonhassem do pecado deles, por haverem transgredido a lei de Deus, foi o fato de eles serem da verdade. Todos os seres humanos foram criados com essa capacidade, portanto, só não arrazoa com Deus sobre seu pecado quem não quer. As pessoas que não arrazoam com Deus se esquecem de que a decisão de onde passarão a eternidade está em suas mãos. O meu apelo é para que todas as pessoas se agarrem à verdade, porque Jesus afirma: “... Todos os que são da verdade me ouvem” (Jo 18:37). A principal certeza que todos os seres humanos precisam ter é de que no final das contas a verdade de Deus vai se estabelecer e as pessoas que a adotarem vencerão; mas é importante saber quem é Deus e o que é pecado.

Eu faço um forte apelo aos leitores desatentos e incrédulos sobre o mito da criação, para que eles acordem, abram seus olhos e percebam que estes onze primeiros capítulos da Bíblia são os mais importantes, para que se possa compreender a natureza humana. Eles são importantes porque representam a verdade criacionista, sem nenhuma interferência do pecado humano, na sua composição. As verdades contidas nesses onze capítulos brotam de dentro para fora, ou seja, residem na alma ou espírito humano. As verdades criacionistas não contêm história, não contêm cultura, não contêm tradição, elas descrevem a natureza humana como ela é.

Uma importante verdade criacionista é o fato de que, por mais que os seres humanos tenham a sabedoria e o poder de Deus, nunca haverá um sequer perfeitamente santificado aqui na Terra. A pecaminosidade estará sempre presente em nossas vidas; o

que torna mais fácil cedermos às tentações; afinal de contas, há inimizade entre a descendência da mulher e a serpente. A forma mais segura de nós lutarmos contra os nossos próprios pecados é nos esforçando para guardarmos os mandamentos de Jesus, o que garante a presença do Ajudador, Conselheiro, ou Espírito da verdade, prometido por Ele.

Felizmente, para as pessoas que estão em Jesus Cristo, a luta contra o pecado não vai além do túmulo. Imediatamente após a morte, as pessoas que se tornarem da verdade passam a viver como anjos, no universo espiritual do Bem: é o retorno do ser humano ao Paraíso, ou a vida eterna no Céu, que Jesus promete. É justamente a luta contra o pecado que nos santifica; obviamente, se guardarmos os mandamentos de Jesus, para que possamos receber o dom do seu Espírito, sem o qual seremos incapazes de vencer o pecado.

Nós somos incapazes de fazer as mínimas coisas sem a ajuda de Deus; isso faz parte da verdade criacionista pela qual foi preciso que Deus reparasse o erro cometido pelos nossos pais, por pretenderem andar na presença dele com as vestimentas que fizeram para si, usando folhas: “O Senhor Deus fez roupas de pele e com elas vestiu Adão e sua mulher”. (Gn 3:21)

Consideremos agora a verdade criacionista, contida neste versículo, que faz parte do mito da criação e que orienta toda a prática cristã, no que diz respeito a viver em comunhão com Deus. “O Senhor Deus fez roupas de pele e com elas vestiu Adão e sua mulher”. Deus não somente fez as vestimentas de peles para nossos pais, como também os vestiu. Deus não confiou a eles sequer a simples tarefa de se vestirem, porque eles poderiam meter os pés pelas mangas. Essa verdade criacionista não torna o ser humano incapaz de agir dentro dos limites imposto por Deus, e em sua presença, mas contraindica toda e qualquer autonomia do ser humano em relação a Deus.

A verdade criacionista sobre vestimentas está intimamente ligada a atitudes, as quais não devemos escolher por nós mesmos, mas deixar que Deus escolha para nós. Essa verdade trata da forma como devemos viver em comunhão com Deus; aí se inclui não somente as vestimentas, mas os pensamentos, as palavras e os atos, os quais nos caracterizam, no nosso dia a dia, diante dos homens, e em nossa consciência diante de

Deus. Tudo isto se resume em renunciarmos à nossa autonomia em relação a Deus, tendo em conta que sabemos quem é Deus e o que é pecado.

Os ancestrais dos hebreus, os hebreus e os cristãos primitivos tinham sua fé em Deus muito voltada para a convivência com Ele o tempo todo. Assim, as pessoas criam que Deus estava no meio delas, de forma invisível, através dos anjos. Ao longo de toda a Bíblia, há manifestações visíveis de Deus, através de anjos aos seus servos. Como os anjos também podem se apresentar de forma invisível, os servos de Deus se mantinham vigilantes, o tempo todo, por causa da presença dos anjos. Ou seja, eles não queriam perder o privilégio de se encontrar com Deus, a quem os anjos representavam, por causa de pensamentos, palavras e atos que os tornassem indignos.

O criacionismo é irredutível em não aceitar a ideia de que haja seres humanos perfeitos, mas também é irredutível em não aceitar a ideia de que haja pecado que Deus não queira perdoar. Mas para que Deus perdoe o pecado é preciso que haja arrependimento por parte do pecador. Jesus nos manda que nos guardemos dos pecados, que além da mentira, inclui "... os maus pensamentos, as imoralidades sexuais, os roubos, os homicídios, os adultérios, as cobiças, as maldades, o engano, a devassidão, a inveja, a calúnia, a arrogância e a insensatez. Todos esses males vêm de dentro e tornam o homem 'impuro' "...". (Mc 7:21-23)

O mito da criação foi revelado por Deus bem antes do surgimento da escrita, há cerca de seis milênios. Nós não podemos precisar quando ele começou a ser contado na tradição oral; o que podemos garantir é que suas verdades sempre estiveram presentes nas mentes dos seres humanos que foram ensinados por Deus e aprenderam. Todas as pessoas que aprendem com Deus creem que só existe um Deus; creem que Deus criou todas as coisas; creem que Deus se comunica com todas elas; creem que Deus tem mandamentos para elas; creem que Deus retribui os justos por guardarem seus mandamentos e castiga os injustos por não os guardarem; creem que Deus dá alegria às pessoas que o amam e amam ao seu próximo e creem na imortalidade da alma como retribuição maior aos justos e como castigo extremo aos injustos, são pessoas tementes a Deus, isso acontece porque só existe um Evangelho, ainda que escrito de diversas formas.

Os ancestrais dos hebreus, que se orientavam pela lei da consciência, consideravam o pastoreio como sendo uma forma de as pessoas viverem

permanentemente dependendo de Deus e do seu semelhante, para enfrentarem as dificuldades de viverem em um campo aberto. Um dos primeiros reflexos desta dependência de Deus aparece em: “O Senhor Deus fez roupas de pele e com elas vestiu Adão e sua mulher”. A pele animal, própria do pastoreio, seria mais segura e adequada para a vestimenta humana do que a folha, própria da agricultura. A agricultura propicia a formação de cidades e consequente proliferação do egoísmo.

O criacionismo põe em oposição o pastoreio e a vida na cidade, sem evidenciar qualquer diferença existente entre os dois modos de vida, mas para ressaltar a importância de vivermos dependendo de Deus e uns dos outros. A seguir, veremos mais um exemplo que reflete a cultura nômade dos ancestrais dos hebreus, que ilustra o ensino registrado no mito da criação, contra o egoísmo:

Passado algum tempo, Caim trouxe do fruto da terra uma oferta ao Senhor. Abel, por sua vez, trouxe as partes gordas das primeiras crias do seu rebanho. O Senhor aceitou com agrado Abel e sua oferta, mas não aceitou Caim e sua oferta. Por isso Caim se enfureceu e o seu rosto se transtornou. (Gn 4:3-5)

“Caim trouxe do fruto da terra uma oferta ao Senhor. Abel, por sua vez, trouxe as partes gordas das primeiras crias do seu rebanho”. É clara a preferência de Deus pelos elementos típicos do pastoreio: “O Senhor aceitou com agrado Abel e sua oferta, mas não aceitou Caim e sua oferta”. É fato que a formação de cidades nada tem a ver com o egoísmo, mas ficou clara a mensagem de que precisamos viver em comunhão com Deus, na dependência dele e uns dos outros, sem o pecado da autonomia em relação a Deus.

O egoísmo tem suas raízes nos maus pensamentos, na cobiça, na inveja e na arrogância. O egoísmo tem origem criacionista, por isso, ele brota de dentro para fora; para combater o egoísmo temos que aprender com Deus a depender dele e uns dos outros. Em nossos dias, do pastoreio só ficou a lição de que temos que depender de Deus e uns dos outros. Contrariamente, a cidade se agigantou e na mesma proporção se agigantou o egoísmo das pessoas que vivem nela. As pessoas não são ensinadas a viverem nas cidades, por isto elas vivem próximas umas das outras, mas vivem como se estivessem sozinhas no mundo.

O que, à primeira vista, parece ser uma referência inadequada, ou até mesmo preconceituosa contra a cidade, como forma de habitação humana, tem um profundo

sentido ético, quando levada à realidade da vida nas cidades, neste início de século XXI. Precisamos atacar o problema do egoísmo, trazendo para a nossa realidade o amor a Deus e o amor ao próximo. O egoísmo que tem demolido as almas de muitas pessoas que habitam na cidade, precisa ser enfrentado de forma adequada, usando-se a verdade de Deus, que é o Evangelho.

A verdade de Deus é o Evangelho; através dele, Deus nos ensina o completo desprendimento em relação a bens materiais, mas muitos líderes cristãos têm omitido tal ensino, há mais de dezesseis séculos. Como Jesus foi posto em uma mesa-redonda, juntamente com todos os autores e personagens bíblicos, por ocasião da formação do cânon do Novo Testamento, é preciso que a percepção que os cristãos precisam ter da sua autoridade seja restaurada, para que possamos pregar o desprendimento dos cristãos em relação a bens materiais, se quisermos combater o egoísmo; Jesus confirma esta importante verdade criacionista:

Certa ocasião, um perito na lei levantou-se para pôr Jesus à prova e lhe perguntou: "Mestre, o que preciso fazer para herdar a vida eterna?" "O que está escrito na Lei?", respondeu Jesus. "Como você a lê?" Ele respondeu: " 'Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todas as suas forças e de todo o seu entendimento' e 'Ame o seu próximo como a si mesmo' ". Disse Jesus: "Você respondeu corretamente. Faça isso, e viverá". Mas ele, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: "E quem é o meu próximo?" Em resposta, disse Jesus: "Um homem descia de Jerusalém para Jericó, quando caiu nas mãos de assaltantes. Estes lhe tiraram as roupas, espancaram-no e se foram deixando-o quase morto. Aconteceu estar descendo pela mesma estrada um sacerdote. Quando viu o homem, passou pelo outro lado. E assim também um levita; quando chegou ao lugar e o viu, passou pelo outro lado. Mas um samaritano, estando de viagem, chegou onde se encontrava o homem e, quando o viu, teve piedade dele. Aproximou-se, enfaixou-lhe as feridas, derramando nelas vinho e óleo. Depois colocou-o sobre o seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e cuidou dele. No dia seguinte, deu dois denários ao hospedeiro e disse-lhe: 'Cuide dele. Quando voltar lhe pagarei todas as despesas que você tiver'. "Qual destes três você acha que foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?" "Aquele que teve misericórdia dele", respondeu o perito na lei. Jesus lhe disse: "Vá e faça o mesmo". (Lc 10:25-37)

Essa parábola trata da situação do pobre vitimado pelo egoísmo dos ricos e educados, que faz com que cada pessoa cuide do seu próprio interesse e se esqueça de perguntar a si mesmo: “quem é o meu próximo?” Para resolver o problema da injustiça social decorrente da urbanização, já referida neste capítulo, é preciso que as pessoas educadas de todas as classes sociais se encham de compaixão, e elejam como prioridade absoluta a educação dos ignorantes para que eles possam adquirir condições de andar com seus próprios pés e pensar com suas próprias cabeças.

O mito da criação apresenta Caim e Abel como os dois filhos de Adão e Eva que teriam que se relacionar com Deus e entre si. Pelo comportamento de Caim após matar seu irmão e ser procurado por Deus, conclui-se que ele nunca teve tempo para pensar em Deus, o quanto Ele é maravilhoso e justo. Caim levou uma oferta a Deus, como se Deus precisasse dela. Caim não fez um exame de consciência antes de se apresentar e apresentar sua oferta a Deus. Ele jamais considerou a diferença existente entre ele e Deus; infelizmente, é assim que muitos cristãos dizem que servem a Deus.

Quando eu convido as pessoas a estabelecerem um relacionamento pessoal e permanente com Deus, sem nenhuma intervenção humana, é porque eu penso que também não devemos andar segundo o entendimento de qualquer pessoa, a não ser do próprio Deus. Temos que buscar somente em Deus toda a sabedoria, suficiente para que possamos caminhar com os nossos próprios pés. Essa capacidade Jesus nos promete; que somente nele busquemos luz, para que possamos ser a luz do mundo e que não busquemos luz no mundo, onde só há trevas.

Caim mostrou que não amava o seu próximo; ele foi um exemplo de pessoa que não ama seu próximo. Caim considerava muito urgente levar uma oferta a Deus, “mas Deus não aceitou Caim nem sua oferta”; esta é a emblemática situação em que vivem hoje muitos cristãos que são ensinados a amar a Deus e não amar ao próximo, porque seus mestres consideram que as boas obras não são essenciais à salvação, contrariando o que Jesus ensina, como verdade de Deus. Tais mestres não consideram que o Evangelho é a verdade de Deus consumada no Calvário.

Caim, após fazer sua oferta ao Senhor e perceber que Ele não se agradou nem dele nem da oferta dele, ficou irado. Daí podemos tirar duas conclusões: a primeira delas é de que realmente Caim tinha oculto, em seu coração, um pecado muito grave, que só ele e

Deus sabiam o que era, e a segunda conclusão é de que Deus teria sido injusto, o que é impossível. Como Deus sempre procura as pessoas que estão sofrendo, por causa do pecado, com o intuito de ensiná-las, para que elas se livrem do pecado e do sofrimento causado por ele, Deus também procurou Caim: “O Senhor disse a Caim: ‘Por que você está furioso? Por que se transtornou o seu rosto? Se você fizer o bem, não será aceito? Mas se não o fizer, saiba que o pecado o ameaça à porta; ele deseja conquistá-lo, mas você deve dominá-lo’”. (Gn 4:6-7)

Ao buscar a Caim, para ensiná-lo, Deus o ensinou como ele deveria fazer para se arrepender, momentos antes da consumação do pecado: O Senhor disse a Caim: "Por que você está furioso? Por que se transtornou o seu rosto?" Deus também percebeu que Caim tinha, por natureza, uma consciência sensível ao pecado; e isto se aplica a todos os seres humanos, porque nenhum ser humano nasceu para pecar, por isso o pecado nos faz tanto mal.

Deus percebeu que Caim estava sofrendo por causa dos seus maus pensamentos e perguntou: “Por que se transtornou o seu rosto?” Quando alguém não consegue se sentir mal pelos seus maus pensamentos, é porque esta pessoa tem rejeitado insistentemente o ensino de Deus e tem aceitado a influência do Maligno. Mas não foi isto que aconteceu a Caim, ele se sentiu perturbado com seus maus pensamentos. O que Deus ensinou a Caim também ensina a cada um de nós. Deus nos ensina que devemos dominar sobre o desejo do pecado; “ele deseja conquistá-lo, mas você deve dominá-lo.”

Deus busca o pecador para ensiná-lo, isto é uma verdade criacionista. Deus busca o pecador para ensiná-lo o caminho para a árvore da vida. Nós podemos aceitar ou rejeitar o ensino de Deus. No entanto, não podemos confundir a misericórdia de Deus com falta de seriedade. Caim não era exatamente o tipo de pessoa que levasse Deus a sério: “... Disse, porém, Caim a seu irmão Abel: "Vamos para o campo". Quando estavam lá, Caim atacou seu irmão Abel e o matou. Então o Senhor perguntou a Caim: "Onde está seu irmão Abel? " Respondeu ele: "Não sei; sou eu o responsável por meu irmão?". (Gn 4:8-9)

Caim não somente matou seu irmão, mas ele também zombou de Deus. Ele desprezou a Deus e ao seu semelhante, o que é totalmente contrário à essência do cristianismo, que Jesus ensina: "Mestre, qual é o maior mandamento da Lei? "Respondeu Jesus: " ‘Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo

o seu entendimento'. Este é o primeiro e maior mandamento. E o segundo é semelhante a ele: 'Ame o seu próximo como a si mesmo'. (Mt 22:36-39)

Caim havia se esquecido de que ele foi criado para assumir responsabilidades e para guardar os mandamentos de Deus. Ele não aprendeu nada com Deus. Não aprendeu porque não quis, não aprendeu porque quem zomba de Deus não tem o menor respeito por Ele. Quando Deus perguntou a Caim, "onde está seu irmão Abel?" ele não mostrou o menor arrependimento e ainda zombou de Deus, respondendo, "não sei; sou eu o responsável por meu irmão?"

Caim foi o primeiro ser humano a se considerar sábio e entendido. Como todo sábio e entendido, Caim tinha a pretensão de traçar o seu próprio destino, mas Deus não o permitiu. De acordo com o mito da criação, para que alguém possa se submeter inteiramente a Deus, essa pessoa precisa ter sido ensinada por Ele e ter aprendido. Caso a pessoa ainda não tenha aprendido com Deus, ela vai estar sempre com uma vara na mão tentando medir o tamanho do seu mundinho, como fez Caim, e como fazem todas as pessoas que se parecem com os sábios e entendidos, na mais completa autonomia em relação a Deus:

Hoje me expulsas desta terra, e terei que me esconder da tua face; serei um fugitivo errante pelo mundo, e qualquer que me encontrar me matará". Mas o Senhor lhe respondeu: "Não será assim; se alguém matar Caim, sofrerá sete vezes a vingança". E o Senhor colocou em Caim um sinal, para que ninguém que viesse a encontrá-lo o matasse. (Gn 4:14-15)

Ninguém pode se esconder de Deus, como Caim pretendia, dizendo: "terei que me esconder da tua face"; assim pensam muitas pessoas que consideram que o juízo de Deus só existe para o povo que crê nele. Essa é a grande loucura dos incrédulos, isso é zombar de Deus, como fez Caim. Nós precisamos nos libertar da nossa própria maldade e da maldade dos sábios e entendidos. Mas nós só poderemos fazer isto se levarmos Deus a sério, de acordo com a sua verdade. Em nossos dias, o que não faltam são sábios e entendidos empurrando as pessoas para o precipício de viverem suas vidas zombando de Deus e amargando a infelicidade de viverem uma vida sem qualquer sentido interior.

Em perfeito estado de saúde física e mental, não adianta o pecador se revoltar contra Deus, porque Deus é Deus. Está certo que somos feitos de carne e osso, e nos

momentos de extrema aflição, às vezes brigamos com Deus. Isto aconteceu com João Batista, que é a figura mais destacada da Bíblia, depois de Jesus Cristo. João Batista foi preso por Herodes e posto em um calabouço horrível; e, em extrema aflição, chamou alguns dos seus discípulos e os enviou a Jesus para perguntar a Ele: "... És tu aquele que haveria de vir ou devemos esperar algum outro?" (Mt 11:2-3). Ninguém mais do que João Batista, entre os seres humanos, sabia que Jesus Cristo era o Messias, a quem ele apresentou ao mundo como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

Sobre a briga de João Batista com Deus, o que se pode concluir é que o profeta maior estivesse vivendo um momento de extrema aflição. Não foi o caso de Caim. Caim, em vez de arrazoar com Deus, com vistas ao arrependimento, preferiu traçar o seu próprio destino, como se isto fosse possível. Assim fazem as pessoas que não levam Deus a sério, que são os sábios e entendidos, ou vivem como se fossem. Os sábios e entendidos constroem teorias tão bizarras sobre a existência humana, que aos olhos dos servos de Deus, não passam de velhas e grosseiras formas de pecado.

Os seres humanos não podem ter a pretensão de tomar as decisões que somente a Deus pertencem. O que está à nossa disposição é uma porta aberta para que possamos rogar a Deus, em oração, em nosso favor. Mas sobre assuntos reservados à soberania de Deus, só cabe a nós aceitarmos a decisão divina, ainda que seja um cálice amargo que tenhamos que beber, como aconteceu com João Batista; ele foi degolado e sua cabeça foi entregue a uma jovem, em uma festa no palácio do rei Herodes.

Diante da morte, o que temos que considerar é que a eternidade é um tempo infinitamente maior do que a nossa vida terrena e que Jesus afirma que todas as pessoas que nesta vida aprendem com Deus, se tornam da verdade e têm a vida eterna, e que na eternidade viveremos como anjos, a serviço de Deus. Para que não nos agarremos às decisões que somente a Deus pertencem, vale o que Jesus nos ensina: "... você não pode tornar branco ou preto nem um fio de cabelo" (Mt 5:36). Por isto, os cristãos precisam ser ensinados sobre a glória que os aguarda na eternidade, como algo que não foi estabelecido por eles.

Quando eu afirmo que precisamos viver em comunhão com Deus para nos desviar do pecado, é porque, como em Caim, há em nós a propensão para cometer os piores pecados. É porque Deus nos garante que podemos dominar sobre o desejo do pecado, tal

como Ele afirmou a Caim, que não os cometemos: “mas se não o fizer o bem, saiba que o pecado o ameaça à porta; ele deseja conquistá-lo, mas você deve dominá-lo.”

Daí a conclusão de que o pecado de Caim, antes de fazer sua oferta ao Senhor, poderia ser a mentira ou “... os maus pensamentos, as imoralidades sexuais, os roubos, os homicídios, os adultérios, as cobiças, as maldades, o engano, a devassidão, a inveja, a calúnia, a arrogância e a insensatez. Todos esses males vêm de dentro e tornam o homem ‘impuro’” (Mc 7:21-23); são pecados que brotam da consciência humana embotada.

Um dos maiores malefícios do pecado é que ele se espalha pela sociedade como cultura e provoca muito sofrimento. É por isto que arrazoar com Deus, em família, em forma de culto a Deus é tão importante. Jesus afirma: “Pois onde se reunirem dois ou três em meu nome, ali eu estou no meio deles”. (Mt 18:20)

Para evitar viver uma vida de pecado nós precisamos ter consciência de que a eternidade da alma humana é algo estabelecido por Deus, sem o nosso consentimento e que só nos foi deixada a liberdade de escolher onde passar a eternidade: se no universo espiritual do Bem ou ser destruído juntamente com o Mal.

O mito da criação registra o primeiro caso de violência familiar e de prática da poligamia. Da descendência de Caim nasceu Lameque, um homem violento e contrário ao casamento monogâmico; ele se casou com duas mulheres e as ameaçava, expondo a elas o seu histórico de violência: “Disse Lameque às suas mulheres: “Ada e Zilá, ouçam-me; mulheres de Lameque, escutem minhas palavras: Eu matei um homem porque me feriu, e um menino, porque me machucou” (Gn 4:23). Lameque deu continuidade à escalada de pecados da descendência de Caim; mas como o Bem sempre vence, Deus suscitou da raiz justa um broto de onde nasceriam o amor a Deus e o amor ao próximo:

Novamente Adão teve relações com sua mulher, e ela deu à luz outro filho, a quem chamou Sete, dizendo: “Deus me concedeu um filho no lugar de Abel, visto que Caim o matou”. Também a Sete nasceu um filho, a quem deu o nome de Enos. Nessa época começou-se a invocar o nome do Senhor. (Gn 4:25-6)

A necessidade de invocar o nome do Senhor é uma verdade criacionista, por isso ela brota de dentro para fora do espírito humano. Nós precisamos invocar o nome do Senhor para que possamos andar na presença dele e estabelecer um relacionamento

pessoal e permanente com Ele, sem nenhuma intervenção humana. Essa necessidade é muito sagrada e tem sido explorada pelos falsos profetas, que como Judas, ficam ricos vendendo Jesus, eles são os lobos que se alimentam dos cordeiros.

A necessidade interior que os seres humanos sentem de invocarmos o nome do Senhor nega por completo o ateísmo, a não ser nos casos em que o ateu, de modo consciente, resoluto e definitivo, tenha rejeitado o ensino de Deus e abraçado a influência do Mal, mas Jesus nos proíbe julgar o estado final da alma de quem quer que seja. O ato de invocar o nome do Senhor obedece à lei da consciência, que é a primeira forma de lei de Deus que foi legada aos nossos ancestrais e pela qual as crianças nascem santas e são padrão de santidade para os adultos, Jesus ensina isso.

A vida eterna do espírito humano também é criacionista; da descendência de Enos, nasceu Enoque, o qual andou na presença de Deus: "... Enoque andou com Deus 300 anos e gerou outros filhos e filhas. Viveu ao todo 365 anos. Enoque andou com Deus; e já não foi encontrado, pois Deus o havia arrebatado" (Gn 5:22-24). O nosso retorno ao Paraíso é a uma promessa de Deus a todas as pessoas que viverem em comunhão com Ele. O que começou com Enoque foi aplicado a todos os justos, após a morte de Jesus: "Naquele momento, o véu do santuário rasgou-se em duas partes, de alto a baixo. A terra tremeu, e as rochas se partiram. Os sepulcros se abriram, e os corpos de muitos santos que tinham morrido foram ressuscitados". (Mt 27:51-52)

Como nossos pais foram fascinados pela astúcia da serpente, também seus descendentes se espalharam pela Terra atraídos pelas mais absurdas astúcias. Astúcias são mentiras que apequenam Deus e engrandecem os seres humanos; as vítimas da astúcia enchem seus corações de maldade, por pensarem que Deus não julga seus atos:

O Senhor viu que a perversidade do homem tinha aumentado na terra e que toda a inclinação dos pensamentos do seu coração era sempre e somente para o mal. Então o Senhor arrependeu-se de ter feito o homem sobre a terra; e isso cortou-lhe o coração. Disse o Senhor: "Farei desaparecer da face da terra o homem que criei, os homens e também os animais grandes, os animais pequenos e as aves do céu. Arrependo-me de havê-los feito". A Noé, porém, o Senhor mostrou benevolência. Esta é a história da família de Noé: Noé era homem justo, íntegro entre o povo da sua época; ele andava com Deus. (Gn 6:5-9)

Há cerca de vinte séculos, alguém falar na destruição do planeta, causado pela astúcia dos homens, ficaria apenas no terreno das profecias. Mas o que vemos hoje é uma possibilidade real. Mas isso não é uma surpresa para Deus; o livro do profeta Daniel anuncia o fim dos tempos para o século XXVIII da nossa era, o que precisa ser visto como onisciência de Deus e não como ameaça aos seres humanos.

Como o Bem sempre vence, não há cenário assustador para as pessoas que estão sempre dispostas a aprender quando Deus lhes ensinar. No meio de tanta corrupção, Deus encontrou Noé, que era justo: “a Noé, porém, o Senhor mostrou benevolência”; e a este, Deus revelou seus segredos; esta é uma verdade bíblica fundamental: “Naquela ocasião Jesus disse: ‘Eu te louvo, Pai, Senhor dos céus e da terra, porque escondeste estas coisas dos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, pois assim foi do teu agrado’” (Mt 11:25-26). Deus revela seus segredos aos justos, ou seja, às pessoas que aprendem com Ele, se tornam da verdade e ouvem a voz de Jesus.

O que Deus tinha para falar a Noé era muito grave, mas Ele não falou em segredo, os sábios e entendidos é que não levaram a verdade de Deus a sério:

Deus disse a Noé: "Darei fim a todos os seres humanos, porque a terra encheu-se de violência por causa deles. Eu os destruirei juntamente com a terra. Você, porém, fará uma arca de madeira de cipreste; divida-a em compartimentos e revista-a de piche por dentro e por fora. (Gn 6:13:14)

Noé creu nas palavras de Deus, apesar de tanta incredulidade à sua volta. Noé creu porque fez tudo o que Deus mandou. Ele não se importou em parecer ridículo, porque é assim que os sábios e entendidos pensam dos servos de Deus: “Noé fez tudo exatamente como Deus lhe tinha ordenado” (Gn 6:22). Há neste versículo uma verdade criacionista muito importante, que é o censo de completude que há na ordem de Deus; “exatamente como Deus lhe tinha ordenado”; precisamos fazer tudo o que Deus nos manda, e não somente parte; tendo sempre em conta quem é Deus.

Noé sabia que a arca estava sendo construída para Deus. A arca era um bem material, mas o melhor ainda estava por vir na vida de Noé: “Então o Senhor disse a Noé: "Entre na arca, você e toda a sua família, porque **você é o único justo que encontrei nesta geração**" (Gn 7:1 – grifo do autor). A verdade criacionista contida neste versículo é a alegria do servo de Deus ao ouvir da boca dele: “você é o único justo que encontrei

nesta geração”. Portanto, a necessidade de reconhecimento, da parte de Deus, está muito presente em nossas vidas.

Neste final de considerações sobre as verdades bíblicas essenciais, contidas no mito da criação, é importante que fique claro o que Deus requer de nós. Deus requer que façamos tudo o que Ele nos manda: “E Noé fez tudo como o Senhor lhe tinha ordenado” (Gn 7:5). Ninguém pode ser considerado justo por fazer apenas parte do que Deus requer; ou seja, aquilo que achamos importante. Vejamos, então, o censo de completude contido nas exigências de Deus, e a consequente recompensa:

Se vocês me amam, obedecerão aos meus mandamentos. E eu pedirei ao Pai, e ele lhes dará outro Conselheiro para estar com vocês para sempre, o Espírito da verdade. O mundo não pode recebê-lo, porque não o vê nem o conhece. Mas vocês o conhecem, pois ele vive com vocês e estará em vocês. (Jo 14:15-17)

Estas palavras de Jesus são um convite que Ele nos faz para que entremos na arca da salvação; uma arca impermeabilizada por dentro e por fora, pela sabedoria e pelo poder de Deus, para resistir à avalanche de pecados que brotam dos nossos corações. Porque, por mais que nos santifiquemos, carecemos do socorro divino para não sucumbirmos ao vendaval de pecados inerente à condição humana. Um pecado que precisa ser combatido através da vigilância e da oração, para que não venhamos a perder a noção de sentido e da eternidade para a vida.

Como consequência da obediência a Deus vem a recompensa. A recompensa de justiça aquela recompensa esperada por todas as pessoas que são da verdade e que estão sempre com seus olhos fitos no Céu, por motivos justos. Noé entrou na arca e começou a navegar com a segurança de quem tem a certeza de que “o Senhor fechou a porta”:

“Casais de todas as criaturas que tinham fôlego de vida vieram a Noé e entraram na arca. Os animais que entraram foram um macho e uma fêmea de cada ser vivo, conforme Deus ordenara a Noé. Então o Senhor fechou a porta”. (Gn 7:15-16)

CAPÍTULO 3

O MITO DE SÍSIFO

Tenho outras ovelhas que não são deste aprisco. É necessário que eu as conduza também. Elas ouvirão a minha voz, e haverá um só rebanho e um só pastor

(Jo 10:16)

Por terem liberdade para considerar que Jesus Cristo é um mentiroso, muitas pessoas desprezam suas palavras e só conseguem enxergá-lo como um simples homem que viveu por um período de pouco mais de três décadas e que falou algumas coisas que devem ser levadas a sério e outras não. Infelizmente, essa forma de pensar sobre Jesus é uma triste realidade entre muitos cristãos.

Mas a verdade sobre “... o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt:16:16) é que no ato da sua concepção, lhe foi atribuída uma porção do Espírito Santo, a essência de Deus, Deus Poderoso, o Pai Eterno, para que Ele nos trouxesse a graça, a verdade e confirmasse a lei de Deus. Ao ser morto, Ele consumou a graça, a verdade e confirmou a lei; a verdade de Deus é o Evangelho, e a Lei de Deus são os Dez Mandamentos.

Do ponto de vista divino, a morte de Jesus foi a expiação para os nossos pecados; mas, do ponto de vista humano, Ele foi condenado à morte, sob a acusação de cometer blasfêmia, por se apresentar às pessoas como Deus: "... porque você é um simples homem e se apresenta como Deus" (Jo 10:33), acusavam os judeus.

Jesus, “... o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt:16:16), aceitava que algumas pessoas, por falta de conhecimento das Escrituras, O tratassem como um simples homem. Isso se devia à sua aparência humana, mas Ele tinha a autoridade divina, concedida pelo Espírito Santo, a essência de Deus, Deus Poderoso, o Pai Eterno, para nos trazer a graça, a verdade e confirmar a lei. Ele considerava um pecado muito grave, alguém de forma consciente, deliberada e definitiva, desprezar a verdade de Deus:

Por esse motivo eu lhes digo: todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens, mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada. Todo aquele que disser uma

palavra contra o Filho do homem será perdoado, mas quem falar contra o Espírito Santo não será perdoado, nem nesta era nem na era que há de vir (Mt 12:31-32)

Eu peço que você entenda que “... o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt:16:16) foi a encarnação do Espírito Santo, a essência de Deus, Deus Poderoso, o Pai Eterno, para nos trazer a graça, a verdade e confirmar a lei, e que após sua morte, entregou a porção do Espírito Santo que lhe havia sido atribuída, durante a concepção, e reassumiu a condição plenamente divina, que tinha, antes de encarnar como um ser humano, para continuar sendo Um com o Pai ou o Espírito Santo.

Eu também peço que você entenda que durante seu ministério terreno, “... o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt:16:16), não regeu todo o universo, mas antes da encarnação e após sua morte, Ele regeu e rege todo o universo, sendo Um com o Pai ou o Espírito Santo. Por isto é que podemos afirmar que Jesus Cristo é Deus, o Espírito Santo, a essência de Deus, Deus Poderoso, o Pai Eterno.

Talvez por muito pouco, você não pense sobre Deus, exatamente, como pensa qualquer pessoa que reconhece ser da verdade; talvez este muito pouco seja o muito que Deus tem para lhe ensinar e você tem preferido seguir a falsos mestres. Talvez você tenha vivido até agora evitando aprender com Deus e procurando se parecer com os sábios e entendidos.

Se este é o seu caso, eu não diria que você seja um sábio e entendido, porque Jesus me proíbe julgar as pessoas, quanto ao estado final das suas almas, mas Ele tem um julgamento muito severo sobre os sábios e entendidos: “Naquela ocasião Jesus disse: “Eu te louvo, Pai, Senhor dos céus e da terra, porque escondeste estas coisas dos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, pois assim foi do teu agrado”. (Mt 11:25-26)

Muitas pessoas são da verdade, mas procuram viver como se fossem sábios e entendidos, e o fazem sob a alegação de que a Bíblia apresenta conteúdos que ofendem a dignidade humana. Mas é preciso que consideremos que a Bíblia contém a história da nação Israel. Sendo assim, os judeus, ao constituírem sua nação adotarem leis e costumes vigentes nas nações vizinhas e as atribuíram a Deus. O texto a seguir é um exemplo de lei que a nação Israel tomou emprestada de nações vizinhas e a atribuiu a Deus:

Se um homem casar-se e, depois de deitar-se com a mulher, rejeitá-la e falar mal dela e difamá-la, dizendo: "Casei-me com esta mulher, mas quando me cheguei a ela, descobri que não era mais virgem", o pai e a mãe da moça trarão aos líderes da cidade, junto à porta, a prova da sua virgindade. Então o pai da moça dirá aos líderes: "Dei a minha filha em casamento a este homem, mas ele a rejeita. Ele também a difamou e disse: 'Descobri que a sua filha não era virgem'. Mas aqui está a prova da virgindade da minha filha". Então os pais dela apresentarão a prova aos líderes da cidade, e eles castigarão o homem. Aplicarão a ele a multa de cem peças de prata, que serão dados ao pai da moça, pois esse homem prejudicou a reputação de uma virgem israelita. E ele não poderá divorciar-se dela enquanto viver. Se, contudo, a acusação for verdadeira e não se encontrar prova de virgindade da moça, ela será levada à porta da casa do seu pai e ali os homens da sua cidade a apedrejarão até à morte. Ela cometeu um ato vergonhoso em Israel, prostituindo-se enquanto estava na casa de seu pai. Eliminem o mal do meio de vocês. (Dt 22: 13-21)

Como o governo da nação Israel era teocrático, o seu governo era exercido em nome de Deus, a quem eram atribuídos todos os preceitos legais, incluindo-se as leis trazidas do código de Hamurabi. Perceba que tais conteúdos encontram-se de (Ex 21:1 a Ml 4:6), um trecho da Bíblia, cujo conteúdo somente interessa aos cristãos, as profecias de natureza messiânica. Veja outra lei absurda atribuída a Deus:

Se um homem tiver um filho obstinado e rebelde que não obedece a seu pai nem à sua mãe e não os escuta quando o disciplinam, o pai e a mãe o levarão aos líderes da sua comunidade, à porta da cidade, e dirão aos líderes: "Este nosso filho é obstinado e rebelde. Não nos obedece! É devasso e vive bêbado". Então todos os homens da cidade o apedrejarão até à morte. Eliminem o mal do meio de vocês. Todo o Israel saberá disso e temerá. (Dt 21:18-21)

Infelizmente, os pregadores, teólogos e escritores cristãos pensam que os cristãos somente são capazes de crer se a Bíblia for considerada a palavra de Deus por tudo o que afirma. Essa forma de pensar tem por objetivo proteger as cartas do apóstolo Paulo, a parte do livro de Apocalipse e a parte do livro de Atos dos Apóstolos, igualmente adulteradas pelo Império Romano. Essa foi uma estratégia do Império Romano, com o objetivo de transformar o Deus dos cristãos em um monstro e os cristãos em criminosos.

É por isso que não devemos olhar para a Bíblia como os pregadores, teólogos e escritores cristãos a apresentam; eles não aceitam que o Evangelho seja a verdade de Deus

consumada no Calvário, que nos trouxe a graça e confirmou a lei. A Bíblia cristã precisa se submeter à autoridade de Jesus, porque ela contém o testemunho do Messias, pelo qual ela é considerada a palavra de Deus e única regra de fé e prática religiosa dos cristãos.

A Bíblia, nos seus setenta primeiros capítulos, contém o mito da criação e a lei de Moisés, que nos foi dada no Monte Sinai, que são os Dez Mandamentos. E ainda contém as manifestações de Deus e profecias de natureza messiânica, que podem ser considerados o caminho para a árvore da vida, e o Evangelho que é a própria árvore da vida, cujos frutos são a vida eterna. É esse conteúdo que realmente interessa aos cristãos.

Não podemos crer como creem pregadores, teólogos e escritores cristãos; eles consideram todos os preceitos religiosos contidos na Bíblia como sendo revelados por Deus, bem como a história dos primórdios da nação Israel, contida na Bíblia. Essa forma de crer não honra a Bíblia, não honra o cristianismo e desonra a Deus, mas é exatamente assim que eles nos ensinam a crer.

O cristianismo se torna um fardo muito pesado quando os cristãos são obrigados a crer que são a palavra de Deus a história dos primórdios da nação Israel, as cartas do apóstolo Paulo, a parte adulterada do livro de Apocalipse e a parte adulterada do livro de Atos dos Apóstolos. Infelizmente, é desta forma que os pregadores, teólogos e escritores cristãos nos ensinam. Eles ensinam que devemos guardar cada palavra da Bíblia porque a consideram totalmente inspirada, infalível e inerrante. Eles não consideram que o Evangelho seja a verdade de Deus, consumada no Calvário, que nos trouxe a graça e confirmou a lei, que são os Dez Mandamentos.

Para ter a segurança de que servimos a Deus de forma correta, devemos crer orientados pela lei da consciência, segundo a qual todas as crianças nascem santas e são padrão de santidade para os adultos. A lei da consciência só não se aplica com exatidão às pessoas que não ligam para a verdade, Jesus afirma: “Seja o seu ‘sim’, ‘sim’, e o seu ‘não’, ‘não’; o que passar disso vem do Maligno”. (Mt 5:37)

Há pessoas que têm um enorme senso de justiça, mas foram induzidas por mestres sábios e entendidos a não ligarem para a verdade do dia a dia, por isso, tais pessoas andam mergulhadas em trevas e não conseguem ter uma ideia pelo menos razoável sobre o amor de Deus nem sobre o amor ao próximo.

Eu prego o cristianismo que se pode viver a partir do Evangelho; ele considera que Jesus foi morto por causa das nossas transgressões e por causa da verdade que Ele nos trouxe, que é o Evangelho, no qual Ele se apresentava às pessoas como Deus, e os líderes judeus não aceitavam e o mataram sob a acusação de cometer o pecado de blasfêmia.

Os fundamentos para Jesus se apresentar como Deus estão nos setenta primeiros capítulos da Bíblia, no caminho para a árvore da vida, que são as manifestações de Deus e profecias de natureza messiânica contidas na Bíblia hebraica, que é o Antigo Testamento, e no Evangelho que é a própria árvore da vida, cujos frutos são a vida eterna.

A Bíblia foi escrita tendo em vista a realização de profecias messiânicas, por isso o seu conteúdo, exceto pelas cartas do apóstolo Paulo, pelas adulterações contidas no livro de Apocalipse e pelas adulterações contidas no livro de Atos dos Apóstolos, ela nos traz ensinamentos que refletem a marcha de um povo que caminhava em direção a Deus, através do caminho para a árvore da vida, que passa por esta profecia: "Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, e o governo está sobre os seus ombros. E ele será chamado Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz. (Is 9:6)

Eu prego que, do ponto de vista humano, Jesus foi morto por ensinar a verdade de Deus, que é o Evangelho; uma verdade que os líderes judeus tomaram como blasfêmia. Eu considero que a verdade de Deus seja o Evangelho de Jesus Cristo, porque o Evangelho O "... apresenta como Deus" (Jo 10:33). Considero também a apresentação de Jesus como Deus tão importante, que ensino que Ele foi morto pela graça e pela verdade que Ele nos trouxe e as consumou no Calvário. Por isso, eu também ensino que os cristãos são salvos pela graça e pela verdade; e que a principal verdade contida no Evangelho é o que Jesus afirma sobre si mesmo.

Agora pense comigo: se o cristianismo está fundamentado nos setenta primeiros capítulos da Bíblia, nas manifestações de Deus e profecias de natureza messiânicas e no Evangelho, então, por que os cristãos teriam que guardar os outros conteúdos bíblicos que não se relacionam com a promessa do Messias? Não temos que guardar. Então, vejamos mais uma passagem da Bíblia, que não temos que guardar e que os líderes cristãos continuam ensinando que provém de Deus, porque está na Bíblia, não importando a magnitude da loucura:

Certo dia, quando os israelitas estavam no deserto, encontraram um homem recolhendo lenha no dia de sábado. Aqueles que o encontraram recolhendo lenha levaram-no a Moisés, a Arão e a toda a comunidade, que o prenderam, porque não sabiam o que deveria ser feito com ele. Então o Senhor disse a Moisés: "O homem terá que ser executado. Toda a comunidade o apedrejará fora do acampamento". Assim, toda a comunidade o levou para fora do acampamento e o apedrejou até à morte, conforme o Senhor tinha ordenado a Moisés (Nm 15:32-36)

Eu creio que os cristãos devemos tratar os conteúdos bíblicos que se situam de (Ex 21:1 a Ml: 4:6) como um museu pertencente aos judeus e que está aberto para visita e pesquisa. Mas como todos os museus, seus visitantes devem estar atentos para as restrições impostas pelo administrador responsável. Por isso devemos respeitar a parte da Bíblia destinada exclusivamente aos judeus.

Eu faço um apelo aos pregadores, teólogos e escritores cristãos, para que eles apresentem a Bíblia como sendo o livro sagrado, primeiramente dos judeus, porque considero inadequado que eles levem as pessoas que são da verdade a terem a mesma consideração que eles têm pela Bíblia toda. O que os pregadores, teólogos e escritores cristãos precisam ter em mente é que Jesus afirma: "... Todos os que são da verdade me ouvem" (Jo 18:37); por isso, os cristãos não têm o direito de fazer monopólio da interpretação da Bíblia.

Eu também faço um apelo às pessoas que se parecem com os sábios e entendidos, que dirigem seus esforços no sentido de evitar aprender com Deus, para que elas considerem que a resistência em aprender com Deus gera cegueira, uma cegueira que, se não sanada a tempo, pelo arrependimento, inevitavelmente levará a alma de tal pessoa a se rebelar contra Deus.

Grande parte das pessoas que evitam aprender com Deus segue a líderes religiosos ou a intelectuais que, ao contrário de Jesus, vêm em seu próprio nome. Eles não visam a sanar a fragilidade humana, eles sempre a agravam de forma deliberada. É por isso que há uma multidão de pessoas educadas, ricas e saudáveis atirando pedras em Deus, sem sequer saber o que estão fazendo.

As pessoas que seguem a líderes intelectuais ateus alegam que embasam sua incredulidade na filosofia, na arte e na ciência, de origem grega. Tais líderes tentam

reconstruir a brutalidade das epopeias gregas, ignorando o amor a Deis e o amor ao próximo. Elas são ensinadas a desprezar o Deus do Evangelho, que é o Espírito Santo, a essência de Deus, Deus Poderoso, o Pai Eterno. Normalmente, estas pessoas adotam formas de pensar que sejam apenas grosseiras formas de zombar de Deus.

Para representar a forma de pensar dos sábios e entendidos e das pessoas que eles conseguem influenciar eu tomo Sísifo, cuja grande virtude é zombar de Deus. Eis o mito de Sísifo:

Sísifo era um pastor de ovelhas, tido como a pessoa mais astuta que já existiu. Um dia, Sísifo percebeu que seu rebanho estava diminuindo; estava sendo roubado. Então, marcou suas ovelhas, seguiu o rasto delas e foi dar na casa de Autólico; ao chegar lá, rodeou a casa em busca de mais alguma ovelha e encontrou Anticleia, a filha do ladrão. Seduziu-a e a engravidou, vingando-se do malfeitor. Ao voltar para casa, Sísifo, que andava sempre escondido, viu Zeus, o deus do Olimpo, raptando Egina, filha de Asopo. Aproveitando-se do fato, Sísifo, em troca da construção de um poço para sua cidade, entregou o deus sedutor. Como Zeus ficou sabendo que Sísifo o tinha denunciado, pediu que seu irmão Efaístos o levasse para o Hades, mundo subterrâneo onde viviam as almas condenadas; no Hades, Sísifo inventou uma mentira: pediu para voltar à superfície por três dias para organizar o seu próprio enterro e punir as pessoas que não o haviam enterrado, apesar de ele mesmo ter pedido para não ser enterrado; ele voltou para ficar por apenas três dias; na superfície, passou a viver com sua esposa, como se nada tivesse acontecido. Descoberta a farsa, ele foi conduzido novamente ao Hades, e lá recebeu o merecido castigo: deveria rolar uma enorme pedra morro acima, até o topo; ao chegar no topo, já estaria tão cansado que deixaria a pedra se soltar e rolar morro abaixo. No dia seguinte, o processo se daria novamente, e assim pela eternidade, como forma de envergonhá-lo pela sua esperteza.

O mito de Sísifo foi escolhido como título para este capítulo por dois motivos: o primeiro é porque este mito é um marco na resistência dos sábios e entendidos contra Deus, de quem zombam tanto quanto possam. Sísifo fez tudo o que pôde para enganar a Zeus, a divindade da mitologia grega. E o segundo motivo é porque ele é o texto básico para quaisquer considerações que os sábios e entendidos queiram fazer sobre o sentido para a vida. Os mestres das pessoas que se parecem com os sábios e entendidos negam que a vida possa ter qualquer sentido interior.

Eu estou de pleno acordo com os mestres das pessoas que se parecem com os sábios e entendidos, porque, olhando para o mito de Sísifo e considerando que o seu herói está certo, por haver tentado enganar a divindade, a vida não tem mesmo nenhum sentido interior. O que mais me impressiona é a maneira crédula como as pessoas que se parecem com os sábios e entendidos recebem doutrinas absurdas dos seus mestres. É claro que a vida de quem zomba de Deus não tem mesmo nenhum sentido interior.

Sísifo foi condenado a rolar uma pedra montanha acima, após a morte, por toda a eternidade. Os sábios e entendidos e as pessoas que aceitam viver como eles vivem já antecipam o suplício de terem que rolar uma imensa pedra montanha acima, ainda em vida. É por isso que para essas pessoas a vida não tem mesmo o menor sentido interior.

O ponto mais importante da doutrina dos mestres dos sábios e entendidos é a inexistência de Deus. Esta doutrina chega a ser um postulado que tem como principal verdade prática a prova de que a vida não tem nenhum sentido interior. Não há verdade mais óbvia: se alguém admite que Deus não existe, não há que se esperar que a vida desta pessoa possa ter qualquer sentido interior.

O egoísmo exacerbado é parte da natureza humana, não há nada de novo nisso. O que existe de novo, que é motivo de festa no Céu, é o fato de um pecador se arrepender dos seus pecados. As pessoas se arrependem dos seus pecados quando elas arrazoam com Deus e aprendem o que Ele lhes ensina.

Eu não quero contrapor o mito de Sísifo ao mito da criação bíblico, que também é conhecido como relato ou história da criação, isto não seria justo, porque ambos são mitos religiosos e comunicam seus significados praticamente do mesmo modo. Mas reconheço que o comportamento paulino da grande maioria das denominações ditas cristãs tem levado muitas pessoas a se comportarem como se fossem sábias e entendidas, quando, na verdade, não são. Tais pessoas associam o cristianismo às loucuras praticadas por tais denominações ditas cristãs. Por isso, a grande maioria das pessoas que se julgam sábios e entendidos são apenas ignorantes e, por consequência, sofredoras.

Muito frequentemente, Jesus usa parábolas para atrair as pessoas que são da verdade, para que aceitem ser congregados a um só povo; esta é uma das verdades

contidas no Evangelho que estão intocadas pelos pregadores, teólogos e escritores cristãos:

Pois o Reino dos céus é como um proprietário que saiu de manhã cedo para contratar trabalhadores para a sua vinha. Ele combinou pagar-lhes um denário pelo dia e mandou-os para a sua vinha. "Por volta das nove horas da manhã, ele saiu e viu outros que estavam desocupados na praça, e lhes disse: 'Vão também trabalhar na vinha, e eu lhes pagarei o que for justo'. E eles foram. "Saindo outra vez, por volta do meio dia e das três horas da tarde, fez a mesma coisa. Saindo por volta das cinco horas da tarde, encontrou ainda outros que estavam desocupados e lhes perguntou: 'Por que vocês estiveram aqui desocupados o dia todo? 'Porque ninguém nos contratou', responderam eles. "Ele lhes disse: 'Vão vocês também trabalhar na vinha'. "Ao cair da tarde, o dono da vinha disse a seu administrador: 'Chame os trabalhadores e pague-lhes o salário, começando com os últimos contratados e terminando nos primeiros'. "Vieram os trabalhadores contratados por volta das cinco horas da tarde, e cada um recebeu um denário. Quando vieram os que tinham sido contratados primeiro, esperavam receber mais. Mas cada um deles também recebeu um denário. Quando o receberam, começaram a se queixar do proprietário da vinha, dizendo-lhe: 'Estes homens contratados por último trabalharam apenas uma hora, e o senhor os igualou a nós, que suportamos o peso do trabalho e o calor do dia'. "Mas ele respondeu a um deles: 'Amigo, não estou sendo injusto com você. Você não concordou em trabalhar por um denário? Receba o que é seu e vá. Eu quero dar ao que foi contratado por último o mesmo que lhe dei. Não tenho o direito de fazer o que quero com o meu dinheiro? Ou você está com inveja porque sou generoso? "Assim, os últimos serão os primeiros, e os primeiros serão os últimos". (Mt 20:1-16)

Grande parte das parábolas de Jesus são apelos às pessoas que são da verdade, mas ainda não têm consciência disto, e se deixam levar por mestras sábios e entendidos, para que elas considerem as vantagens de se colocar do lado da verdade. Tais parábolas não representam casos reais, mas são idealmente perfeitas, porque são frutos da sabedoria de Deus, sem nenhuma falha humana. Jesus vê tais pessoas "... aflitas e desamparadas, como ovelhas sem pastor" (Mt 9:36). Ele espera que tais pessoas aceitem estabelecer um relacionamento pessoal e permanente com Deus, sem nenhuma intervenção humana.

Os primeiros trabalhadores convidados para trabalhar na vinha são comparados às pessoas que nasceram em uma denominação cristã e já estão acostumadas com os

modelos eclesiais em que a igreja representa uma opção de congregação, que é uma das pilstras do cristianismo. São pessoas que estão na congregação para dar continuidade à tradição familiar cristã; sem levar em conta o inferno do modelo de vida cristã em que muitos vivem e ensinam: sem qualquer submissão à autoridade de Jesus Cristo, sem a prática da verdade do dia a dia e sem a prática das boas obras que são ensinadas por Jesus como essenciais à salvação. A tais cristãos foi ensinado que não devem andar de acordo com a Lei de Deus que são os Dez Mandamentos, porque o apóstolo Paulo ensina que a Lei de Deus contém maldição.

A todos os trabalhadores que foram convidados entre as nove horas da manhã e as três horas da tarde foi feita uma promessa de recompensa: **‘Vão também trabalhar na vinha, e eu lhes pagarei o que for justo’**. Por estarem incomodados com a ociosidade da vida deles, eles aceitaram trabalhar sem saber o quanto ganhariam; apenas creram que receberiam o que fosse justo. Tais trabalhadores poderiam até fazer seus cálculos e considerar que receberiam recompensas diferenciadas, de acordo com o que fosse justo.

Esses trabalhadores a quem foi feita a promessa de receberem o que fosse justo podem ser comparados às pessoas, que por motivos religiosos ou culturais adquiriram um suporte espiritual suficientemente sólido para que possam confiar sua salvação às boas obras que praticam, à forma justa como consideram que tratam dos seus negócios, por admitirem que haja um ser superior que rege o universo, com o qual querem o mínimo de envolvimento possível.

São pessoas às quais Deus poupou de sofrimentos extremos; elas creem que andam em comunhão com Deus, mas em completa autonomia em relação a Ele. São pessoas que precisam reconhecer a autoridade de Deus somente em Jesus Cristo, para que possam receber a sua sabedoria e seu poder, e seus atos de vida cristã sejam selados por Deus: "Não trabalhem pela comida que se estraga, mas pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do homem lhes dará. Deus, o Pai, nele colocou o seu selo de aprovação" (Jo 6:27). Normalmente, tais pessoas têm uma percepção de receberem bem pouco de Deus, tanto assim que não pedem o dom do Espírito Santo, como Jesus nos manda que peçamos, mas pedem mais bens materiais.

Os últimos trabalhadores a serem convidados para trabalhar na vinha, não podiam fazer conta de como a sua presença na obra poderia ser de algum proveito, apenas

relataram o motivo pelo qual se encontravam em uma situação de abandono e sofrimento extremos: ‘por que vocês estiveram aqui desocupados o dia todo? ‘Porque ninguém nos contratou’. É assim que Deus nos ensina, no dia a dia. Este último grupo pode ser comparado às pessoas que, por motivos religiosos ou culturais, se encaminham em uma direção contrária à autoridade de Deus. São pessoas a quem não foi ensinado a aprender com Deus, e sim a zombar dele.

Boa parte do último grupo de trabalhadores também pode ser comparada a pessoas que um dia receberam um convite feito em uma esquina da vida, que dá para uma praça, habitada por lobos devoradores. Tais lobos devoradores habitam em tocas que chamam igrejas; são igrejas de falsos profetas, de quem Jesus nos manda fugir. Os falsos profetas têm como principal objetivo esvaziar a alma e o bolso dos fiéis, pela prática da extorsão financeira, com o uso da violência psicológica. As vítimas dos falsos profetas e a todos os sedentos de Deus, Jesus ensina: "O ladrão vem apenas para furtar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida, e a tenham plenamente. "Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas". (Jo 10:10-11)

Eu percebo que a vida espiritual das pessoas está submetida a dois grandes perigos: o primeiro deles é o perigo de elas serem ensinadas a negarem a existência de Deus e a zombar dele. As pessoas que caem em tal armadilha, normalmente o fazem em um ambiente marcado pela suposta supremacia da atividade filosófica sobre a atividade religiosa. Em tais ambientes, as vítimas são induzidas a se esquecerem das suas almas e a usarem seus corpos como se não precisassem deles por toda uma longa vida.

O segundo perigo a que as pessoas estão expostas é o de serem seduzidas pela promessa de que Deus lhes dará todos os bens materiais que pedirem. Este é o principal sinal do falso profeta, porque Jesus prega o contrário: Ele prega o desprendimento em relação a bens materiais. Para conferir aparência de seriedade às suas pregações, os falsos profetas usam trechos extraídos do Evangelho. Eles praticam a extorsão financeira, por meio da violência psicológica.

Diante de tantos absurdos doutrinários, a solução para a falta de sentido interior para a vida é pedir a Jesus; Jesus nos autoriza a pedir a sua sabedoria e seu poder para que venhamos estabelecer um relacionamento pessoal e permanente com Deus, sem nenhuma intervenção humana. O relacionamento do ser humano com Deus que eu prego deixa de

fora todos os líderes cristãos; até porque líder cristão sério não deseja fazer parte do relacionamento de Deus com seus servos. Vejamos o que Jesus nos manda pedir a Deus:

"Por isso lhes digo: Peçam, e lhes será dado; busquem, e encontrarão; batam, e a porta lhes será aberta. Pois todo o que pede, recebe; o que busca, encontra; e àquele que bate, a porta será aberta. "Qual pai, entre vocês, se o filho lhe pedir um peixe, em lugar disso lhe dará uma cobra? Ou se pedir um ovo, lhe dará um escorpião? Se vocês, apesar de serem maus, sabem dar boas coisas aos seus filhos, quanto mais o Pai que está no céu dará o Espírito Santo a quem o pedir!" (Lc 11:9-13)

Quando somos orientados a estabelecer um relacionamento pessoal e permanente com Deus, sem nenhuma intervenção humana, ainda que a denominação cristã careça de muitos reparos na sua forma de ensinar o Evangelho, Deus se encarrega de suprir os seus servos com aquilo que for necessário para uma vida espiritual abundante. Eu não nasci em um lar protestante da reforma, mas Jesus me encaminhou a duas destas igrejas, cujos administradores me foram muito fiéis e entregaram em minhas mãos tudo o que Jesus lhes mandou que entregassem: “Ao cair da tarde, o dono da vinha disse a seu administrador: ‘Chame os trabalhadores e pague-lhes o salário’”. Por isso:

Eu tenho razões de sobra para amar a igreja cristã, e creio que haja uma multidão de servos de Deus, que sentem uma enorme gratidão por terem encontrado sentido para suas vidas, a partir dos ensinamentos recebidos em uma destas igrejas, por isso, não dá para ver tanto descaso comprometendo o nome da igreja e ficar calado. Criado em um lar católico, eu cheguei ao Rio de Janeiro, onde comecei a estudar e a trabalhar em meados da década de 1970. A solidão que me sufocava, e a desilusão com a desagregação familiar, que me cercava, me levaram a fazer um projeto de vida, que se todas as pessoas o seguissem, certamente, a espécie humana seria extinta da face da Terra, em poucos anos. Decidi que jamais casaria ou teria filhos, porque as pessoas me pareciam seres sem alma; ou, pelo menos, se tivessem uma alma, haviam se esquecido dela; o que eu não desconfiava, é que eu também havia me esquecido da minha alma; é isto que faz alguém perder a esperança; é isto que faz alguém chorar sozinho no escuro, sem nenhuma causa aparente; é isto que faz alguém buscar a felicidade em qualquer lugar, custe o que custar. Depois eu descobri que não estava sozinho; havia mais gente com medo do futuro; naquela época, eu li em um jornal, uma notícia sobre um famoso pediatra brasileiro que ensinou pais e mães a criarem seus filhos, por décadas: contava o jornal que o médico estava sentado em seu consultório, quando sua neta, gestante, entrou na sala; como ele não sabia da

gestação, quando a viu grávida, começou a chorar; ela perguntou porque o avô estava chorando, e ele respondeu que estava chorando de tristeza; desapontada, a neta quis saber a razão da tristeza do avô; ele disse, então, que estava chorando de pena daquela criança; porque, explicou ele, ela iria viver em um mundo muito sacana. Se você também pensa assim, eu quero lhe dizer, com a autoridade que Jesus Cristo me deu: não tema, porque, Jesus Cristo quer ser o fiador das suas relações com todos os outros seres humanos, e se você aceitar as condições dele, duvido muito que algo dê errado; pode confiar, com Jesus, a vida é bela. Controlando a depressão como podia, eu punha na educação, toda as minhas esperanças de dias melhores; não posso dizer eu tenha me enganado, mas uma boa educação e sentido para a vida são coisas completamente diferentes. Às vezes, eu frequentava as missas, mas era tudo rezado; não havia argumento que justificasse a minha presença naquele lugar; nenhuma referência a valores; nenhum incentivo ao crescimento espiritual; nenhum material didático pelo qual eu pudesse conhecer a razão da minha fé. É certo que havia ensinamento baseado no exemplo de vida de alguns dos santos, que parecia uma forma de justificar a recomendada devoção a eles. De tudo o que eu ouvia, nada que me trouxesse esperança; nada que me fizesse confiar no futuro; nada que me dissuadisse da ideia de viver como eu mais detestaria: sozinho no mundo. Em meados da década de 1980, eu conheci uma moça que fez de tudo para me dizer que Deus me amava muito; com um folheto, destes que se usam para evangelizar, ela me mostrava a figura de Abraão; na figura, o patriarca aparecia com um punhal na mão, para cravar na garganta de Isaque, seu único filho; ao perguntar a ela porque Abraão estava fazendo aquilo, ela me disse que era porque Deus havia mandado; quando eu perguntei por que Deus havia mandado, ela me respondeu que era porque Deus amava muito a Abraão. Sem entender nada, e sem querer entender qualquer coisa, eu me ative àquela passagem bíblica, que certamente seria a mais fértil, para que eu pudesse ridicularizar a fé daquela moça; ela tinha uma paciência de Jó; estava sempre disposta a repetir tudo, sobre aquela passagem bíblica. Um dia ela mudou-se, não sei para onde, e deixou comigo somente uma curiosidade: como pode, alguém ser tão ridicularizada, e não renunciar a uma convicção tão irracional? Em um domingo, à noite, eu entrei em uma igreja protestante tradicional, em busca da resposta; afinal de contas, era a denominação onde a moça havia sido educada; eu me aproximei da entrada da igrejinha, como se eu fosse entrar no lugar mais inferior do mundo; ao lado do portãozinho de ferro, enferrujado, que conduzia à igrejinha de pintura malcuidada, havia um rapaz, ele tinha algumas cicatrizes no rosto, que pareciam ser de balas, e eram; ele havia sido recuperado do mundo do crime. O rapaz me ensinou, com uma única sentença, tudo o que eu precisava saber sobre o papel da igreja no

mundo. Ele me disse: "não tenha medo, entre, aqui nós não fazemos nem o bem nem o mal por você; apenas lhe orientamos para que você estabeleça um contato com Deus sem nenhuma intervenção humana". Eu entrei e assisti ao culto; o pregador falava de Deus e de Jesus, tudo o que ele falou de Deus eu achei acertado, mas o que ele falou de Jesus eu achei uma grande bobagem, afinal de contas, eu via Jesus Cristo como um simples homem; e, a bem da verdade, não muito inteligente; assim, a paciência da moça continuava a ser um mistério a ser desvendado. O brilho no rosto cicatrizado daquele rapaz, atraiu tanto a minha atenção, que eu passei a olhar nos rostos das pessoas que encontrava, na esperança de encontrar neles um brilho, pelo menos parecido; não demorou muito, no domingo seguinte, sem nenhum motivo, eu voltei à igreja; mas, para evitar aqueles cumprimentos iniciais, eu cheguei atrasado; já havia um senhor no púlpito contando sua história; lá estava outro rosto brilhante. Ele havia vivido como mendigo, nas ruas do Rio de Janeiro, por quinze anos; o alcoolismo havia reduzido o corpo dele a pouco mais do que um cadáver; todas as suas funções haviam sido comprometidas; a visão reduzida a um quarto da capacidade de um olho e o outro havia ficado quase cego. Ao contar que Jesus o havia curado, e que ele tinha saúde perfeita, concluiu sua história afirmando: "não pense que os dois órgãos mais importantes do seu corpo são o coração e o cérebro, mas os dois joelhos, porque eu os dobrei perante Jesus e Ele me curou do corpo todo". Eu não podia duvidar; não seria inteligente, o homem estava curado, e vivia como artesão, que fazia e exportava harpas, quando antes, todas as suas juntas, haviam sido comprometidas pelo alcoolismo; sua audição e sua visão também haviam sido recuperadas; era um milagre, não havia dúvidas. Eu não estava doente; não fui impactado por qualquer tipo de emoção ou interesse, apenas me encaminhei para casa, distante cerca de um quilômetro; no caminho, eu comecei a sentir como se caíssem escamas muito pesadas, que estariam grudadas nos cabelos da minha cabeça; eu observava o fenômeno com certa frieza; era algo muito bom e eu não tinha dúvidas de que era da parte do Senhor; o único incômodo, era que eu ficava tão leve, que eu temia flutuar, o que não aconteceu; logo eu entrei em casa. Ao entrar em casa, eu abri uma Bíblia, ao acaso, e li a história mais inteligente que alguém poderia contar; eu li a parábola do filho pródigo, havia sido escrita para mim, e eu chorei por um bom tempo. Dou graças a Deus por ter frequentado a escola bíblica de outra igreja, também protestante tradicional, de um bairro nobre, no Rio de Janeiro. Eu gostei de ver que aquelas pessoas tinham a cabeça muito aberta, bem diferentes da ideia que eu tinha de que os crentes eram pouco inteligentes. Tive uma professora que, em cerca de seis meses, me ensinou não somente a ler a Bíblia, mas também a amar o seu Autor. Quando terminou aquele curso básico, eu entrei em outra classe

em que um senhor dava estudos panorâmicos, de todos os livros da Bíblia. Eu dou graças a Deus por aquela porta que se abriu em minha vida; por aquele grupo de pessoas que me ensinaram do mesmo jeito que o rapaz do rosto baleado me ensinou, no primeiro contato que eu tive com uma igreja protestante tradicional.

Por isso, eu faço bem poucas críticas à igreja protestante tradicional da reforma, que não sejam pelo fato de ela não incentivar o ensino e a prática das boas obras, que Jesus considera essenciais à salvação e também por não pregarem o desprendimento dos fiéis em relação a bens materiais, mas isso é reflexo do doutrinamento paulino dado por pregadores, teólogos e escritores cristãos.

Eu considero que a igreja protestante tradicional da reforma possa se tornar uma igreja cristã bem próxima do que ela era nos três primeiros séculos da nossa era. Mas essa decisão cabe a cada membro desta igreja que veja vantagem em defender a divindade a ética e a autoridade de Jesus Cristo e esteja disposto a lutar por um cristianismo mais verdadeiro, ético e socialmente responsável.

A grande maioria das pessoas que se parecem com os sábios e entendidos sequer conhece o mito de Sísifo, elas apenas foram ensinadas a evitar aprender com Deus. Como Sísifo, elas se consideram muito astutas e sábias se comparadas às pessoas que creem em Deus, que é o Espírito Santo, a essência de Deus, Deus Poderoso, o Pai Eterno ou Jesus glorificado. São pessoas modernas e educadas que são treinadas para acomodarem em suas mentes as mais absurdas contradições. Por isto elas passam suas vidas rolando a pedra de Sísifo, montanha acima, e sendo ‘confortadas’ pelos seus mestres que lhes ensinam que a vida não tem mesmo qualquer sentido interior, nem qualquer esperança.

Eu prego uma forma de cristianismo em que o ser humano pode ser transformado pela sabedoria e pelo poder de Deus, que venha a receber, que é o dom do Espírito Santo. Tudo depende de a pessoa aprender com Deus e se tornar da verdade, para ser congregada em um só povo, juntamente com outras pessoas que também se tornaram da verdade. Essa congregação não é necessariamente uma igreja de tijolo e cimento, mas o verdadeiro e único povo de Deus que são os peregrinos que se dirigem ao Céu, trilhando o caminho para árvore para vida, ainda que não conheça nenhuma profecia ou revelação divina contida na Bíblia.

Infelizmente, a grande maioria das pessoas que ainda não aceitaram aprender com Deus para se tornarem da verdade, acabam por abraçar a pedra de Sísifo, em vez de receberem Jesus Cristo como Deus, para se congregarem em um só povo, com as demais pessoas, que um dia ouviram a voz de Jesus, para terem a vida eterna. Eu convido tais pessoas a arrazoarem com Deus sobre o seu cansaço por terem que rolar a pedra de Sísifo, montanha acima, sem nenhum proveito.

Eu reconheço que a igreja tem falhado em pregar o Evangelho do modo como Jesus manda; Jesus nos manda ensinar as pessoas a guardarem todo o Evangelho, mas os pregadores, teólogos e escritores cristãos atribuem igual autoridade divina a todos os autores e personagens da Bíblia; destruindo, assim, a percepção que os cristãos precisam ter da autoridade de Jesus.

Por meio de parábolas, Jesus, procura atrair para si as pessoas que são da verdade, mas ainda não veem nenhum privilégio nisto, para que eles aceitem aprender com Deus: Jesus continuou:

"Um homem tinha dois filhos. O mais novo disse ao seu pai: 'Pai, quero a minha parte da herança'. Assim, ele repartiu sua propriedade entre eles. "Não muito tempo depois, o filho mais novo reuniu tudo o que tinha, e foi para uma região distante; e lá desperdiçou os seus bens vivendo irresponsavelmente. Depois de ter gasto tudo, houve uma grande fome em toda aquela região, e ele começou a passar necessidade. Por isso foi empregar-se com um dos cidadãos daquela região, que o mandou para o seu campo a fim de cuidar de porcos. Ele desejava encher o estômago com as vagens de alfarrobeira que os porcos comiam, mas ninguém lhe dava nada. "Caindo em si, ele disse: 'Quantos empregados de meu pai têm comida de sobra, e eu aqui, morrendo de fome! Eu me porei a caminho e voltarei para meu pai, e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus empregados'. A seguir, levantou-se e foi para seu pai. "Estando ainda longe, seu pai o viu e, cheio de compaixão, correu para seu filho, e o abraçou e beijou. "O filho lhe disse: 'Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho'. "Mas o pai disse aos seus servos: 'Depressa! Tragam a melhor roupa e vistam nele. Coloquem um anel em seu dedo e calçados em seus pés. Tragam o novilho gordo e matem-no. Vamos fazer uma festa e comemorar. Pois este meu filho estava morto e voltou à vida; estava perdido e foi achado'. E começaram a festejar. "Enquanto isso, o filho mais velho estava no campo. Quando se aproximou

da casa, ouviu a música e a dança. Então chamou um dos servos e perguntou-lhe o que estava acontecendo. Este lhe respondeu: ‘Seu irmão voltou, e seu pai matou o novilho gordo, porque o recebeu de volta são e salvo’. "O filho mais velho encheu-se de ira, e não quis entrar. Então seu pai saiu e insistiu com ele. Mas ele respondeu ao seu pai: ‘Olha! todos esses anos tenho trabalhado como um escravo ao teu serviço e nunca desobedeci às tuas ordens. Mas tu nunca me deste nem um cabrito para eu festejar com os meus amigos. Mas quando volta para casa esse seu filho, que esbanjou os teus bens com as prostitutas, matas o novilho gordo para ele! "Disse o pai: ‘Meu filho, você está sempre comigo, e tudo o que tenho é seu. Mas nós tínhamos que comemorar e alegrar-nos, porque este seu irmão estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi achado". (Lc 15:11-32)

Esta parábola representa muito bem a vida das pessoas que se julgam sábios e entendidos, mas não são. Tais pessoas vivem uma lógica extremamente absurda: elas sabem que Deus é Deus; elas creem que Deus é Deus, mas elas não veem nenhuma vantagem em se render à verdade dele, que é o Evangelho. Elas demoram muito tempo para admitir que estão perdendo a batalha: “não muito tempo depois, o filho mais novo reuniu tudo o que tinha, e foi para uma região distante; e lá desperdiçou os seus bens vivendo irresponsavelmente. Depois de ter gastado tudo, houve uma grande fome em toda aquela região, e ele começou a passar necessidade”.

Essas pessoas sequer consideram a hipótese de estarem trilhando um caminho que lhes conduz ao abismo, afinal de contas, alguém lhes ensinou que aquele caminho é certo, por isso, elas não veem nenhuma diferença entre rolar a pedra de Sísifo ou servirem a Deus, que é o Espírito Santo, a essência de Deus, Deus Poderoso, o Pai Eterno ou Jesus glorificado. Elas não gostam de rolar a pedra montanha acima, mas também não veem como a simplicidade do Evangelho possa entrar em suas vidas, que consideram tão cheias de oportunidades a serem exploradas.

As pessoas que são da verdade, mas preferem se parecer com os sábios e entendidos, parecem ter um compromisso muito sério com a criação de porcos alheios: “por isso foi empregar-se com um dos cidadãos daquela região, que o mandou para o seu campo a fim de cuidar de porcos. Ele desejava encher o estômago com as vagens de alfarrobeira que os porcos comiam, mas ninguém lhe dava nada”. Elas não consideram que foram criadas por Deus para assumirem responsabilidades pelos seus semelhantes e para guardarem os mandamentos de Deus.

São pessoas que muito facilmente aceitam assumir responsabilidades; não pelo seu semelhante, mas pela manada de porcos alheios, representada por bens materiais, pelo poder e pelas glórias humanas. Jesus ensina: "Não trabalhem pela comida que se estraga, mas pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do homem lhes dará. Deus, o Pai, nele colocou o seu selo de aprovação". (Jo 6:27)

Essas pessoas são como o jovem que considera muito pesada a tarefa de arrumar sua cama todas as manhãs, mas prefere dormir ao relento onde não haja cama, nem lençol, nem travesseiro. Como Deus é Criador, Ele pode lhes dizer: "... "Estou fazendo novas todas as coisas! ..." (Ap 21:5), para se referir às vidas destas pessoas, por mais quebrada que elas se encontrem.

Muitas pessoas, representadas na parábola do filho pródigo, não conseguem ver nada mais irracional do que a fé cristã. Elas podem ter razão, afinal de contas, elas devem estar seguindo a lógica dos "... justos que não precisam arrepender-se" (Lc 15:7). De acordo com a lógica dos sábios e entendidos, Deus tem a obrigação de revogar seus estatutos e adotar os estatutos racionais promulgados por eles. Mas Deus está sempre ensinando às pessoas, e as que aprenderem se tornarão da verdade e ouvirão a voz de Jesus.

As pessoas que já começaram a aprender com Deus e se tornaram da verdade, mas ainda não têm consciência disto, se destacam pelo senso de justiça que apresentam, quando não estão sob efeito das doutrinas dos seus mestres sábios e entendidos. Essas pessoas só não conseguem ver necessidade de se dobrar diante da verdade de Deus que é o Evangelho, porque o consideram muito simples, se comparada com a excelência das suas ideias.

Por serem da verdade, tais pessoas um dia, acharão o caminho para a árvore da vida: "Caindo em si, ele disse: 'quantos empregados de meu pai têm comida de sobra, e eu aqui, morrendo de fome! Eu me porei a caminho e voltarei para meu pai, e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus empregados''. Isso acontece porque todas as pessoas que são da verdade um dia ouvirão a voz de Jesus.

O verdadeiro povo de Deus é formado por todas as pessoas que são da verdade, mesmo em um nível ínfimo de maturidade, mas são capazes de adotar a prática ética e religiosa de falar somente a verdade, a todas as pessoas, em todos os contextos e a levar Deus a sério, de acordo com a sua verdade; a estas pessoas Jesus promete: "... eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos". (Mt 28:20)

A grande obra missionária cristã é influenciar a sociedade para a prática do amor a Deus e do amor ao próximo. Para isso, a igreja cristã recebeu a incumbência de representar Jesus glorificado, que se apresenta como teofania do Espírito Santo, a essência de Deus, Deus Poderoso, o Pai Eterno, na hora de recepcionar os filhos pródigos, que marcham em retirada, reconhecendo que Deus sempre vence: "levantou-se e foi para seu pai. "Estando ainda longe, seu pai o viu e, cheio de compaixão, correu para seu filho, e o abraçou e beijou. "O filho lhe disse: 'Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho'. Assim é a verdade do Evangelho: "Eu sou a porta; quem entra por mim será salvo. Entrará e sairá, e encontrará pastagem". (Jo:10-9)

Eu tenho um cuidado especial quando trato com as pessoas que fazem questão de se parecer com os sábios e entendidos, mas já começaram a aprender com Deus e se tornaram da verdade, para não as tratar como sábias e entendidas porque os verdadeiros sábios e entendidos são aquelas pessoas que já tomaram sua decisão de forma consciente, resoluta e definitiva sobre como passarão a eternidade, porque consideram que o Mal é bom e que o Bem é cruel; embora o definitivo não pertença ao ser humano.

O que os verdadeiros sábios e entendidos precisam considerar é que Deus esconde deles sua sabedoria e seu poder, e o que Deus esconde está muito bem escondido. Por isso, eu recomendo que todas as pessoas devem levar Deus a sério, de acordo com a sua verdade, que é o Evangelho; mas admito que ninguém chega a essa conclusão se não se dispuser a arrazoar com Deus em espírito e em verdade.

Jesus convida as pessoas a assumirem responsabilidades pelos seus semelhantes, mas muitas vezes elas preferem priorizar seus interesses e inventam as mais absurdas desculpas para fugirem da obrigação para a qual foram criadas. Esse é um dos grandes pecados de muitas pessoas, neste início de século XXI. Esse pecado se torna especialmente danoso, quando ele é incentivado pela igreja que não prega o desprendimento em relação a bens materiais nem a prática das boas obras. Jesus ensina:

"Certo homem estava preparando um grande banquete e convidou muitas pessoas. Na hora de começar, enviou seu servo para dizer aos que haviam sido convidados: 'Venham, pois tudo já está pronto'. "Mas eles começaram, um por um, a apresentar desculpas. O primeiro disse: 'Acabei de comprar uma propriedade, e preciso ir vê-la. Por favor, desculpe-me'. "Outro disse: 'Acabei de comprar cinco juntas de bois e estou indo experimentá-las. Por favor, desculpe-me'. "Ainda outro disse: 'Acabo de me casar, por isso não posso ir'. "O servo voltou e relatou isso ao seu senhor. Então o dono da casa irou-se e ordenou ao seu servo: 'Vá rapidamente para as ruas e becos da cidade e traga os pobres, os aleijados, os cegos e os mancos'. "Disse o servo: 'O que o senhor ordenou foi feito, e ainda há lugar'. "Então o senhor disse ao servo: 'Vá pelos caminhos e valados e obrigue-os a entrar, para que a minha casa fique cheia. Eu lhes digo: nenhum daqueles que foram convidados provará do meu banquete'. "Uma grande multidão ia acompanhando Jesus; este, voltando-se para ela, disse: "Se alguém vem a mim e ama o seu pai, sua mãe, sua mulher, seus filhos, seus irmãos e irmãs, e até sua própria vida mais do que a mim, não pode ser meu discípulo. E aquele que não carrega sua cruz e não me segue não pode ser meu discípulo. (Lc 14:16-27)

Essa parábola é muito clara quanto ao apelo para que os cristãos se desprendam daquilo que julgam saber, ter ou ser. "Os pobres, os aleijados, os cegos e os mancos" aqui referidos podem representar as vítimas de uma moral social que se estrutura na lógica dos "... justos que não precisam arrepender-se" (Lc 15:7). Por essa lógica, não fica bem alguém racional arrazoar com Deus, porque essa lógica despreza o poder devastador do pecado. Assim, muitas pessoas que são da verdade, mas não têm consciência disto, são ensinadas que viver de acordo com a verdade de Deus, que é o Evangelho, é um atentado contra a liberdade delas.

As pessoas que são da verdade, ainda que não tenham se dado conta do quanto já aprenderam com Deus, são pessoas que um dia ouvirão a voz de Jesus, porque em seus corações não há dolo. É uma pena que muitas dessas pessoas sejam seduzidas pelos sábios e entendidos e postas para rolar pedra, montanha acima, até que Jesus as liberte, ainda que seja no último segundo das suas vidas. O Evangelho registra vários encontros de Jesus com pessoas que eram da verdade, mas ainda não tinham consciência do privilégio, uma delas foi Natanael:

"Ao ver Natanael se aproximando, disse Jesus: "Aí está um verdadeiro israelita, em quem não há falsidade". Perguntou Natanael: "De onde me conheces? " Jesus respondeu: "Eu o vi quando você ainda estava debaixo da figueira, antes de Filipe o chamar". Então Natanael declarou: "Mestre, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel!" (Jo 1:47-49)

Natanael sabia o que todo israelita sabia; ele tratava Jesus como mestre: “Mestre, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel!” Como qualquer israelita, Natanael havia sido ensinado que Deus faz acepção de pessoas e de lugares: "Perguntou Natanael: "Nazaré? Pode vir alguma coisa boa de lá?" Disse Filipe: "Venha e veja" (Jo 1:46). A Natanael havia sido ensinado que de Nazaré não poderia vir nada bom e que o Messias seria Rei de Israel; as pessoas que são da verdade um dia irão ouvir a voz de Jesus e renunciar a preceitos humanos.

As pessoas que são da verdade, mas ainda não deram ouvidos à voz de Jesus, estão em toda parte, às vezes cometendo os mesmos pecados que os sábios e entendidos cometem, de tal maneira que se tornam indistinguíveis em relação a eles. Uma das finalidades da pregação do Evangelho é levar tais pessoas a ficarem atentas para o momento em que Deus lhes ensinar, por isto é tão importante arrazoar com Deus.

O sentido desta parábola é convidar os cristãos a renunciarem ao egoísmo e viverem e ensinarem as pessoas a serem desprendidas em relação a bens materiais. Ela é dirigida aos cristãos que não conseguem dar ao Evangelho a importância que ele tem, como verdade de Deus, consumada no Calvário; a essas pessoas Jesus afirma: “nenhum daqueles que foram convidados provará do meu banquete”. É por isso que a verdade de Deus, contida no Evangelho, precisa ser levada tão a sério pelos cristãos.

O cristianismo que “... o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt:16:16) nos ensinou a viver e Jesus glorificado confirmou é muito simples e bem diferente do cristianismo que a igreja institucionalizada prega. A igreja institucionalizada se esqueceu de que só Jesus Cristo é Deus, por isto ela se sente no direito de escolher a quem atribuir autoridade divina: normalmente a atribui ao apóstolo Paulo ou à Virgem Maria. Mas eu convido o leitor a buscar sentido para sua vida, também de uma forma muito simples: falando somente a verdade a todas as pessoas, em todos os contextos, exercendo o amor a Deus através da oração e o amor ao próximo através da compaixão:

Ouvindo isso, a multidão ficou admirada com o seu ensino. Ao ouvirem dizer que Jesus havia deixado os saduceus sem resposta, os fariseus se reuniram. Um deles, perito na lei, o pôs à prova com esta pergunta: "Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?" Respondeu Jesus: " 'Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento'. Este é o primeiro e maior mandamento. E o segundo é semelhante a ele: 'Ame o seu próximo como a si mesmo'. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas". (Mt 22:33-40)

Jesus Cristo afirma que esses são os dois grandes mandamentos de Deus e as palavras dele são a verdade de Deus. Para os servos de Deus, esses dois mandamentos são a base da religião e da ética cristãs. E a combinação da religião e da ética cristãs é o único elemento capaz de proporcionar às pessoas o sentido interior para suas vidas. Mas só dá para crer experimentando, vivenciando. Para vivenciar a religião e a ética cristãs, primeiramente, é necessário que adotemos a prática ética e religiosa de falarmos somente a verdade, a todas as pessoas, em todos os contextos e levarmos Deus a sério, de acordo com a sua verdade, que é o Evangelho.

Como neste início de século XXI estamos vivendo em uma sociedade muito urbanizada, precisamos lançar mãos dos princípios ensinados nos setenta primeiros capítulos da Bíblia, para que possamos enfrentar os problemas decorrentes da urbanização. Os aglomerados urbanos são terrenos férteis para alimentar o egoísmo, a frieza humana e a injustiça social, de onde provêm a ignorância, a miséria, a fome, a violência e as demais mazelas sociais que roubam o sentido para a vida de pobres e de ricos, de educados e de ignorantes e de grandes e de pequenos.

Para combater tais mazelas, é preciso que os servos de Deus se tornem militantes das boas obras e se reorganizem de uma forma menos institucionalizada e mais informal, menos religiosa e mais ética, menos sectária e mais ecumênica, para que possamos praticar as boas obras em um contexto de caos urbano e ambiental. Considero que a reorganização dos cristãos seja urgente, para que possamos praticar as boas obras que venham curar as chagas sociais e ambientais, abertas em nosso planeta, pelo egoísmo de cristãos não cristãos; precisamos reconstruir um cristianismo mais verdadeiro, ético e socialmente responsável.

Um cristianismo verdadeiro, ético e socialmente responsável comporta em todos os templos genuinamente cristãos; ele poderá ser praticado dentro dos templos e fora deles. Por ser missionário, o cristianismo não pode ter a pretensão de ser imperial; não pode ser rico porque o seu objetivo é servir a Deus e aos seres humanos. No cristianismo verdadeiro, ético e socialmente responsável, a vocação missionária da igreja precisa ser exercida através de dois componentes: o componente religioso e o componente ético. A obrigação religiosa da igreja cristã é ser missionária e apresentar Jesus Cristo às pessoas, tal como Ele se apresentava, e a obrigação ética da igreja cristã é praticar as boas obras, porque Jesus Cristo manda, e Ele tem autoridade, porque Ele é Deus.

O que todo cristão precisa saber é que com a morte de Jesus foram consumadas a graça e a verdade de Deus e foi confirmada a lei; sendo a verdade de Deus o Evangelho, com poder para transformar a humanidade pela sabedoria e pelo poder divino. O Evangelho é a verdade de Deus, por isso, a única força capaz de congregar: "... os filhos de Deus que estão espalhados, para reuni-los num povo". (Jo 11:52)

A igreja toma para si o título de povo de Deus; eu não posso criticá-la por se considerar parte do povo de Deus; mas é preciso que se entenda que o povo de Deus é formado por todos "... os filhos de Deus que estão espalhados ..." (Jo 11:52); infelizmente, eu nunca vi um só pregador, teólogo ou escritor cristão definir povo de Deus com tamanha abrangência.

O que Jesus ensina são as grandes verdades bíblicas que se aplicam a todos os seres humanos; essas verdades têm natureza criacionista, por isto, brotam de dentro para fora dos espíritos de todos os seres humanos. Observe como a gratidão a Deus e a necessidade de o adorar fluem do coração humano, não importando que religião a pessoa professe:

Ao entrar num povoado, dez leprosos dirigiram-se a ele. Ficaram a certa distância e gritaram em alta voz: "Jesus, Mestre, tem piedade de nós!" Ao vê-los, ele disse: "Vão mostrar-se aos sacerdotes". Enquanto eles iam, foram purificados. Um deles, quando viu que estava curado, voltou, louvando a Deus em alta voz. Prostrou-se aos pés de Jesus e lhe agradeceu. Este era samaritano. Jesus perguntou: "Não foram purificados todos os dez? Onde estão os outros nove? Não se achou nenhum que voltasse e desse louvor a Deus, a não ser este estrangeiro?" Então ele lhe disse: "Levante-se e vá; a sua fé o salvou". Certa vez, tendo sido interrogado pelos fariseus sobre quando viria

o Reino de Deus, Jesus respondeu: "O Reino de Deus não vem de modo visível, nem se dirá: 'Aqui está ele', ou 'Lá está'; porque o Reino de Deus está entre vocês". (Lc 17:12-21)

Jesus curou dez pessoas jovens, que estavam com seus dias contados; mas uma vez voltando à vida, apenas um deles voltou para agradecer e os outros nove seguiram suas vidas, como se Deus tivesse a obrigação de curá-los, por pertencerem a uma igreja ou a um povo que se autodenominava povo de Deus. O único que voltou não era judeu; era samaritano, e de acordo com a fé dos outros nove, não pertencia ao povo de Deus.

Este texto não é uma parábola, é vida real; e é na vida real que o reino de Deus mostra estar dentro das pessoas; quando elas se tornam gratas e conseguem enxergar motivos para se dobrar diante de Deus e o glorificar, sem se importar com os requisitos da racionalidade exigidos por um mundo tão sem alma.

O que dá sentido à vida é a própria vida sendo colocada diante de Deus, na luta contra o pecado e na busca de sentido e eternidade para a vida; é sendo gratos a Deus que podemos olhar para o horizonte das nossas vidas confiantes de que seremos livrados do medo, dos males da alma e da morte.

A gratidão a Deus é um sentimento capaz de orientar a oração das pessoas, de modo que elas consigam adorar, tal como fez "um deles, quando viu que estava curado, voltou, louvando a Deus em alta voz. Prostrou-se aos pés de Jesus e lhe agradeceu. Este era samaritano". Contrariamente, quando as pessoas dizem que servem a Deus, mas não são capazes de ser gratas, elas se colocam diante de Deus somente pela forma e de modo algum pela essência, mas Jesus afirma: "o Reino de Deus não vem de modo visível, nem se dirá: 'Aqui está ele', ou 'Lá está'; porque o Reino de Deus está entre vocês". É isso que dá esperança às pessoas que têm procurado se parecer com os sábios e entendidos; dá esperança de que elas venham crer que o reino de Deus está dentro delas, e que suas vidas tomem um rumo que tenha sentido interior.

A vontade de Deus é que todas as pessoas se arrependam dos seus pecados. Deus ensina a todas as pessoas, umas aprendem e outras não aprendem; as que não aprendem, não aprendem porque não querem. É dentre as pessoas que não aprendem, que saem os verdadeiros sábios e entendidos, que finalmente seguirão à mentira e ao Mal. Jesus ensina:

“Eu lhes digo que, da mesma forma, haverá mais alegria no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não precisam arrepender-se”. (Lc 15:7)

Eu sou muito otimista quanto à possibilidade de as pessoas se arrependerem dos seus pecados, por isso eu jamais considero que alguém vá seguir à mentira e ao Mal, de forma consciente, deliberada e definitiva, mas isto acontece com muita frequência. Por isso eu recomendo às pessoas que elas procurem arrazoar com Deus, tendo boa vontade para aprender com Ele.

O ensino de Jesus está fortemente associado à congregação das pessoas que são da verdade, como um só povo; e o melhor começo para quem deseja aprender com Deus é se aproximar dele e fugir do Maligno; fugindo da mentira e se refugiando na verdade. Por isso, eu sempre recomendo que as pessoas adotem a prática ética e religiosa de falarem somente a verdade, a todas as pessoas, em todos os contextos e a levarem Deus a sério, de acordo com a sua verdade.

Eu recomendo estas duas práticas porque percebo que muitas pessoas admitem que não têm muito apreço pela verdade, mas se consideram impecáveis em levar Deus a sério, ou o contrário; são impecáveis quanto à prática da verdade, mas não têm por que levar Deus a sério. Impossível, porque uma prática não existe sem a outra. Eu creio que a combinação dessas duas práticas traga sentido interior para a vida das pessoas.

Agora eu o convido a considerar a seguinte questão, que desafia famílias e governos mundo afora: porque existe um consumo tão grande de drogas ilícitas e de bebidas alcoólicas, entre as pessoas mais educadas e mais abastadas? Certamente, porque falta a essas pessoas sentido interior para as suas vidas. Normalmente, essas pessoas são vítimas de um sistema social arrogante que considera inadequado arrazoar com Deus, por mais que suas almas implorem por socorro divino. Tal sistema social se estrutura na lógica dos “... justos que não precisam arrepender-se”. (Lc 15:7)

As vítimas de tal sistema social aprendem com seus mestres existencialistas que a vida não tem o menor sentido interior, e que a falta de sentido para a vida delas é uma verdade absoluta. Tais pessoas aceitam que a ressaca e a crise de abstinência sejam o preço a ser pago pela excitação provocada pela substância entorpecente; força responsável

por conservar em movimento um corpo, cuja alma já foi abatida pela falta de sentido interior para a vida.

O que todos os discípulos dos filósofos existencialistas precisam aceitar é que, depois de Jesus Cristo, são válidas todas as filosofias especulativas, sobre todos os assuntos, exceto sobre a existência humana e o sentido para a vida, porque este assunto somente a Deus pertence. Quando eu digo que a Deus pertence, eu não estou me referindo a doutrinas de igrejas, eu não estou me referindo a conteúdos bíblicos que não condigam com o amor a Deus nem com o amor ao próximo, eu estou falando da sabedoria e do poder de Deus, que há somente em Jesus Cristo.

O meu ensino não é dirigido a escolas filosóficas, nem a grupos de intelectuais, eu me dirijo a pessoas comuns; pessoas que antes de poder contar com um cérebro para se encantar com as armadilhas humanas, têm um par de joelhos, para os dobrar diante de Deus, confessar o seu pecado, apresentar sua gratidão a Ele, e, a partir daí, iniciar um relacionamento pessoal e permanente com Ele, sem nenhuma intervenção humana, dirigindo suas petições com absoluta confiança.

Os meus argumentos sobre o sentido interior para a vida se baseiam em princípios criacionistas, entre os quais se incluem o fato de os seres humanos haverem sido criados à imagem e à semelhança de Deus. É por isso que enquanto houver vida, há esperança; e que o começo de uma nova vida depende apenas de cada um de nós. Eu considero razoável a resistência contra Deus, por parte das pessoas que nunca pararam para arrazoar com Ele sobre a imortalidade da alma como recompensa para os justos e como castigo extremo para os injustos.

Eu me sinto no dever de advertir as pessoas que se esforçam por se parecer com os sábios e entendidos, para que elas considerem o suplício de ter que rolar a pedra de Sísifo, por toda a eternidade, já que durante a vida elas o aceitam, porque seus mestres lhes ensinam que a existência humana é uma grande catástrofe. E para que essas pessoas evitem o suplício da pedra de Sísifo, por toda a eternidade, eu recomendo que eles considerem a possibilidade de levarem Deus a sério, de acordo com a sua verdade.

Como é impossível alguém levar Deus a sério, andando de acordo com os seus próprios pensamentos, eu recomendo que tais pessoas adotem a prática ética de falarem

somente a verdade a todas as pessoas em todos os contextos; essa prática vai gerar necessidade interior de levarem Deus a sério; Jesus Cristo ensina algo equivalente à pedra de Sísifo, para as pessoas que não levarem Deus a sério:

Havia um homem rico que se vestia de púrpura e de linho fino e vivia no luxo todos os dias. Diante do seu portão fora deixado um mendigo chamado Lázaro, coberto de chagas; este ansiava comer o que caía da mesa do rico. Em vez disso, os cães vinham lamber as suas feridas. "Chegou o dia em que o mendigo morreu, e os anjos o levaram para junto de Abraão. O rico também morreu e foi sepultado. No Hades, onde estava sendo atormentado, ele olhou para cima e viu Abraão de longe, com Lázaro ao seu lado. Então, chamou-o: 'Pai Abraão, tem misericórdia de mim e manda que Lázaro molhe a ponta do dedo na água e refresque a minha língua, porque estou sofrendo muito neste fogo'. "Mas Abraão respondeu: 'Filho, lembre-se de que durante a sua vida você recebeu coisas boas, enquanto Lázaro recebeu coisas más. Agora, porém, ele está sendo consolado aqui e você está em sofrimento. E além disso, entre vocês e nós há um grande abismo, de forma que os que desejam passar do nosso lado para o seu, ou do seu lado para o nosso, não conseguem'. "Ele respondeu: 'Então eu lhe suplico, pai: manda Lázaro ir à casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos. Deixa que ele os avise, a fim de que eles não venham também para este lugar de tormento'. "Abraão respondeu: 'Eles têm Moisés e os Profetas; que os ouçam'. " 'Não, pai Abraão', disse ele, 'mas se alguém dentre os mortos fosse até eles, eles se arrependeriam'. "Abraão respondeu: 'Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão convencer, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos. (Lc 16:19-31)

Você percebeu que o lugar para onde Sísifo foi mandado e para onde o rico foi mandado é o mesmo? O Hades. Nem poderia ser diferente, ainda que tivessem nomes diferentes; afinal de contas, o pecado deles foi o mesmo: a astúcia. Perceba, no diálogo do rico com Abraão, que ele era astuto; ele sabia exatamente o que fazer: “manda Lázaro ir à casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos. Deixa que ele os avise, a fim de que eles não venham também para este lugar de tormento”. Apesar de tão astuto, o rico aceitava um paliativo que só se justificaria pela magnitude do seu tormento. A preocupação do rico com os outros me parece ter sido tardia: “não, pai Abraão”, disse ele, ‘mas se alguém dentre os mortos fosse até eles, eles se arrependeriam”.

É importante observar que, no universo espiritual de Deus, as regras humanas não valem. Portanto, procure levar Deus a sério desde já, porque no universo espiritual de Deus não há como o ser humano impor sua vontade. O meu apelo é para que as pessoas que se esforçam para se parecer com os sábios e entendidos comecem a adotar a prática ética e religiosa de falar somente a verdade, a todas as pessoas, em todos os contextos e a levarem Deus a sério, de acordo com a sua verdade, porque somente assim poderão amar e temer a Deus, para a sua mais completa felicidade.

Qualquer pessoa que adotar tal prática, logo irá perceber que a astúcia do príncipe deste mundo não se sustenta; ela vai se converter em cansaço da alma, que na melhor das hipóteses, contribui para o arrependimento. Jesus Cristo convida as pessoas em tal estado de cansaço da alma: “Venham a mim todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso. Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve”. (Mt 11:28-30)

O rico da parábola era filho de Abraão, pois ele disse: “filho, lembre-se de que durante a sua vida você recebeu coisas boas, enquanto Lázaro recebeu coisas más”. Ser filho de Abraão significava ser religioso, ou seja, praticante do judaísmo. O rico tratou Abraão como pai; isto não significa nada, no universo espiritual de Deus, porque no universo espiritual de Deus valem as regras ensinadas por Ele, que as pessoas que se parecem com os sábios e entendidos têm negligenciado, conscientemente.

Eu sempre exponho às pessoas que fazem questão de se parecerem com os sábios e entendidos as condições estabelecidas por Deus, para que elas possam se posicionar quanto às vantagens de viverem em comunhão com Ele. Mas para tal, essas pessoas precisam tomar a iniciativa de arrazoar com Deus; arrazoar com Deus é reconhecer a completa falência da sabedoria humana, é reconhecer a grandeza de Deus, é pedir ajuda a Ele.

A minha experiência de vida cristã me permite avaliar o quanto Deus é real e o quanto o Evangelho é verdadeiro, sábio e poderoso; algumas vezes eu fui acometido por enfermidades com pouca probabilidade de cura; três delas foram câncer, insuficiência cardíaca e cegueira. Em todos os casos, eu fui curado por Deus, sem nenhuma intervenção médica, a não ser para os diagnósticos. Por isso eu considero que a minha missão, por

todos os dias de vida que me restam, seja argumentar com as pessoas, para que elas aceitem viver suas vidas falando somente a verdade, a todas as pessoas, em todos os contextos e levando Deus a sério, de acordo com a sua verdade.

Os sábios e entendidos gostam do mito de Sísifo, por causa da astúcia e desobediência do seu personagem principal. Como Sísifo, muitos sábios e entendidos aprovam o uso de sexo como algo banal. Sísifo estava sendo roubado, e precisava se vingar do ladrão; ao procurar suas ovelhas na casa do ladrão, Sísifo encontrou a filha dele e “seduziu-a e a engravidou, vingando-se do malfeitor”. Perceba que banalizar o sexo é uma das características dos sábios e entendidos.

As pessoas que se esforçam para se parecerem com os sábios e entendidos se apresentam como pessoas racionais, ancoradas nos clássicos gregos: filhos da ciência, netos da filosofia e inimigos da religião. Essas pessoas precisam imitar os gregos naquilo que eles faziam de melhor, elas precisam pensar; pensar na vida, pensar em Deus e pensar no próximo, somente assim suas vidas se encherão de sentido interior.

À semelhança de Adão, Sísifo também passou a andar escondido depois de haver pecado; considerando-se as pessoas mais astutas que possam existir, as pessoas que se parecem com os sábios e entendidos, não acreditam em pecado; certamente, Sísifo também não acreditava em pecado, tanto assim, que ele saía de um pecado e se metia em outro, mas nem por ser tão astuto ele se livrou do suplício de ter que rolar a pesada pedra, montanha acima, por toda a eternidade. Por isto, não adianta o ser humano negar o poder ofensivo do pecado, porque a Deus pertence todo ensino e todo o julgamento sobre o pecado.

À semelhança de Sísifo, Adão, após pecar, escondeu-se de Deus. Em vão, porque Deus o buscava, para lhe oferecer a graça da salvação, ou seja, para transformar a perspectiva do Hades na certeza do retorno ao Paraíso. É isso que faz do mito da criação o maravilhoso ponto de partida a partir do qual iniciamos a nossa caminhada de volta ao Paraíso.

Crer no conteúdo do mito da criação depende do uso que fazemos da consciência com a qual Deus nos agraciou; Ele nos fez nascer sob a lei da consciência, logo santos.

Mas, como anjos, temos a liberdade de escolher a que descendência pertencer, se a da mulher, se a da serpente.

Sísifo, após pecar, também passou a andar escondido e surpreendeu Zeus cometendo o seu próprio pecado. Dá para supor que o deus das pessoas que se parecem com os sábios e entendidos é Zeus; um deus pecador que se sujeita aos caprichos humanos. Zeus tinha medo de que sua imagem fosse manchada perante seus fiéis, o que não pôde ser evitado, pois, Sísifo, “em troca da construção de um poço para sua cidade, entregou o deus sedutor”. À semelhança de Sísifo, as pessoas que se parecem com os sábios e entendidos têm um deus muito parecido consigo mesmas, quanto às fraquezas. Contrariamente, os cristãos têm um Deus que lhes criou semelhantes a Ele, quanto a serem espíritos eternos.

Pelo mito de Sísifo, o Hades era o lugar para onde eram levadas as almas dos mortos, que em vida tivessem escolhido tal destino para sua alma; a mesma explicação é dada pelo mito da criação bíblico, tal como atesta a parábola de Jesus. O castigo aplicado a Sísifo foi: “deveria rolar uma enorme pedra morro acima, até o topo; ao chegar no topo, já estaria tão cansado que deixaria a pedra se soltar e rolar morro abaixo. No dia seguinte, o processo se daria novamente, e assim pela eternidade, como forma de envergonhá-lo pela sua esperteza”. Também o rico ficou completamente separado da bem-aventurança só cabível aos servos de Deus, que é viver no Céu como anjo, a serviço de Deus.

Para encerrar minhas considerações sobre o mito de Sísifo, eu quero deixar claro que não pretendo confrontar Zeus, o deus da mitologia grega, com Deus, que é o Espírito Santo, a essência de Deus, Deus Poderoso, Pai Eterno ou Jesus glorificado. O Deus dos gregos é o Deus da filosofia, das artes, da ciência e de tudo mais que se possa imaginar. Admitir que existe Zeus, fora da mitologia grega, é admitir que Deus não é o EU SOU, Todo Poderoso, Criador do universo.

Também não pretendo confrontar a filosofia existencialista que coloca como objeto principal das suas preocupações o julgamento se a vida vale ou não vale a pena ser vivida, porque, de acordo com o mito da criação, o grande problema existencial humano é o pecado, do qual o ser humano deve se arrepender e abandonar e não apenas se envergonhar, como Zeus exigiu de Sísifo.

Do ponto de vista criacionista, o problema do pecado tem solução, porque Deus busca a todos os pecadores e lhes ensina como se livrar dele; com a solução do problema do pecado vem a solução para o problema da falta de sentido interior para a vida: O Senhor disse a Caim: "Por que você está furioso? Por que se transtornou o seu rosto? Se você fizer o bem, não será aceito? Mas se não o fizer, saiba que o pecado o ameaça à porta; ele deseja conquistá-lo, mas você deve dominá-lo. (Gn 4:6-7)

É muito comum as pessoas que se esforçam para se parecer com os sábios e entendidos passarem de um extremo a outro quando o assunto é religião; ou seja, vão do ateísmo à máxima religiosidade, quando o assunto é sentido interior para a vida, a questão mais decisiva de todas para a humanidade.

Como nem todas as pessoas que se parecem com os sábios e entendidos de fato o são, muitas pessoas, ainda que sejam da verdade, por algum tempo, em suas vidas, caem de olhos fechados, nos braços do espiritismo. Veja então o que diz Allan Kardec, fundador do espiritismo, quanto à estratégia que o espiritismo usa para atrair adeptos:

Espiritismo se dirige aos que não creem ou que duvidam, e não aos que têm fé e a quem essa fé é suficiente; ele não diz a ninguém que renuncie às suas crenças para adotar as nossas, e nisto é consequente com os princípios de tolerância e de liberdade de consciência que professa. Por esse motivo não poderíamos aprovar as tentativas feitas por certas pessoas para converter às nossas ideias o clero, de qualquer comunhão que seja. Repetiremos, pois, a todos os espíritas: acolhei com solicitude os homens de boa vontade; ofereci a luz aos que a procuram, porque com os que creem não sereis bem-sucedidos; não façais violência à fé de ninguém, muito mais quanto ao clero que aos seculares, porque semeareis em campos áridos; ponde a luz em evidência, para que a vejam os que quiserem ver; mostrai os frutos da árvore e deles dai de comer aos que têm fome e não aos que se dizem saciados (O que é o Espiritismo? Allan Kardec, pág. 40)

O que eu vou falar sobre o espiritismo não é fruto de uma experiência com a religião, mas com Deus. É um testemunho pessoal, não é uma doutrina que eu esteja ensinando a quem quer que seja. Também não é algo que eu tenha apreendido da Bíblia que eu considere conter textos revelados; é algo que Jesus glorificado, como teofania do Espírito Santo, a essência de Deus, Deus Poderoso e Pai Eterno me falou. Quando eu ainda era muito novo na fé cristã reformada, eu recebi um folheto da mão de um espírita

que transcrevia os seguintes versículos da Bíblia: “Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Contra essas coisas não há lei” (Gl 5:22-23). O convite para a reunião dava grande ênfase ao domínio próprio; eu me interessei pelo assunto; mal pude esperar pelo dia; o sábado seguinte. Na manhã do referido sábado, eu me acordei muito cedo e logo me lembrei do compromisso; me levantei, dei uma volta pela casa e voltei para a cama. Ao me deitar, fechei os olhos e em poucos segundos perdi os sentidos e tive a seguinte visão: “eu me encontrava em um centro espírita, em uma casa de telhado colonial, rodeada de alpendres. Eu estava sentado sozinho em uma espécie de sala de espera, no alpendre esperando para ser atendido por um grupo de pessoas que se reuniam na parte central da casa. O local era muito escuro, quando me apareceu Alguém com o seguinte aspecto: “... alguém "semelhante a um filho de homem", com uma veste que chegava aos seus pés e um cinturão de ouro ao redor do peito. Sua cabeça e seus cabelos eram brancos como a lã, tão brancos quanto a neve, e seus olhos eram como chama de fogo” (Ap 1:13-14). Ele me olhou nos olhos com um semblante grave e sem abrir a boca me disse: isto aqui não é lugar para você”. Eu senti que aquela voz havia transpassado cada célula do meu corpo; então eu voltei a mim extasiado com o que vi e ouvi.

A partir do dia em que Jesus glorificado, como teofania do Espírito Santo, a essência de Deus, Deus Poderoso e Pai Eterno me proibiu qualquer forma de ecumenismo com o espiritismo, eu passei a ver essa religião como algo proibido para mim. Eu tenho o mesmo sentimento em relação às igrejas da prosperidade, dominadas por falsos profetas, mas Jesus nos advertiu tanto sobre tais lobos devoradores que não restam dúvidas quantos a eles serem do Mal.

O espiritismo é diferente, muitos dos seus adeptos praticam as boas obras, que eu tanto defendo como verdade de Deus, essenciais à salvação. Por que, então, Deus iria se opor à minha comunhão com o espiritismo? A verdade é que Ele me proibiu tal comunhão. Eu creio que as razões de Deus para me proibir a comunhão com o espiritismo somente a Ele pertencem. Por isso, eu recomendo às pessoas praticantes do espiritismo que, se tiverem alguma dúvida sobre a natureza divina do espiritismo, adotem a prática ética e religiosa de falarem somente a verdade, a todas as pessoas, em todos os contextos e de levarem Deus a sério, de acordo com sua verdade, que é o Evangelho.

Eu também recomendo essa prática a todas as pessoas, mas com especial ênfase aos frequentadores e membros das igrejas que prometem prosperidade, porque seus líderes, com a Bíblia aberta, ensinam as mais absurdas doutrinas, com o objetivo de praticarem o pecado do furto, com o emprego da violência psicológica. Os lobos da prosperidade estão soltos e são conhecidos por Jesus como "... ladrões e assaltantes" (Jo 10:1), só não foge deles quem não quer. A minha confiança na verdade do dia a dia como algo libertador se deve ao fato de que todas as pessoas que foram da verdade ouvirão a voz de Jesus: " ... Todos os que são da verdade me ouvem". (Jo 18:37)

O meu apelo é para que as pessoas que são da verdade valorizem a verdade que Deus gravou em seus corações; são as pessoas que são da verdade, que um dia, em suas vidas, ouvirão a voz de Jesus; estejam estas pessoas congregadas nos centros espíritas ou nas igrejas de falsos profetas; elas precisam apenas ter consciência de que são da verdade; elas precisam crer na verdade, falar a verdade, ensinar a verdade e viver a verdade. Essas pessoas serão congregadas por Jesus como "... filhos de Deus que estão espalhados, para reuni-los num povo. (Jo 11:48-52)

Desde que Jesus glorificado me proibiu comunhão com o espiritismo, eu passei a observar o perfil das pessoas que o seguem. Normalmente, são pessoas com um histórico de realização pessoal, principalmente quanto à educação e à aquisição de bens. Essas pessoas têm grande propensão a buscarem o espiritismo, porque elas são ensinadas que já não comportam mais dentro do cristianismo, por isso, o espiritismo lhes cai como uma luva, visto que a religião se define como uma mistura de tudo o que lhes agrada: religião, filosofia e ciência.

Jesus Cristo tem a resposta perfeita para quem procura servir a Deus de forma tão autônoma: "Eu vim em nome de meu Pai, e vocês não me aceitaram; mas, se outro vier em seu próprio nome, vocês o aceitarão. Como vocês podem crer, se aceitam glória uns dos outros, mas não procuram a glória que vem do Deus único?". (Jo 5:43-44)

O risco que correm as pessoas que seguem o espiritismo, sem mesmo saber do que se trata, é que o espiritismo é o desenvolvimento da mediunidade, que permita incorporar os espíritos dos mortos, sistematicamente condenado pela Bíblia; condenação que não foi revogada por Jesus.

Quando a Bíblia proíbe os servos de Deus de consultar os espíritos dos mortos, através dos médiuns, é porque o mito da criação relata a existência de anjos bons e de anjos maus. As pessoas, que em vida, de forma consciente, resoluta e definitiva se decidiram por seguir a Deus, que é o Espírito Santo, a essência de Deus, Deus Poderoso, e Pai Eterno, ao morrerem, têm seus espíritos levados ao Céu, onde viverão como anjos bons, a serviço de Deus, por toda a eternidade.

Contrariamente, as pessoas, que em vida, de forma consciente, resoluta e definitiva se decidiram por seguir ao Mal e à sua mentira, ao morrerem têm seus espíritos lançados "... nas trevas, onde haverá choro e ranger de dentes" (Mt 25:30); e finalmente, será entregue para ser queimado. É por isto que a prática da verdade no dia a dia, é tão importante: "Seja o seu 'sim', 'sim', e o seu 'não', 'não'; o que passar disso vem do Maligno". (Mt 5:37)

A Bíblia afirma que há um conflito espiritual em marcha, e que ninguém fica fora dele, por isto é tão importante que as pessoas se protejam contra o Mal, adotando a prática ética e religiosa de falarem somente a verdade, a todas as pessoas, em todos os contextos e levarem Deus a sério, de acordo com a sua verdade. O conflito é assim descrito na Bíblia: "Porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e o descendente dela; este lhe ferirá a cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar" (Gn 3:15). Por isso, devemos nos agarrar à verdade de Deus para que tenhamos a sua sabedoria e saibamos escolher entre o Bem e o Mal; discernimento que nossos pais tanto desejavam.

Os médiuns sabem muito bem qual a opinião da Bíblia sobre consultar os espíritos dos mortos, e que não existe espiritismo linha branca nem espiritismo linha preta; o que existe é médium de ambas as cores. A Bíblia afirma: "Não recorram aos médiuns, nem busquem os espíritos, pois vocês serão contaminados por eles. Eu sou o Senhor, o Deus de vocês" (Lv 19:31). Espero que os médiuns nunca se esqueçam de que Deus é Deus, Ele não é Deus porque eu digo, Ele não é Deus porque eu quero, Ele é Deus que sujeita a mim e a vocês; por isto a Ele devemos temer.

Portanto, procurem renunciar à loucura de incorporar espíritos. Vejam, então, que juízo os aguarda: "Voltarei o meu rosto contra aquele que procurar médiuns e espíritos para segui-los, prostituindo-se com eles. Eu o eliminarei do meio do seu povo" (Lv 20:6). Creia que só o Espírito Santo é a essência de Deus, Deus Poderoso, o Pai Eterno ou Jesus

glorificado; e quando Deus se apresenta a alguém, através de um anjo, é em resposta a oração e não por incorporação. O meu apelo é para que você fuja dos espíritos maus.

O conflito entre o Bem e o Mal é muito antigo; ele está descrito no mito da criação, portanto mitológico. As referências à prática da mediunidade feitas pela Bíblia hebraica pertencem a toda a humanidade, na medida em que se trata de uma prática também muito antiga. Em momento algum Jesus confirmou a consulta aos espíritos dos mortos, Jesus não autorizou, nem revogou as proibições. Quando eu me dirijo aos médiuns, eu estou falando justamente às pessoas que têm consciência do que estão fazendo; a Bíblia afirma que eles estão empurrando pessoas inocentes para as trevas:

Quando disserem a vocês: "Consultem médiuns e espíritas que murmuram encantamentos, pois todos procuram seus deuses e os mortos em favor dos vivos". Respondam: "À lei e aos mandamentos!" Se eles não falarem conforme esta palavra, vocês jamais verão a luz! Aflitos e famintos vagarão pela terra; quando estiverem famintos, ficarão irados e, olhando para cima, amaldiçoarão o seu rei e o seu Deus. Depois olharão para a terra e só verão aflição, trevas e temível escuridão, e serão atirados em densas trevas. (Is 8:19-22)

Eu tenho certeza de que os médiuns sabem que Deus sempre vence, e que as pessoas que consultam os mortos através dos médiuns, também sabem que Deus sempre vence. Eu sou apenas um servo de Deus e só posso me basear na Bíblia e na minha experiência pessoal para falar de um assunto tão delicado. Depois que Jesus glorificado me disse que centro espírita não é lugar para mim, eu já fui curado de câncer, insuficiência cardíaca e cegueira, sem nenhuma intervenção médica, a não ser para os diagnósticos, por isso eu fiz o compromisso, diante de Deus, de ensinar as pessoas a falarem somente a verdade, a todas as pessoas, em todos os contextos e a levar Deus a sério, de acordo com o Evangelho. A minha conclusão sobre os espíritos é que todas as pessoas que em vida escolheram ser da verdade, e já morreram, estão no Céu, como anjos bons, a serviço de Deus e não dos médiuns.

Eu penso que a grande maioria das pessoas que frequentam aos centros espíritas são da verdade, por isso eu as convido a ouvirem a voz de Jesus, como um dia eu ouvi, inclusive a proibição de frequentar centros espíritas. Eu creio que os anjos bons estão a serviço de Deus e são muito importantes para o socorro aos vivos, porque "O anjo do

Senhor acampa-se ao redor dos que o temem, e os livra" (Sl 34:7). Como os anjos bons têm a natureza de Deus, anjo acampado é Deus acampado, deseje isto para você.

Eu não estou querendo confrontar as religiões tradicionais, que não praticam a mediunidade, com o cristianismo instituído pelo "... Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mt:16:16), e confirmado por Jesus glorificado, que se apresenta como teofania do Espírito Santo, a essência de Deus, Deus Poderoso, o Pai Eterno. O meu propósito é a identificação do fator comum a todas as religiões tradicionais, que não praticam a mediunidade, e ao cristianismo, que é o temor a Deus. Quero alertar os sábios e entendidos que não levam Deus a sério, para o vazio que há nas almas deles, um vazio que só pode ser ocupado por Deus.

Reconheço que a falta de sentido para a vida de grande parte das pessoas se deve ao fato de elas não terem sido ensinadas a temer a Deus, e somente a Deus. Sem o temor a Deus as pessoas tendem a ocupar dois extremos em termos de religiosidade: se tornam totalmente incrédulas e se constituem divindades de si mesmas ou creem em qualquer coisa e se tornam escravas do medo, crendo em todo tipo de superstição, principalmente as criadas e cultivadas pelos lobos da prosperidade, cujos líderes Jesus reconhece como "... ladrões e assaltantes" (Jo 10:1), ou pelo espiritismo.

O vazio da alma humana só pode ser ocupado por Deus; isso está evidente em todos os vestígios de civilização humana que se possa conhecer minimamente. Por que, então, o temor a Deus é tão execrado por grande parte das pessoas suficientemente abastadas e educadas, que vivem sob a influência da filosofia, das artes e da ciência, de origem grega? Eu quero que você saiba que o temor a Deus é o único remédio, à nossa disposição, contra o medo, porque quem teme a Deus não precisa temer a mais nada nem a mais ninguém.

Eu creio que a prática social que mais nos aproxima uns dos outros seja a prática da verdade e, que o temor a Deus seja a prática religiosa que mais nos aproxima de Deus, para levá-lo a sério. Por isso eu peço, com tanta insistência, que todas as pessoas adotem a prática ética e religiosa de falarem somente a verdade, a todas as pessoas, em todos os contextos e de levarem Deus a sério, de acordo com a sua verdade que é o Evangelho. "Seja o seu 'sim', 'sim', e o seu 'não', 'não'; o que passar disso vem do Maligno". (Mt 5:37)

CAPÍTULO 4

JESUS EM UMA MESA-REDONDA

... toda a humanidade é como a relva, e toda a sua glória como as flores do campo A relva murcha e cai a sua flor, quando o vento do Senhor sopra sobre eles; o povo não passa de relva. A relva murcha, e as flores caem, mas a palavra de nosso Deus permanece para sempre

(Is 40 6-8)

VOCÊ É UM SIMPLES HOMEM E SE APRESENTA COMO DEUS

Há cerca de seis mil anos, terminou a pré-história, e ela terminou, justamente, por causa do surgimento da escrita. Com o surgimento da escrita, os mitos da criação se espalharam pelo mundo, a partir da Mesopotâmia, onde a Bíblia descreve como o jardim do Éden. Os mitos da criação eram muito parecidos, mas os ancestrais dos hebreus levaram seu mito da criação muito a sério; eles o registraram nos onze primeiros capítulos da Bíblia e compuseram o restante da tradição oral no restante do livro de Gênesis e nos vinte primeiros capítulos do livro de Êxodo. A tradição oral foi todo o conteúdo de inspiração divina dado aos seres humanos, por centenas de milhares de anos, antes do surgimento da escrita.

Ao colocar no papel, ou em algo que o valha, toda a narrativa do que veio a ser o livro de Gênesis e os vinte primeiros capítulos do livro de Êxodo, os ancestrais dos hebreus encontraram a seguinte profecia, sobre um dos descendentes, segundo a carne, do último dos patriarcas, Israel: “O cetro não se apartará de Judá, nem o bastão de comando de seus descendentes, até que venha aquele a quem ele pertence, e a ele as nações obedecerão”. (Gn 49:10)

Os hebreus continuaram sua trajetória milenar, primeiramente como tribo e depois como nação; eles eram um povo como outro qualquer, a única coisa que os distinguia era a forma como eles serviam a Deus, na mais completa devoção ao Messias esperado. Eles seguiam o modelo de fé e adoração adotado por Abraão, eles erguiam seus altares onde quer que chegassem; é esse modelo de adoração a Deus que eu o estou convidando a adotar.

As profecias sobre o descendente de Abraão, a quem as nações obedeceriam, alcançaram seu ápice, cerca de sete séculos antes de Cristo. Os profetas chegaram a fazer um retrato falado do Messias; esta é uma das profecias mais emblemáticas sobre Ele: “Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, e o governo está sobre os seus ombros. E ele será chamado Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz”. (Is 9:6)

Agora façamos uma breve revisão do primeiro capítulo: para que possamos compreender a pessoa de Deus, temos que considerar que o Espírito Santo, o Pai, Deus Poderoso, o Pai Eterno e Jesus glorificado, são a mesma e única pessoa de Deus e que a essência de Deus é o Espírito Santo.

Pela lógica de Deus, temos que aceitar que, durante a concepção do Messias, o Espírito Santo atribuiu uma porção do seu Espírito ao “... menino ...” (Is 9:6), para que Ele nos trouxesse a graça, a verdade e confirmasse a lei; tanto a graça quanto a verdade Jesus consumou, quando foi morto. Ao ser morto, Jesus entregou ao Pai, ou o Espírito Santo, a porção do Espírito que lhe havia sido atribuída durante a concepção para continuar sendo Um com o Pai ou o Espírito Santo, como sempre foi, por toda a eternidade; por isso, não há que se falar em um só Deus em três pessoas: só há um Deus, em uma só pessoa.

Ainda remetendo ao primeiro capítulo: para que fique clara a relação existente entre o Messias e o Espírito Santo, a essência de Deus, ou o Pai, eu costumo usar o que eu chamo de parábola do Rio da Vida: imagine um rio de águas muito puras que chamaremos de Rio da Vida; se for tomada uma porção de água do rio e usada para determinado propósito; cumprido o propósito, se a água permanecer pura, posta de volta no rio, se tornará indistinguível e não será mais uma porção de águas puras, mas o próprio Rio da Vida.

Como já foi explicado no primeiro capítulo, o dom do Espírito Santo é sabedoria e poder de Deus que agem sobre as almas ou espíritos dos seres humanos. Ele nos é dado, mas não se torna nossa propriedade; o dom do Espírito Santo pertence a Deus e é o elo de ligação entre Deus e os seus servos: “Mas vocês o conhecem, pois ele vive com vocês e estará em vocês” (Jo 14:17). O dom do Espírito Santo não é uma entidade espiritual, como é o Espírito Santo, a essência de Deus, é sabedoria e poder de Deus.

Para que ninguém tenha dúvidas sobre o que seja o Espírito Santo, a essência de Deus e o que seja o dom do Espírito Santo, vamos usar uma figura que eu chamo de parábola da lamparina: imaginemos uma montanha do porte do Monte Sinai, que é uma rocha, com a altura de mais de dois mil metros; agora, imaginemos esta montanha em chamas, da base até o topo. Para efeito de comparação, agora, imaginemos uma lamparina caseira, com óleo e pavio bem ajustado, sendo acesa nesta chama, que cobre a montanha; o que vai resultar é uma minúscula chama. O que estas duas chamas têm em comum é que a menor procede da maior e que ambas são chamas. A chama maior pode ser comparada ao Espírito Santo, a essência de Deus, Deus Poderoso, Pai Eterno ou Jesus glorificado e a chama menor pode ser comparada ao dom do Espírito Santo, que nos é dado se guardarmos os mandamentos de Jesus.

Ao trilharmos um caminho escuro e acendermos a lamparina, caminharemos na luz; o que não significa que tenhamos que levar toda a montanha na mão, até porque isto não seria possível. Portanto, quando você estiver lendo a Bíblia, procure perceber quando o autor está se referindo ao Espírito Santo, como a essência de Deus, Deus Poderoso, o Pai Eterno, Jesus glorificado ou ao Espírito Santo como o dom de Deus.

Uma forte evidência da libertação do cristão em relação ao sistema religioso construído pelo Império Romano é o fato de ele poder viver com a certeza de que somente Jesus Cristo tem autoridade de Deus e que nenhum outro autor ou personagem da Bíblia a tem. Esse modo livre de viver se revela muito claramente ao cristão durante a leitura bíblica. O cristão assim liberto, ao ler a Bíblia, a considera o mais maravilhoso dos livros e a melhor leitura que ele pode fazer; no entanto, terá a confortável sensação de que todos os seus personagens e autores são seres humanos e não deuses; ou seja, todos se tornam pequenos diante de Jesus Cristo.

Jesus pregou o Reino de Deus, que é a congregação formada por todas as pessoas que são da verdade. São pessoas que já ouviram a sua voz; é uma comunidade formada por um só povo que crê que Jesus Cristo é o Messias e que “... o governo está sobre os seus ombros ...” (Is 9:6). Essas pessoas creem que a graça e a verdade de Deus lhes bastam. Jesus autoriza o povo que vive sob o Reino de Deus a se libertar de todos os ídolos, principalmente dos ídolos bíblicos, dos quais o apóstolo Paulo é o maior, cujas cartas aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas foram adulteradas por Nero. Ele toma como exemplo o mais destacado dos profetas para o comparar ao mais simples

cidadão do Reino de Deus: “Eu lhes digo que entre os que nasceram de mulher não há ninguém maior do que João; todavia, o menor no Reino de Deus é maior do que ele”. (Lc 7:28)

Por causa do entendimento de que Jesus Cristo é o Messias, e que o Messias é a encarnação do Espírito Santo, a essência de Deus, Deus Poderoso, o Pai Eterno, a fé dos cristãos durante os primeiros séculos da era cristã era de que Jesus Cristo é Deus, isto está muito claro na literatura apostólica, principalmente no Evangelho segundo João, uma revelação tardia de Jesus Cristo, com autoridade para nos apresentar uma cosmovisão cristã para Deus.

A partir do predomínio do Império Romano, no ano 380 da era cristã, as doutrinas cristãs passaram a ser o que os doutores da igreja dissessem que elas eram. Eles inventaram doutrinas que viessem atender a um rebanho sedento de Deus, de quem eles haviam roubado a percepção que os cristãos precisam ter da autoridade de Jesus.

A partir de então, os doutores da igreja começaram a considerar que todos os autores da Bíblia teriam igual autoridade divina; não demorou muito para que a igreja se enchesse de intercessores pelos cristãos, a tal ponto que os cristãos foram incentivados a prestar culto aos santos, de cujas imagens os templos se encheram e continuam cheios.

Um dos aspectos mais importante da autoridade de Jesus é o fato de Ele haver consumado a verdade de Deus no Calvário; a verdade de Deus é o Evangelho. Mas os doutores da igreja nunca consideraram importante o Evangelho ser a verdade de Deus consumada no Calvário, porque isso tiraria autoridade da Bíblia que eles haviam acabado de confeccionar e atribuído igual autoridade divina a todos os seus autores e personagens e incluía adulterações introduzidas pelo Império Romano, nas cartas do apóstolo Paulo, no livro de Apocalipse e no livro de Atos dos Apóstolos.

O fato de o Evangelho ser a verdade de Deus consumada no Calvário tem como principal consequência, para os cristãos, a leitura da Bíblia voltada para o amor a Deus e para o amor ao próximo, tendo em mente que este é o grande mandamento de Deus. Mas a maioria dos pregadores, teólogos e escritores cristãos preferem ter em mãos uma Bíblia bem autoritária; algo comparável a um monstro com os dentes afiados e as tetas cheias de um leite muito saboroso chamado dízimo obrigatório.

Se cremos que Jesus é o Messias, então a nossa relação profética com Ele começa em: “O cetro não se apartará de Judá, nem o bastão de comando de seus descendentes, até que venha aquele a quem ele pertence, e a ele as nações obedecerão” (Gn 49:10), e se completa em: “Eu, Jesus, enviei o meu anjo para dar a vocês este testemunho concernente às igrejas. Eu sou a Raiz e o Descendente de Davi, a resplandecente Estrela da Manhã.” O Espírito e a noiva dizem: - Vem! Todo aquele que ouvir diga: - Vem! Quem tiver sede venha, e quem quiser beba de graça da água da vida" (Ap 22:16-17). Por isso, todos os textos bíblicos precisam se submeter à autoridade de Jesus Cristo.

O meu entendimento é de que se Jesus glorificado é Deus, então a sua autoridade nos basta. A consequência disso é que o grande princípio a ser vivido pelos cristãos é o de que depois de Jesus Cristo não devemos esperar que outro venha consumir a verdade de Deus; por isso o Evangelho nos basta, como verdade de Deus consumada no Calvário.

Também precisamos compreender uma verdade muito simples: um homem a quem Deus fez alguma revelação não se torna Deus; os pregadores, teólogos e escritores cristãos não entendem essa verdade tão simples. No entanto, eu não quero atribuir nenhuma culpa aos pobres pregadores, teólogos e escritores cristãos a quem foi ensinado que todos os autores da Bíblia têm a mesma autoridade divina; isso foi uma invenção do Império Romano, para destruir a percepção que os cristãos precisam ter sobre a autoridade de Jesus Cristo.

Eu estou convidando cada cristão a ousar não aceitar qualquer autoridade divina que não venha de Jesus Cristo, hoje glorificado. Eu fico triste quando vejo inúmeros pregadores, teólogos e escritores cristãos, sinceros, atribuindo absoluta autoridade divina à Bíblia, representada pelos seus inúmeros autores e personagens, dotados de igual autoridade divina. É a isto que eu chamo colocar Jesus Cristo em uma mesa-redonda, juntamente com os demais autores da Bíblia. Por isso eu o convido a atribuírmos toda autoridade divina somente a Jesus Cristo.

Eu não aceito o argumento de que todos os livros da Bíblia foram postos lá, pela mão de Deus. Porque eles foram postos na Bíblia pela mão humana. É por crer dessa forma que eu convido os cristãos a estabelecerem um relacionamento pessoal e permanente com Deus, sem nenhuma intervenção humana, através da oração, para que

não fiquem cegos ou para que sejam curados da cegueira que os pregadores, teólogos e escritores cristãos lhes impuseram.

Agora vejamos o que é inspiração divina. A inspiração divina é a sabedoria de Deus, através do seu dom, agindo sobre os espíritos dos seres humanos que são da verdade, vivem esse privilégio e reconhecem que Deus os criou para assumir responsabilidade pelo seu semelhante e para guardar os mandamentos divinos. É esse o perfil da pessoa a quem Deus se manifesta; um simples ser humano, um peregrino que trilha o caminho para a árvore da vida; um caminho ensinado por Deus, que se encontra bem traçado ao longo da Bíblia.

Eu convido você a retirar da sua Bíblia todas as cartas do apóstolo Paulo e a parte adulterada do livro de Apocalipse [(Ap 7: 1-8) - (Ap 8:2) a (Ap 19:3) - (Ap 19:11) a (Ap 20:15). Em (Ap 21:9 substitua por “O anjo disse:”) - (Em (Ap 21:14 substituir “apóstolos do Cordeiro” por “príncipes de Ismael”) - (Ap 22:18-21)] e Atos dos Apóstolos [(4:32 a 5:11); (8:14-25); (15:35 a 28:31)]. Todo esse material a ser retirado são adulterações introduzidas por imperadores romanos, a começar por Nero, para transformar o Deus dos cristãos em um monstro e os cristãos em criminosos.

Eu espero que você perceba que, no mundo religioso, se não fosse pela autoridade divina de Jesus, tudo se resumiria ao exercício de autoridade espiritual do homem sobre o homem; todos seguem a mesma premissa lógica: “se os autores da Bíblia são humanos e eu digo que eles têm a autoridade divina, então, eu também a tenho”; foi assim com os judeus, foi assim com os doutores da igreja e é assim com os teólogos cristãos atuais.

Eu me preocupo com a qualidade de vida espiritual das pessoas que são da verdade porque Jesus também se preocupava, eu não inventei essa preocupação. Uma das razões de ser do cristianismo é ensinar que um dos privilégios que nos foram dados, com a morte de Jesus, foi a congregação de todas as pessoas que são da verdade em um só povo, para que tenhamos vidas espiritualmente abundantes "... e não somente por aquela nação, mas também pelos filhos de Deus que estão espalhados, para reuni-los num povo. (Jo 11:52)

A grande maioria dos pregadores e teólogos cristãos honestos expõem o que consideram a verdade de Deus centrados nas cartas do apóstolo Paulo, e suas pregações não fogem em nada do assunto lido; eles exaltam o apóstolo Paulo à exaustão e se

permitem fazer verdadeiras excursões por toda a Bíblia, em busca de outros seres humanos a quem exaltar. Não seria problema se tais pregadores e teólogos cristãos exaltassem os personagens e autores da Bíblia como seres humanos, com a autoridade de seres humanos, e que todos os seus textos fossem submetidos à autoridade do Evangelho, e consequente à autoridade de Jesus Cristo. A grande maioria dos pregadores, teólogos e escritores cristãos apresentam Jesus como sendo apenas mais um, entre muitos personagens da Bíblia, é a isto que eu chamo de mesa-redonda de Jesus reunido com os demais autores e personagens da Bíblia. É por isso que eu convido os servos de Deus a atribuírem toda autoridade divina somente a Jesus Cristo e não aos inúmeros autores e personagens da Bíblia, mesmo depois de retiradas as adulterações introduzidas pelo Império Romano.

Esse comportamento dos pregadores, teólogos e escritores cristãos não se deve a falhas da teologia bíblica, que é perfeita, o problema está no fato de eles não aceitarem que a verdade de Deus, que é o Evangelho, foi consumada no Calvário, por isso aceitam qualquer coisa que esteja na Bíblia como verdade de Deus, mesmo textos introduzidos pelo Império Romano, para transformar o Deus cristãos em um monstro e os cristãos em criminosos.

Por só considerarem a graça de Deus, transformada em libertinagem pelo apóstolo Paulo, como sendo essencial para a salvação, muitos pregadores, teólogos e escritores cristãos desprezaram a verdade de Deus; por isso eles pregam a salvação somente pela graça, libertando os cristãos de qualquer responsabilidade pelo seu semelhante; eles se esqueceram da verdade criacionista, segundo a qual nós fomos criados para assumir responsabilidade pelo nosso semelhante e para guardar os mandamentos de Deus; este é o princípio segundo o qual nos tornamos sal da terra e luz do mundo:

"Vocês são o sal da terra. Mas se o sal perder o seu sabor, como restaurá-lo? Não servirá para nada, exceto para ser jogado fora e pisado pelos homens. "Vocês são a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte. E, também, ninguém acende uma candeia e a coloca debaixo de uma vasilha. Pelo contrário, coloca-a no lugar apropriado, e assim ilumina a todos os que estão na casa. Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus". (Mt 5:13-16)

A grande maioria dos pregadores, teólogos e escritores cristãos não se dão conta de que foram enganados pelos seus mestres e estão enganando outras pessoas com suas mensagens vazias; tão vazias quanto suas vidas e as vidas das pessoas que resolverem viver de acordo com o ensino deles. Eles fazem um forte apelo para que as pessoas não tentem salvar a si mesmas assumindo responsabilidades pelo seu semelhante; com tal atitude pregadores, teólogos e escritores cristãos estão caminhando para o abismo, se é que Jesus está certo.

Tais pregadores, teólogos e escritores cristãos, sempre que se referem à salvação, fazem questão de deixar bem claro que a salvação é somente pela graça. Não há dúvidas de que Deus não vende a salvação, mas não renuncia à sua verdade que foi consumada no Calvário, que é o Evangelho; é segundo o Evangelho que os cristãos devem viver, mas eles fogem do Evangelho e se refugiam nas cartas do apóstolo Paulo, ensinando que elas são o Evangelho de Jesus Cristo e que o Evangelho de Jesus Cristo não é o Evangelho de Jesus Cristo.

Por adotarem um pensamento assim tão coxo, a grande maioria dos pregadores, teólogos e escritores cristãos tentam determinar a velocidade com que os cristãos devem andar com somente uma perna. Felizmente, a jornada dos cristãos não é mais cansativa, porque Jesus é Deus e ensina a todas as pessoas; as pessoas que escolherem ser da verdade aprendem e são congregadas em só povo; um povo que aceita guardar os mandamentos de Deus e a assumir responsabilidades pelo seu semelhante, é isto que garante vida abundante em Jesus Cristo, a todos os servos de Deus.

Para que não venhamos a confiar cegamente no ensino dos pregadores, teólogos e escritores cristãos, temos que viver a verdade do dia a dia; ela nos afasta do Maligno e nos aproxima de Deus: “Seja o seu ‘sim’, ‘sim’, e o seu ‘não’, ‘não’; o que passar disso vem do Maligno” (Mt 5:37). Assim, as pessoas que falam somente a verdade, desenvolvem o temor a Deus, que é a unção que as pessoas recebem de Deus, por falarem somente a verdade, a todas as pessoas, em todos os contextos; por ensinarem a verdade, por confiarem na verdade, por amarem a verdade e por se colocarem do lado da verdade.

Agora arrazoemos sobre um tema muito importante: quantas versões há do Evangelho? Muitas, porque Deus sempre ensinou a todas as pessoas, desde a criação. Ele ensina o Evangelho com o mesmo conteúdo, porque Ele só nos ensina o Evangelho; Jesus

afirma: **"Tenho outras ovelhas que não são deste aprisco. É necessário que eu as conduza também. Elas ouvirão a minha voz, e haverá um só rebanho e um só pastor".**
(Jo 10:16 - grifo do autor)

Se você considerar que não precisa viver o Evangelho tal como o conhecemos, porque Deus lhe ensinou uma versão melhor, você está enganado, porque outra versão do Evangelho só pode ser aceita se você não puder ter acesso ao Evangelho que Jesus consumou no Calvário como verdade de Deus. É o caso das pessoas que aprenderam com Deus e escolheram ser da verdade e viveram antes da encarnação do Espírito Santo, a essência de Deus, na pessoa de Jesus Cristo; como é também o caso das pessoas que são da verdade e vivem em completo isolamento geográfico, cultural ou religioso. Se ainda lhe resta alguma dúvida, leia esta história:

"Havia em Cesareia um homem chamado Cornélio, centurião do regimento conhecido como Italiano. Ele e toda a sua família eram piedosos e tementes a Deus; dava muitas esmolas ao povo e orava continuamente a Deus. Certo dia, por volta das três horas da tarde, ele teve uma visão. Viu claramente um anjo de Deus que se aproximava dele e dizia: "Cornélio! " Atemorizado, Cornélio olhou para ele e perguntou: "Que é, Senhor? " O anjo respondeu: "Suas orações e esmolas subiram como oferta memorial diante de Deus. Agora, mande alguns homens a Jope para trazerem um certo Simão, também conhecido como Pedro, que está hospedado na casa de Simão, o curtidor de couro, que fica perto do mar". Depois que o anjo que lhe falou se foi, Cornélio chamou dois dos seus servos e um soldado piedoso dentre os seus auxiliares, e, contando-lhes tudo o que tinha acontecido, enviou-os a Jope. No dia seguinte, por volta do meio dia, enquanto eles viajavam e se aproximavam da cidade, Pedro subiu ao terraço para orar. Tendo fome, queria comer; enquanto a refeição estava sendo preparada, caiu em êxtase. Viu o céu aberto e algo semelhante a um grande lençol que descia à terra, preso pelas quatro pontas, contendo toda espécie de quadrúpedes, bem como de répteis da terra e aves do céu. Então uma voz lhe disse: "Levante-se, Pedro; mate e coma". Mas Pedro respondeu: "De modo nenhum, Senhor! Jamais comi algo impuro ou imundo! " A voz lhe falou segunda vez: "Não chame impuro ao que Deus purificou". Isso aconteceu três vezes, e em seguida o lençol foi recolhido ao céu. Enquanto Pedro estava refletindo no significado da visão, os homens enviados por Cornélio descobriram onde era a casa de Simão e chegaram à porta. Chamando, perguntaram se ali estava hospedado Simão, conhecido como Pedro. Enquanto Pedro ainda estava pensando na visão, o

Espírito lhe disse: "Simão, três homens estão procurando por você. Portanto, levante-se e desça. Não hesite em ir com eles, pois eu os enviei". Pedro desceu e disse aos homens: "Eu sou quem vocês estão procurando. Por que motivo vieram?" Os homens responderam: "Viemos da parte do centurião Cornélio. Ele é um homem justo e temente a Deus, respeitado por todo o povo judeu. Um santo anjo lhe disse que o chamasse à sua casa, para que ele ouça o que você tem para dizer". Pedro os convidou a entrar e os hospedou. No dia seguinte, Pedro partiu com eles, e alguns dos irmãos de Jope o acompanharam. No outro dia chegaram a Cesareia. Cornélio os esperava com seus parentes e amigos mais íntimos que tinha convidado. Quando Pedro ia entrando na casa, Cornélio dirigiu-se a ele e prostrou-se aos seus pés, adorando-o. Mas Pedro o fez levantar-se, dizendo: "Levante-se, eu sou homem como você". Conversando com ele, Pedro entrou e encontrou ali reunidas muitas pessoas e lhes disse: "Vocês sabem muito bem que é contra a nossa lei um judeu associar-se a um gentio ou mesmo visitá-lo. Mas Deus me mostrou que eu não deveria chamar impuro ou imundo a homem nenhum. Por isso, quando fui procurado, vim sem qualquer objeção. Posso perguntar por que vocês me mandaram buscar?" Cornélio respondeu: "Há quatro dias eu estava em minha casa orando a esta hora, às três horas da tarde. De repente, colocou-se diante de mim um homem com roupas resplandecentes e disse: 'Cornélio, Deus ouviu sua oração e lembrou-se de suas esmolas. Mande buscar em Jope a Simão, chamado Pedro. Ele está hospedado na casa de Simão, o curtidor de couro, que mora perto do mar'. (Atos 10:1-32)

O texto acima ensina muito sobre as vantagens de alguém temer a Deus; é certo que Cornélio ficou atemorizado, mas ele sabia a quem estava temendo, porque perguntou: "Que é, Senhor?" Ele obteve confirmação de Deus, de que o que ele estava fazendo, por mais que fosse contrário à fé dos pregadores, teólogos e escritores cristãos, estava certo, "Suas orações e esmolas subiram como oferta memorial diante de Deus". Cornélio precisava ouvir a versão do Evangelho que Jesus consumou no Calvário, como verdade de Deus: "Um santo anjo lhe disse que o chamasse à sua casa, para que ele ouça o que você tem para dizer".

O encontro do apóstolo Pedro com Cornélio foi muito importante, principalmente, para mostrar aos pregadores, teólogos e escritores cristãos que o fato de alguém receber um anjo de Deus, se comunicar com Ele e cumprir uma ordem trazida por ele, não o torna Deus. Antes deste encontro com o anjo de Deus, o apóstolo Pedro vivia carregado de preconceitos religiosos, tal como confessa: "Então Pedro começou a falar: "Agora

percebo verdadeiramente que Deus não trata as pessoas com parcialidade, mas de todas as nações aceita todo aquele que o teme e faz o que é justo". (Atos 10:34-35)

As profecias a respeito da vinda do Messias não deixam dúvidas de que todos os seres humanos são iguais perante Deus. Por isso não adianta os pregadores, teólogos e escritores cristãos imitarem seus pares fariseus, porque Jesus assim via o papel deles no judaísmo: “Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas, porque percorrem terra e mar para fazer um convertido e, quando conseguem, vocês o tornam duas vezes mais filho do inferno do que vocês” (Mt 23:15). Eu quero reforçar a minha posição de que os pregadores, teólogos e escritores cristãos honestos só não conseguem ver diferença entre Jesus Cristo e os demais autores e personagens da Bíblia porque a teologia que estudaram é paulina e não admite que os cristãos pensem de acordo com a lógica de Deus.

Se não vivermos a verdade de Deus que é o Evangelho e os demais textos bíblicos que com ele se harmonizam não seremos capazes de assumir responsabilidade pelo nosso semelhante e a nossa vida não terá qualquer sentido interior. Vivendo uma vida sem qualquer sentido interior, vêm as mazelas espirituais, dentre elas, a depressão.

A cura da depressão é o grande desafio do presente século. Sabe-se que a medicina não tem cura para a depressão; sabe-se, também, que uma boa dose de gratidão, por parte da vítima, é um bom começo para quem deseja se levantar de tal estado de desesperança, mas fica difícil ser grato a Deus quando a autoridade divina é exercida por uma parte da Bíblia que foi adulterada pelo Império Romano.

Com tantos autores e personagens da Bíblia investidos de igual autoridade divina, quando conversamos sobre assuntos que envolvem autoridade divina, a primeira referência recomendada pelos pregadores, teólogos e escritores cristãos é o apóstolo Paulo: ele explica tudo; ele mostra todos os caminhos; ele conduz a cristandade pelos caminhos da verdade. Mas as cartas do apóstolo Paulo foram adulteradas pelo Império Romano, para transformar o Deus cristão em um monstro e os cristãos em criminosos.

Com Jesus posto na mesa-redonda, em que se encontra, o cristianismo foi banalizado, porque todos os autores e personagens bíblicos passaram a ter autoridade divina. Com o passar do tempo, a banalização do cristianismo pelos doutores da igreja foi se acentuando, e até mesmo os heróis da igreja passaram a ter autoridade divina, de tal

modo que a igreja passou a lhes prestar culto; tudo isso é fruto de uma banalização do cristianismo que só afasta os seres humanos da religião.

Tal banalização aconteceu porque, quando os doutores da igreja colocaram Jesus em uma mesa-redonda, com ‘seus iguais’, eles também abriram uma porta para que os intercessores entrassem no cristianismo; e não demorou muito começaram a aparecer os santos. Por isso eu afirmo há algo errado em deixar Jesus na mesa-redonda, em que Ele se encontra, há mais de dezesseis séculos. Os santos vieram como intercessores porque foi dada autoridade divina a seres humanos.

Os servos de Deus que recebem Jesus Cristo como Deus se sentem agredidos quando veem que a explicação de assuntos que somente a Deus pertence é entregue a qualquer um dos participantes da mesa-redonda, muito raramente a Jesus. Agora imagine como se sente um servo de Deus diante de pregações com o seguinte formato: o pregador começa com a leitura de um texto de autoria de um dos participantes da mesa-redonda, que não Jesus; em seguida ele dirige uma oração a Deus para que Ele abra o entendimento dele, para que ele possa entender aquela palavra de Deus, que normalmente é uma carta adulterada do apóstolo Paulo, dando instruções a alguém ou a uma comunidade inteira; tais instruções normalmente são contra a lei de Deus que são os Dez Mandamentos, ainda assim, consideram que é Deus falando.

Caro pregador, eu não estou dizendo que você seja culpado por pregar desse modo, porque eu tenho certeza de que não foi você quem colocou Jesus na mesa-redonda em que se encontra, há mais de dezesseis séculos. Mas eu posso lhe garantir que seu trabalho é estafante; mais cedo ou mais tarde você irá se cansar dele. É por isso que eu o estou convidando para que você receba Jesus Cristo como Deus único, o Espírito Santo, a essência de Deus, o Pai Eterno e Deus Poderoso. Se você tomar essa decisão, certamente, verá a diferença existente entre Jesus Cristo e todos os outros personagens bíblicos, membros da mesa-redonda, entre os quais se incluem Nero, representado pelo apóstolo Paulo.

Quando Jesus, durante seu ministério terreno, se apresentava como Deus, os líderes judeus não entendiam nada e o povo se maravilhava: “Quando Jesus acabou de dizer essas coisas, as multidões estavam maravilhadas com o seu ensino, porque ele as ensinava como quem tem autoridade, e não como os mestres da lei” (Mt 7:28-29). As

peças se maravilham com a autoridade de Jesus Cristo, os humildes estão esperando pelas palavras saídas da boca de Jesus, há mais de dezesseis séculos.

A palavra de Jesus é verdadeira comida; por isso, colocar Jesus em uma mesa-redonda pode ser uma atitude bastante natural, para quem não sabe quem é Jesus Cristo, dada a sua aparência humana, por isso é tão importante que os servos de Deus que conhecem a Jesus Cristo O tratem como Deus e jamais O coloquem enfileirado, juntamente com seres humanos, como fazem os pregadores, teólogos e escritores cristãos.

Mesmo tendo uma definição imprecisa de quem seja Jesus Cristo, as pessoas de boa-fé têm muita certeza de que Ele é diferente de todo o mundo. Eu não estou falando de sábios e entendidos do nosso século, eu estou falando de pessoas que sabem que Deus é bom, que a chuva vem do céu, que as soluções para os problemas que não se pode dar jeito a Deus pertencem e que, no fim das contas, todo mundo é filho de Deus; foi uma multidão de pessoas que pensam assim que saudou Jesus na sua entrada em Jerusalém, que por causa destas pessoas, se tornou triunfal:

Uma grande multidão estendeu seus mantos pelo caminho, outros cortavam ramos de árvores e os espalhavam pelo caminho. A multidão que ia adiante dele e os que o seguiam gritavam: "Hosana ao Filho de Davi! " "Bendito é o que vem em nome do Senhor! " "Hosana nas alturas! "Quando Jesus entrou em Jerusalém, toda a cidade ficou agitada e perguntava: "Quem é este? "A multidão respondia: "Este é Jesus, o profeta de Nazaré da Galileia". (Mt 21:8-11)

João Batista tinha seu ministério; ele era o profeta durão, ele não abrandava seu discurso nem mesmo para o governador. João Batista foi vocacionado ainda no ventre materno, para ser a voz do que clama; portanto, o dom que o impulsionava deveria nos mostrar claramente quem é Jesus, para que não o coloquemos em uma mesa-redonda, juntamente com ídolos; assim João Batista apresentou Jesus: "Respondeu João: "Eu batizo com água, mas entre vocês está alguém que vocês não conhecem. Ele é aquele que vem depois de mim, cujas correias das sandálias não sou digno de desamarrar". (Jo 1:26-27)

Eu peço aos pregadores, teólogos e escritores cristãos que mantêm Jesus em uma mesa-redonda que eles desconfiem de que o seu posicionamento idólatra tem destruído a percepção que os cristãos precisam ter da autoridade de Jesus Cristo, junto à igreja

institucionalizada; como Jesus Cristo é Deus, Ele ensina a todos, uns aprendem e outros não aprendem, mas os que aprendem O seguem.

Muitos líderes cristãos lamentam que as pessoas não queiram nada com Deus; normalmente fazem tais lamentações enquanto exibem a sabedoria dos membros da mesa-redonda, os autores e personagens da Bíblia, porque só conhecem tais pequenos deuses, como fonte de autoridade. Eles se esquecem de que o problema está na mensagem deles e não nas pessoas; vejamos como os samaritanos receberam Jesus: Muitos samaritanos daquela cidade creram nele por causa do seguinte testemunho dado pela mulher:

"Ele me disse tudo o que tenho feito". Assim, quando se aproximaram dele, os samaritanos insistiram em que ficasse com eles, e ele ficou dois dias. E por causa da sua palavra, muitos outros creram. E disseram à mulher: "Agora cremos não somente por causa do que você disse, pois nós mesmos o ouvimos e sabemos que este é realmente o Salvador do mundo". (Jo 4:39-42)

Eu faço um apelo para você, que se sente chamado por Deus para pregar o Evangelho, para que você confie somente nas palavras de Jesus como sendo eficazes para produzir a fé nos corações das pessoas. Anuncie às pessoas que Jesus Cristo é Deus, exatamente como Ele fazia; Ele garante que muitas pessoas guardaram as palavras dele, por isso, guardarão também a nossa, desde que as nossas palavras sejam as palavras dele.

Como todas as pessoas que são da verdade, os soldados romanos que foram prender Jesus também pensavam que Jesus não poderia ser colocado em uma mesa-redonda, juntamente com os rabinos:

Finalmente, os guardas do templo voltaram aos chefes dos sacerdotes e aos fariseus, os quais lhes perguntaram: "Por que vocês não o trouxeram? "Ninguém jamais falou da maneira como esse homem fala", declararam os guardas. "Será que vocês também foram enganados?", perguntaram os fariseus. "Por acaso alguém das autoridades ou dos fariseus creu nele? Não! Mas essa rale que nada entende da lei é maldita". (Jo 7:45-49)

Para os líderes judeus, era preciso que algum sábio e entendido tivesse uma boa impressão sobre as palavras de Jesus, para que Ele pudesse ter autoridade; como apenas os soldados romanos reconheceram a autoridade de Jesus Cristo, esse reconhecimento foi

atribuído à ignorância deles. Jesus falou como nenhum outro falou, bem diferente dos escribas e fariseus, Jesus falou com autoridade. São essas algumas das impressões que tiveram de Jesus as pessoas que creram que Ele é quem diz ser.

JESUS FOI VESTIDO COM UMA CAMISA DE FORÇA E AMORDAÇADO

A reforma protestante foi a imposição aos cristãos da ideia de que as cartas do apóstolo Paulo são o Evangelho de Jesus Cristo e que o Evangelho de Jesus Cristo não é o Evangelho de Jesus Cristo. A partir de então, surgiu uma religião ainda mais truculenta do que o cristianismo medieval. Mas tudo se deve ao fato de que a reforma protestante foi feita na autoridade das cartas do apóstolo Paulo, adulteradas por Nero: aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas, para incluir ensinamentos contra o ser humano, contra a lei de Deus, contra Deus, contra os judeus, partidarismo, vitimização, maldição a qualquer outro Evangelho, além de sentença de morte para pecadores.

É importante que consideremos que as adulterações introduzidas pelo Império Romano no livro de Apocalipse, no livro de Atos dos Apóstolos e nas cartas do apóstolo Paulo somente poderiam ser percebidas ao se desvendar o livro do profeta Daniel, o livro de Apocalipse, o livro de Atos dos Apóstolos e as próprias cartas do apóstolo Paulo. Por isso, no máximo podemos acusar pregadores, teólogos e escritores cristãos de haverem confiado em um discurso bíblico que só é considerado sagrado por estar na Bíblia, não importando quem o colocou lá. Eles não fazem juízo de valor do conteúdo adulterado pelo Império Romano, porque consideram que para ser palavra de Deus, basta estar na Bíblia.

A reforma protestante não foi a primeira tentativa feita pela igreja no sentido de calar Jesus e dar voz ao apóstolo Paulo. Isso também aconteceu no século IV da era cristã, quando Agostinho de Hipona implantou o cristianismo no Império Romano com base nas cartas do apóstolo Paulo. A preferência dos pregadores, teólogos e escritores cristãos pelo apóstolo Paulo não é uma questão inofensiva, porque Jesus não foi um ser humano como outro qualquer, porque a Ele foi atribuída uma porção do Espírito Santo, a essência de Deus, com poder suficiente para nos trazer a graça, a verdade e confirmar a lei: "Pois a Lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por intermédio de Jesus Cristo". (Jo 1:17)

Além de ter sido posto em uma mesa-redonda, por pregadores, teólogos e escritores cristãos, há mais de dezesseis séculos, Jesus também foi posto em uma camisa de força e amordaçado, há cerca de três séculos. Para tirar Jesus de uma condição tão humilhante, eu sugiro que você considere que o Evangelho é a verdade de Deus consumada no Calvário, que nos trouxe a graça e confirmou a lei. O Evangelho é tão importante para os cristãos, que Nero adulterou as cartas de Paulo e as definiu como sendo o único Evangelho, na tentativa de transformar os cristãos em criminosos.

Eu só posso apresentar o Evangelho como proposta para resolver o principal problema que afeta o cristianismo neste início de século XXI: a ação dos pregadores, teólogos e escritores cristãos que inventam doutrinas absurdas com o objetivo de destruir a percepção que os cristãos precisam ter da autoridade de Jesus. Jesus adverte: “O assalariado não é o pastor a quem as ovelhas pertencem. Assim, quando vê que o lobo vem, abandona as ovelhas e foge. Então o lobo ataca o rebanho e o dispersa. Ele foge porque é assalariado e não se importa com as ovelhas”. (Jo 10:12-13)

Jesus cita dois personagens que acabam agindo em parceria, que são o assalariado e o lobo. O assalariado é aquele líder cristão que se coloca no lugar do Pastor; todos se colocam no lugar do Pastor, porque só existe um Pastor. Mas o assalariado se coloca no lugar do Pastor e de certa forma conduz o rebanho. Normalmente, o assalariado tem uma excelente formação acadêmica e um excelente salário; ele tem acesso a todas as informações sobre a Bíblia, mas ele considera que a verdade sobre a Bíblia seja tropeço para o rebanho, ele prefere considerar palavra de Deus, principalmente os textos adulterados pelo Império Romano, na pessoa de Nero.

O assalariado é muito leal para com a instituição religiosa à qual está vinculado; ele sabe que todo o conteúdo bíblico foi escrito por seres humanos, ainda que tenham sido escritos sob inspiração divina e sabe que a inspiração divina não transforma um ser humano em um deus, mas ele ensina exatamente o contrário. Ele sabe que a inspiração divina não é Deus ditando um texto ao ouvido de um ser humano, mas ele afirma que é, e que toda palavra de um ser humano, uma vez posta na Bíblia, se torna palavra de Deus. É assim que o assalariado abre a porteira para que o lobo entre no aprisco e ataque os cordeiros.

O assalariado impõe sua autoridade sobre o rebanho de Jesus Cristo, através de doutrinas inventadas por ele, sem levar em conta que elas possam destruir a percepção que os cristãos precisam ter da autoridade de Jesus; isso enfraquece os cordeiros, que são aquelas ovelhas que ainda não cresceram na graça e no conhecimento de Jesus Cristo, o que favorece o ataque dos lobos. O prejuízo aos cordeiros só não é completo porque Deus ensina a todas as pessoas, e as que aprendem se tornam da verdade e vão a Jesus, para terem a vida eterna. Assim, tanto o assalariado, quanto o lobo só causam sofrimento ao rebanho de Jesus Cristo, mas nenhum dano é causado ao seu espírito, que é anjo do Senhor, à espera da glorificação.

Uma das doutrinas de assalariado mais absurdas que surgiram nos últimos séculos foi a doutrina das dispensações. Essa doutrina divide a eternidade em sete períodos distintos, da maneira mais desautorizada possível quanto ao Evangelho. A doutrina das dispensações faz projeções que desviam a atenção dos cordeiros em relação às palavras de Jesus; essa doutrina prega uma escatologia absurda, para ensinar aos cristãos que Deus é muito vingativo, porque se baseiam no ensino de Nero, que adulterou o livro de Apocalipse para transformar o Deus cristão em um monstro, e o livro de Atos dos Apóstolos, para transformar os cristãos em bobos.

O que os cristãos têm que levar em conta é que a história só nos permite conhecer fatos históricos posteriores a seis mil anos, por isso, o nosso modelo de adoração só pode ser o abraâmico, aquele adotado por Abraão. Esse modelo de fé e adoração foi adotado pelas pessoas que aprenderam com Deus e se tornaram da verdade, durante centenas de milhares de anos; ele consiste em o cristão edificar altares ao Senhor e invocar o seu nome onde quer que eles se encontrem. Nada pode ter mudado, no modelo de adoração abraâmico; é isso que Deus requer de todas as pessoas que são da verdade. Que fique claro que não se trata de altares físicos, mas de devoção a Jesus Cristo, para viver sob sua exclusiva autoridade, para falar somente a verdade no dia a dia e para praticar as boas obras.

A lei de Deus é uma só, mas ela passou por duas modificações na maneira como ela é aplicada. Desde a criação até a lei ser dada a Moisés, no Monte Sinai, só havia a lei consciência. A lei da consciência é a lei segundo a qual todas as crianças nascem santas e são padrão de santidade para os adultos, devido à intocada imagem e semelhança de Deus que há em seus espíritos. A lei de Moisés, que são os Dez Mandamentos, é uma forma

escrita da lei da consciência; e o Evangelho é a lei da consciência, expressa em termos do Espírito, ou seja, o cristão passa a andar segundo a sabedoria e o poder de Deus, que é o dom do Espírito Santo. Em resumo: Deus se relaciona com todos os seres humanos através da lei da consciência, desde a criação até os nossos dias.

Deus não mudou a sua lei, apenas a tornou adequada ao processo civilizatório da humanidade, que não poderia se desenvolver sem a observância da lei de Deus. Mas a doutrina das dispensações, inventada por assalariados, acaba facilitando a vida dos lobos; ela coloca Jesus em uma camisa de força e O amordaça. Isto acontece porque tais assalariados, que inventaram tal doutrina, consideram que, com a morte de Jesus, todos os preceitos bíblicos, inclusive o Evangelho de Jesus Cristo, foram produzidos sob a lei, por isso somente valem para os judeus, e não para nós que somos gentios. É uma forma de imobilizar Jesus, proferir julgamento sobre os judeus e tornar sem efeito a lei de Deus.

Com um entendimento assim tão paulino, o Evangelho de Jesus Cristo passa a ser as cartas do apóstolo Paulo, que recebe o nome de Evangelho da Graça e o Evangelho de Jesus Cristo, que recebe o nome de Evangelho do Reino, fica esperando para ser pregado aos judeus em um futuro determinado por tais pregadores, teólogos e escritores cristãos.

Com a doutrina das dispensações, pregadores assalariados sepultaram novamente Jesus e, juntamente com Ele, a verdade de Deus, que é o Evangelho, consumado no Calvário. A nova dispensação inventada por tais assalariados, a dispensação da graça, dispensa a verdade de Deus, consumada no Calvário, que é o Evangelho de Jesus Cristo; e em lugar do Evangelho, tais assalariados admitiram o apóstolo Paulo, para nos trazer o Evangelho da Graça, visto que somos gentios.

Então vejamos a incoerência de tal doutrina: se Jesus é Deus eterno, então, não há por que pensar que Ele se envolveu com a nação Israel, mais do que se envolveu com qualquer outra nação. Eu percebo que toda essa confusão envolvendo Jesus Cristo, a lei de Deus e os judeus, tem por objetivo promover a autoridade do apóstolo Paulo e destruir a percepção que os cristãos precisam ter da autoridade de Jesus Cristo.

As hostilidades de pregadores, teólogos e escritores cristãos, em relação à autoridade de Jesus Cristo, estão diretamente relacionadas à lei de Deus, cujo combate pelo apóstolo Paulo o transforma em um libertador. Ele ensina que a lei de Deus que são

os Dez Mandamentos é fonte e força do pecado, além de ser o fundamento que conduz à morte. Mas Jesus afirma: "Não pensem que vim abolir a Lei ou os Profetas; não vim abolir, mas cumprir" (Mt 5:17).

Mas pregadores, teólogos e escritores cristãos consideram que o fato de Jesus haver cumprido toda a lei de Deus, que são os Dez Mandamentos, nos desobriga de cumpri-la. Eles não conseguem enxergar as consequências sociais de se deixar de guardar uma lei que contém Dez Mandamentos, sete dos quais já foram recepcionados pelo estado moderno de direito e são a base da paz social no mundo. Portanto, o argumento deles é no mínimo ridículo.

Jesus não pode ser colocado em uma mesa-redonda, imobilizado em uma camisa de força, nem calado com uma mordaça porque ele é diferente de todos os outros personagens da Bíblia: "Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago, e os levou, em particular, a um alto monte. Ali ele foi transfigurado diante deles. Sua face brilhou como o sol, e suas roupas se tornaram brancas como a luz. Naquele mesmo momento apareceram diante deles Moisés e Elias, conversando com Jesus. Então Pedro disse a Jesus: "Senhor, é bom estarmos aqui. Se quiseres, farei três tendas: uma para ti, uma para Moisés e outra para Elias". Enquanto ele ainda estava falando, uma nuvem resplandecente os envolveu, e dela saiu uma voz, que dizia: "Este é o meu Filho amado em quem me agrado. Ouçam-no! "Ouvindo isso, os discípulos prostraram-se com o rosto em terra e ficaram aterrorizados. Mas Jesus se aproximou, tocou neles e disse: "Levantem-se! Não tenham medo! "E erguendo eles os olhos, não viram mais ninguém a não ser Jesus." (Mt 17:1-8)

CAPÍTULO 5

O CRISTIANISMO PARA O SÉCULO XXI

Pois a Lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por intermédio de
Jesus Cristo

(Jo 1:17)

O MODELO ABRAÂMICO DE ADORAÇÃO

Neste início de século XXI, parece haver uma campanha contra alguém admitir ser religioso cristão. Por incrível que pareça, essa campanha é orquestrada por líderes religiosos cristãos, que confundem religiosidade com farisaísmo. Para que possamos reconstruir um cristianismo mais verdadeiro, ético e socialmente responsável, a minha primeira recomendação é que você se considere um religioso cristão, na medida em que ser um religioso cristão é crer que Jesus é quem diz ser; que a Bíblia é o que Ele diz que ela é e que o ser humano cristão é o que Ele diz ser.

Os líderes religiosos cristãos que negam ser religiosos, não têm qualquer apreço pela verdade; eles não conseguem aceitar que o Evangelho é a verdade de Deus consumada no Calvário, que nos trouxe a graça e confirmou a lei. Eu suponho que por isso eles tenham tanta vergonha da sua religiosidade. Você já pensou se os filósofos negassem ser filósofos?

Eu espero que a valorização do Evangelho proposta nesta obra possa ser um elemento agregador entre os cristãos que, pelos mais diversos motivos, pertençam a denominações diferentes ou não pertençam a nenhuma, mas sonhem com a reconstrução de um cristianismo mais verdadeiro, ético e socialmente responsável. Eu também espero que os cristãos procurem ter motivos para se sentirem religiosos cristãos, nos termos em que Jesus afirma ser um cristão.

Eu sou obrigado a reconhecer que a igreja, como instituição, precisa mudar muito, para se integrar a um só povo, por quem Jesus morreu: "... e não somente por aquela nação, mas também pelos filhos de Deus que estão espalhados, para reuni-los num povo"

(Jo 11:52); que são todas as pessoas que são da verdade; uma mudança fácil para a igreja protestante tradicional, mas quase impossível, para a igreja protestante pentecostal.

A igreja protestante tradicional é muito agarrada à Bíblia toda; ela só não põe em prática os preceitos contidos na Bíblia, se eles representarem práticas ridículas ou criminosas. Embora os líderes da igreja protestante tradicional atribuam tais preceitos a Deus, os acomodem ao contexto histórico, eles os atribuem à depravação total do ser humano e dizem que todos eles apontam para Jesus.

Aos líderes da igreja protestante tradicional não foi ensinado que o Evangelho é a verdade de Deus consumada no Calvário, que nos trouxe a graça e confirmou a lei. Mas a igreja protestante tradicional tem um princípio muito bom: os seus membros não aceitam nenhum preceito novo e são muito sedentos pela reconstrução de um cristianismo mais verdadeiro, ético e socialmente responsável.

A igreja protestante pentecostal se comporta quase do mesmo modo que a igreja protestante tradicional, com poucas e significativas exceções. A igreja protestante tradicional não aceita preceitos novos; enquanto a igreja protestante pentecostal é sedenta por preceitos novos decorrentes de profecias e operação de maravilhas, não importando que sejam preceitos tão subjetivos; o que torna a igreja um ecossistema perfeito para a proliferação de lobos, eles se aproveitam da credulidade de dóceis cordeiros.

A igreja protestante tradicional tem grande facilidade de identificar os lobos, enquanto os líderes da igreja protestante pentecostal quase sempre adotam práticas que favorecem a proliferação de lobos dentro da igreja. A igreja protestante pentecostal usa um estilo de liderança extremamente autoritário, o que favorece a prática da violência psicológica, que tem como objetivo a obediência cega, o que pode resultar em extorsão financeira.

A igreja protestante pentecostal precisa ser resgatada do estado de opressão em que se encontra; muito frequentemente, ela é vítima de lobos devoradores, que usam os mais de trinta e um mil versículos da Bíblia para confundir os cordeiros e explorá-los à exaustão. A igreja protestante pentecostal precisa desejar a reconstrução de um cristianismo mais verdadeiro, ético e socialmente responsável.

A reconstrução do cristianismo é necessária porque há preceitos cristãos, de capital importância, que foram sepultados pelos doutores da igreja e pelos teólogos cristãos: o fato de Jesus haver consumado a graça e a verdade de Deus, está intocado; a importância que Jesus dá às boas obras não é reconhecida; o fato de Jesus haver morrido, não somente pela nação Israel, mas para congregar em um só povo os filhos de Deus que estão dispersos, é combatido, pela não aceitação do ecumenismo cristão, que sempre resulta em intolerância religiosa. O abandono do Credo Niceno, que afirma que Deus é Um, em uma única pessoa não tem mais acolhida no seio da igreja; o fato de Jesus haver descido ao Seio de Abraão e resgatado as almas ou espíritos de todas as pessoas que, em vida, aceitaram aprender com Deus e se tornaram da verdade não tem a menor importância; o fato de Jesus haver levado ao Céu as almas ou espíritos das pessoas que em vida escolheram ser da verdade, para lá viverem como anjos, a serviço de Deus, nem sequer é considerado pela igreja.

Agora imagine o cristianismo sem esses preceitos. A omissão desses preceitos, que são a razão de ser do Evangelho, verdade de Deus consumada no Calvário, que nos trouxe a graça e confirmou a lei, é muito grave. A igreja católica romana também não observa esses preceitos, mas ela é, conforme o próprio nome sugere, a própria igreja romana, que idolatra o apóstolo Paulo e a Virgem Maria, enquanto a igreja protestante somente idolatra o apóstolo Paulo.

Há mais de dezesseis séculos os doutores da igreja, com o patrocínio do Império Romano, começaram a se esforçar no sentido de destruir a percepção que os cristãos precisam ter da autoridade de Jesus Cristo. A igreja protestante nada fez para restaurar essa percepção; ela até mesmo agravou a omissão dos preceitos evangélicos, na medida em que se aproximou do apóstolo Paulo e se afastou de Jesus.

Mas o cristianismo é uma religião abraâmica, porque ela segue o modelo de adoração praticado por Abraão. É esta a reforma que eu proponho, a nível de cada indivíduo. Ao longo da Bíblia, percebe-se que os judeus descobriam que algo estava errado, com a vida espiritual deles, quando eles se afastavam do modelo de adoração praticada por Abraão; é isto que eu vejo no cristianismo atual, em que ser um religioso cristão é uma conduta pejorativa.

Sempre que Jesus criticava as atitudes dos líderes judeus, não o fazia por serem eles religiosos, mas por serem hipócritas; contrariamente, muitos pregadores, teólogos e escritores cristãos, por serem hipócritas, criticam os religiosos cristãos, por serem religiosos. Para restabelecer um relacionamento pessoal e permanente, de cada judeu com Deus, sem nenhuma intervenção humana, os judeus restauravam o modelo de adoração praticada por Abraão; é esta a reforma que eu proponho para o cristianismo do presente século, a nível de cada indivíduo e de cada família.

O modelo de adoração praticado por Abraão era pessoal e o seu culto a Deus era familiar. Abraão começou com sua esposa, e quem sabe, o seu sobrinho Ló. Ele começou com o culto familiar que foi crescendo em número de adoradores, de tal maneira que eles se tornaram numerosos como as estrelas do céu. Abraão é considerado o pai da fé monoteísta, porque ele formou sua descendência por fé na verdade de Deus; uma fé que nunca decepciona: "Então olhei e ouvi a voz de muitos anjos, milhares de milhares e milhões de milhões. Eles rodeavam o trono, bem como os seres vivos e os anciãos, e cantavam em alta voz: "Digno é o Cordeiro que foi morto de receber poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor! " (Ap 5:11-12); este é o destino final da descendência da mulher. A descendência da mulher adota o modelo de adoração praticado por Abraão.

Abraão é um personagem pré-histórico, que teria vivido centenas de milhares de anos antes de nós. Ele é uma revelação direta de Deus; seus atos de devoção foram esculpidos pelo dedo de Deus. É por isso que as três religiões abraâmicas: judaísmo, cristianismo e islamismo, representam quase a totalidade dos crentes monoteístas espalhados pelo mundo.

O nosso modelo de adoração é abraâmico, mas a nossa fé é cristã, a ser vivida pelo ser humano cristão. O ser humano cristão, a exemplo de Abraão, é capaz de celebrar aliança com Deus, tal como esta que foi proposta a Abraão: "Quando Abrão estava com noventa e nove anos de idade o Senhor lhe apareceu e disse: "Eu sou o Deus Todo-poderoso; ande segundo a minha vontade e seja íntegro. Estabelecerei a minha aliança entre mim e você e multiplicarei muitíssimo a sua descendência". (Gn 17:1-2)

A aliança de Deus conosco sempre leva em conta que somos seres humanos cristãos. Ainda no primeiro capítulo deste livro, sob a autoridade de Jesus Cristo, eu

defino o ser humano cristão como sendo anjo à espera da glorificação. Se somos semelhantes a Deus, então não pode haver seres com maior privilégio do que nós, somos anjos.

É certo que somos pecadores, é certo que haja uma inimizada do pai da mentira contra a nossa esperança de sermos glorificados. Mas a vida das pessoas que estão em Jesus Cristo é uma luta contra o pecado, na busca de sentido e eternidade para a vida. E nesta peleja não estamos sozinhos; Jesus nos garante que estará conosco até a consumação dos séculos, quando os últimos seres humanos que vierem a se tornar da verdade serão glorificados; de acordo com o profeta Daniel, no século XXVIII.

Os cristãos precisam estar certos de que, como seres humanos, são capazes de estabelecer pactos com Deus, do mesmo modo que Abraão, nos mesmos termos e condições; pactos de perfeição. Plínio II (23 - 79), que nasceu e morreu ainda no primeiro século da era cristã, descreveu como os cristãos se congregavam e faziam pactos de perfeição com Deus. Plínio II tinha livre acesso ao palácio imperial, em uma época de terríveis perseguições aos cristãos, pelo Império Romano.

Por ser da verdade, ele fez uma peça em defesa dos cristãos, contra as perseguições movidas por Nero, nos seguintes termos: “O crime dos cristãos consiste apenas em ter o hábito de se reunir num determinado dia da semana, antes do amanhecer, e juntos repetirem uma forma estabelecida de oração, dirigida a Jesus Cristo como Deus, e **assumir a obrigação** de não cometer maldades, furtos, roubos, adultérios, nem mentir nem defraudar ninguém ...”. (grifo do autor)

Para que o ser humano cristão faça aliança segura com Deus e correta com os homens, ele precisa buscar a sabedoria de Deus, por isso, ele precisa incluir em ambas as alianças o compromisso de falar somente a verdade, a todas as pessoas, em todos os contextos e de levar Deus a sério, de acordo com a verdade de Deus, consumada no Calvário, que é o Evangelho.

Pelo exposto até aqui, eu creio que seja suficiente para que você saiba que Jesus afirma ser Deus; agora vamos ver o que Jesus afirma ser pecado; além da mentira são: “... os maus pensamentos, as imoralidades sexuais, os roubos, os homicídios, os adultérios, as cobiças, as maldades, o engano, a devassidão, a inveja, a calúnia, a arrogância e a

insensatez...” (Mc 7:21-23). Jesus afirma que esses pecados brotam de dentro para fora, e que o seu combate é muito importante; por isso, precisamos fazer uma aliança de perfeição com Deus, como fez Abraão, diante do altar, em oração.

Abraão viveu em uma época em que o pastoreio era a atividade predominante; ele e seus filhos e netos viveram como pastores; nômades, em campo aberto, sujeitos aos ataques das feras, eles só podiam contar com Deus e com seus semelhantes. Esse modo de pensar e de viver se aplica a todas as atividades porque é verdade criacionista. Ao formar um núcleo familiar, Abraão assumiu sua responsabilidade compartilhada com sua esposa, de invocar o nome do Senhor:

O Senhor apareceu a Abrão e disse: "À sua descendência darei esta terra". Abrão construiu ali um altar dedicado ao Senhor, que lhe havia aparecido. Dali prosseguiu em direção às colinas a leste de Betel, onde armou acampamento, tendo Betel a oeste e Ai a leste. Construiu ali um altar dedicado ao Senhor e invocou o nome do Senhor. (Gn 12:7-8)

Por viver de modo nômade, Abraão não se cansava de construir “altar dedicado ao Senhor e invocar o nome do Senhor”, onde quer que chegasse. Contrariamente, o seu sobrinho, Ló, se invocava o nome do Senhor, era no altar construído pelo seu tio, até que um dia eles tiveram que se separar. No ato da separação, Abraão mostrou que de fato valia a pena construir altares dedicados ao Senhor e invocar o seu nome, ele mostrou o mais completo desprendimento, em relação a bens materiais:

Não está toda a terra diante de ti? Eia, pois, aparta-te de mim; e se escolheres a esquerda, irei para a direita; e se a direita escolheres, eu irei para a esquerda. E levantou Ló os seus olhos, e viu toda a campina do Jordão, que era toda bem regada, antes do Senhor ter destruído Sodoma e Gomorra, e era como o jardim do Senhor, como a terra do Egito, quando se entra em Zoar. Então Ló escolheu para si toda a campina do Jordão, e partiu Ló para o oriente, e apartaram-se um do outro. Habitou Abrão na terra de Canaã e Ló habitou nas cidades da campina, e armou as suas tendas até Sodoma. (Gn 13:9-12)

Ao se separar do tio, Ló escolheu para si a melhor terra: “levantou Ló os seus olhos, e viu toda a campina do Jordão, que era toda bem regada, antes do Senhor ter destruído Sodoma e Gomorra, e era como o jardim do Senhor, como a terra do Egito,

quando se entra em Zoar”. Ló não tinha interesse em construir altares; ele investia todo o seu tempo e recursos construindo tendas, que são pontos de apoio para vaqueiros: “e Ló habitou nas cidades da campina, e armou as suas tendas até Sodoma”.

Sodoma era uma cidade; ela é emblemática para representar o local em que o egoísmo nasce, cresce e floresce. O egoísmo estava enraizado na alma de Ló; ele era um homem seduzido pelas riquezas, mas Jesus afirma: "Ninguém pode servir a dois senhores; pois odiará a um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro". (Mt 6:24)

Esta é a situação da família que terceiriza suas relações com Deus; tais famílias pensam que é suficiente invocar a Deus no altar alheio; por só se lembrarem de Deus quando veem o altar, tais pessoas, se não veem o altar não fazem suas orações. Isso acontecia com Ló, que durante a vida se meteu em grandes encrencas. Contrariamente, Abraão ficou com o que sobrou da terra: “E Abrão mudou as suas tendas, e foi, e habitou nos carvalhais de Manre, que estão junto a Hebrom; e edificou ali um altar ao Senhor”. (Gn 13:18)

Ló tornou-se um abastado habitante da cidade de Sodoma, até que um dia, saquearam a cidade, “E tomaram todos os bens de Sodoma, e de Gomorra, e todo o seu mantimento e foram-se. Também tomaram a Ló, que habitava em Sodoma, filho do irmão de Abrão, e os seus bens, e foram-se” (Gn 14:11-12). Avisado, o desprendido Abraão deixou seus afazeres, reuniu sua tropa e perseguiu os invasores: “E tornou a trazer todos os seus bens, e tornou a trazer também a Ló, seu irmão, e os seus bens, e também as mulheres, e o povo” (Gn 14:16).

Ao voltar da batalha, para reparar os danos causados pelos invasores a Sodoma, Abraão encontrou Melquisedeque: “E Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho; e era este sacerdote do Deus Altíssimo. E abençoou-o, e disse: Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo, o Possuidor dos céus e da terra” (Gn 14:18-19). Este encontro de Abraão com Melquisedeque nos ensina que todas as pessoas que são da verdade e têm consciência disso são congregadas em um só povo.

Essa verdade ainda não voltou ao cristianismo, desde que ela foi abolida, há mais de dezesseis séculos. Enquanto todos os judeus esperavam por um Messias todinho para

eles, veio a profecia, afirmando que Jesus haveria de morrer, não somente por Israel, mas para congregar os “... filhos de Deus que estão espalhados, para reuni-los num povo” (Jo 11:52). Abrão se encontrou ao acaso com Melquisedeque, eles não precisaram ajustar suas doutrinas, para ver se o Deus dos dois era o mesmo; esse é o modo abraâmico de adorar a Deus, que a igreja deixou para trás, há mais de dezesseis séculos.

Pelo que se observa das doutrinas paulinas da salvação, percebe-se que teólogos e escritores cristãos fazem da salvação uma batalha contra Deus; tamanha é a dificuldade de alguém ser salvo. Mas não é assim; a salvação do pecador é a perfeita vontade de Deus. Um dos maiores pecados contra Deus é considerar que somente no cristianismo as pessoas são salvas. É certo que quando Jesus congrega todas as pessoas que são da verdade, em um só povo, não importando a religião que elas professem, o cristianismo se torna maior, aí dá para dizer que somente no cristianismo as pessoas são salvas. As pessoas que são da verdade se esforçam para falar somente a verdade no seu dia a dia, elas têm consciência da obrigação da prática do amor a Deus e do amor ao próximo, elas são tementes a Deus, de quem recebem sabedoria, visível aos olhos de qualquer pessoa honesta, estas pessoas ouvem a voz de Jesus.

Para evidenciar as vantagens de a família invocar o nome do Senhor, em altar construído por ela mesma, eu tomo a condição imposta por Deus para que Ele fizesse uma aliança com Abraão: “Sendo, pois, Abrão da idade de noventa e nove anos, apareceu o SENHOR a Abrão, e disse-lhe: Eu sou o Deus Todo-Poderoso, anda em minha presença e sê perfeito” (Gn 17:1). Como nós, Abraão sofria os efeitos da queda; ou seja, como pecador, ele não poderia confiar na própria carne, mas Deus exigiu que ele fosse perfeito; isto obrigou Abraão a depender mais ainda de Deus; o mesmo princípio se aplica a todos nós.

Pelo que a Bíblia afirma sobre Ló, podemos tirar algumas conclusões sobre o comportamento dele como chefe da sua família: Ló não gostava de construir altares, ele servia a dois senhores e era um homem moderno. Eu afirmo que Ló era um homem moderno, porque ele tinha grande facilidade de conviver em ambientes em que os valores estão invertidos:

Então saiu Ló, e falou a seus genros, aos que haviam de tomar as suas filhas, e disse:
Levantai-vos, saí deste lugar, porque o Senhor há de destruir a cidade. Foi tido porém

por zombador aos olhos de seus genros. E ao amanhecer os anjos apertaram com Ló, dizendo: Levanta-te, toma tua mulher e tuas duas filhas que aqui estão, para que não pereças na injustiça desta cidade. (Gn 19:14-15)

Pelo texto, percebe-se que Ló tinha duas filhas e ambas estavam em vias de se casarem: “Então saiu Ló, e falou a seus genros, aos que haviam de tomar as suas filhas, e disse: Levantai-vos, saí deste lugar, porque o Senhor há de destruir a cidade. Foi tido, porém por zombador aos olhos de seus genros”. Parece-me que zombadores eram os futuros genros de Ló. Percebe-se também que Ló tinha problemas familiares, com sua esposa e com suas filhas, o que dificilmente pode ser evitado, mas diante do altar, milagres acontecem; por isso é mais seguro viver diante do altar do Senhor.

Um problema muito recorrente entre as famílias que não levam ao altar do Senhor todos os seus problemas e aspirações é o apego excessivo a bens materiais. Ló e sua família já estavam em fuga, quando o anjo do Senhor destruiu as cidades de Sodoma e Gomorra. Quando a mulher de Ló percebeu que Deus “... destruiu aquelas cidades e toda aquela campina, e todos os moradores daquelas cidades, e o que nascia da terra. E a mulher de Ló olhou para trás e ficou convertida numa estátua de sal”. (Gn 19:25-26)

A mulher de Ló é um personagem esculpido pelo dedo de Deus para representar as pessoas apegadas a bens materiais. O que é uma estátua de sal? Uma estátua de sal a céu aberto é um monumento extremamente vulnerável, principalmente à ação da chuva; e a campina era muito verde, indicando ser um local muito chuvoso. Com certeza, em pouco tempo, a estátua de sal iria desaparecer, como tudo o que não é tesouro guardado no Céu.

Eu não posso negar que todas essas histórias contidas nos setenta primeiros capítulos da Bíblia sejam parábolas de Deus, com o objetivo de atrair as pessoas que são da verdade, para que elas tomem consciência de tal privilégio e aceitem viver mais próximas dele, juntamente com todos os filhos de Deus que vivem dispersos pelo mundo.

Ao longo de toda a Bíblia, Deus expressa cuidado com a família; no livro de Gênesis, porém, esse cuidado é redobrado, porque a família é a instituição que mais reflete as relações de Deus com o indivíduo. Neste ponto da narrativa sobre essas duas famílias, eu quero encerrar minhas considerações sobre o assunto, afirmando que, apesar de Abraão

estar sempre presente durante os apuros em que Ló se metia, Abraão não era Deus e pouco podia fazer por seu sobrinho, como neste caso:

E Abraão levantou-se aquela mesma manhã, de madrugada, e foi para aquele lugar onde estivera diante da face do Senhor; E olhou para Sodoma e Gomorra e para toda a terra da campina; e viu, que a fumaça da terra subia, como a de uma fornalha. E aconteceu que, destruindo Deus as cidades da campina, lembrou-se Deus de Abraão, e tirou a Ló do meio da destruição, derrubando aquelas cidades em que Ló habitara. E subiu Ló de Zoar, e habitou no monte, e as suas duas filhas com ele; porque temia habitar em Zoar; e habitou numa caverna, ele e as suas duas filhas. Então a primogênita disse à menor: Nosso pai já é velho, e não há homem na terra que entre a nós, segundo o costume de toda a terra; Vem, demos de beber vinho a nosso pai, e deitemo-nos com ele, para que em vida conservemos a descendência de nosso pai. E deram de beber vinho a seu pai naquela noite; e veio a primogênita e deitou-se com seu pai, e não sentiu ele quando ela se deitou, nem quando se levantou. E sucedeu, no outro dia, que a primogênita disse à menor: Vês aqui, eu já ontem à noite me deitei com meu pai; demos-lhe de beber vinho também esta noite, e então entra tu, deita-te com ele, para que em vida conservemos a descendência de nosso pai. E deram de beber vinho a seu pai também naquela noite; e levantou-se a menor, e deitou-se com ele; e não sentiu ele quando ela se deitou, nem quando se levantou. E conceberam as duas filhas de Ló de seu pai. (Gn 19:27-36)

Também quero encerrar minhas considerações sobre a família de Abraão, afirmando que, com a queda, a propensão para pecar atingiu a toda espécie humana. Portanto, não há quem não transgrida o mandamento de Deus. Abraão, ao chegar em uma terra estranha, cujo governante se chamava Abimeleque, mentiu a ele sobre o fato de Sara ser sua esposa; como Abimeleque também era da verdade, Deus se manifestou a ele e disse que havia impedido que ele pecasse; o que é um privilégio a ser desfrutado com cautela:

E partiu Abraão dali para a terra do sul, e habitou entre Cades e Sur; e peregrinou em Gerar. E havendo Abraão dito de Sara, sua mulher: É minha irmã; enviou Abimeleque, rei de Gerar, e tomou a Sara. Deus, porém, veio a Abimeleque em sonhos de noite, e disse-lhe: Eis que morto serás por causa da mulher que tomaste; porque ela tem marido. Mas Abimeleque ainda não se tinha chegado a ela; por isso disse: Senhor, matarás também uma nação justa? Não me disse ele mesmo: É minha irmã? E ela também disse: É meu irmão. Em sinceridade do coração e em pureza das

minhas mãos tenho feito isto. E disse-lhe Deus em sonhos: Bem sei eu que na sinceridade do teu coração fizeste isto; e também **eu te tenho impedido de pecar contra mim**; por isso não te permiti tocá-la”. (Gn 20:1-6 – grifo do autor)

Muito frequentemente, eu encontro moças e rapazes procurando um casamento, o que é muito justo; eu sempre lhes pergunto se estão construindo um altar ao Senhor, antes mesmo de se casarem; há quem responda que casamento que não começa com um altar, quase sempre, termina na caverna da dissolução da família.

O meu apelo para que você se torne um construtor de altares ao Senhor é porque eu reconheço que nós só não cometemos os mais graves pecados porque Deus nos impede; temos que concluir que se dependesse da nossa carne, somente seríamos aquilo que os nossos vícios permitissem. É por isso que é tão importante que vigiemos e oremos pedindo sempre a Deus para que “... não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal, porque teu é o Reino, o poder e a glória para sempre. Amém”. (Mt 6:13)

CRESCAM NA GRAÇA E NA VERDADE DE JESUS CRISTO

O apóstolo Pedro não teria uma maneira mais sábia de encerrar sua humilde, mas significativa participação na formação das Escrituras sagradas: “Portanto, amados, sabendo disso, guardem-se para que não sejam levados pelo erro dos que não têm princípios morais, nem percam a sua firmeza e caiam. Cresçam, porém, na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja a glória, agora e para sempre! Amém”. (2 Pe 3:17-18)

As minhas considerações finais sobre o cristianismo, para o século XXI, são as mesmas feitas pelo apóstolo Pedro. Eu creio que, ao longo deste livro, eu tenha deixado claro que o “conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” seja o Evangelho, verdade de Deus, consumada no Calvário, que nos trouxe a graça e confirmou a lei.

Crescer na graça e na verdade consumadas no Calvário, como a própria sentença indica, significa buscar aperfeiçoamento. Não podemos pensar que se as pessoas crerem que Jesus lhes promete salvação, isso seja suficiente para que sejam salvas, mas também não estamos autorizados a pensar o contrário; certamente, não terão vidas abundantes, se não crescerem na graça e no conhecimento de Jesus Cristo.

Por causa das adulterações introduzidas pelo Império Romano no livro de Apocalipse, no livro de Atos dos Apóstolos e nas cartas do apóstolo Paulo, a reforma protestante foi concebida como uma cidadela fortificada contra as boas obras; mas Jesus afirma que as pessoas que não praticarem as boas obras, ao morrerem terão seus espíritos ou anjos lançados “... nas trevas, onde haverá choro e ranger de dentes” (Mt 25:30). Se a fé é na verdade, e o Evangelho é a verdade de Deus consumada no Calvário, e manda que pratiquemos as boas obras, nos termos deste versículo, então, os protestantes precisam fazer uma releitura deste versículo e do Evangelho, como verdade de Deus consumada no Calvário.

A necessidade de crescimento se deve ao fato de nos setenta primeiros capítulos da Bíblia se encontrar ‘o manual de funcionamento do ser humano’, é o que chamamos de processo civilizatório da humanidade. Por conterem as verdades criacionistas, nenhum ser humano pode fugir ao padrão ali descrito. As verdades criacionistas nos ensinam que o ser humano não é uma máquina controlada por um botão do tipo, LIGA/DESLIGA, como muitos pregadores, teólogos e escritores cristãos nos fazem pensar que é. Também não é uma máquina que se estragou por completo e que Deus só ainda não se livrou dela porque não pôde, como muitos pregadores, teólogos e pensadores cristãos também nos fazem pensar que é.

É devido à complexidade do ser humano que Jesus nos trata como ‘ovelhas’, ‘cordeiros’ ou ‘cordeirinhos’, dependendo do nível de conhecimento que a pessoa tenha do Evangelho, verdade de Deus consumada no Calvário, que nos trouxe a graça e confirmou a lei. O conhecimento e a prática do Evangelho nos libertam das superstições construídas por alguns pregadores, teólogos e escritores cristãos, a partir de conteúdos bíblicos adulterados por Nero, com toda a astúcia do Mal.

O ser humano é um espírito semelhante a Deus: “Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” (Gn 1:27); e ao mesmo tempo é pó da terra: “Então o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o homem se tornou um ser vivente” (Gn 2:7). Aqui começa a necessidade de mediação dos conflitos existentes entre o espírito e a carne, que somente o Bom Pastor pode fazer, através do seu Evangelho que é o Espírito e a vida.

Portador de dupla natureza, o ser humano foi posto na Terra para cuidar do seu semelhante e para guardar os mandamentos de Deus, cuja violação seria fatal: “mas não coma da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que dela comer, certamente você morrerá” (Gn 2:17). Ao se afastar da comunhão com Deus, o ser humano foi enganado pela mentira da serpente, “Disse a serpente à mulher: “Certamente não morrerão! Deus sabe que, no dia em que dele comerem, seus olhos se abrirão, e vocês serão como Deus, conhecedores do bem e do mal” (Gn 3:4-5), e desobedeceu ao mandamento de Deus.

Ao desobedecer ao mandamento de Deus, o ser humano foi sentenciado a escolher a que descendência pertencer: se à da mulher, onde já se encontrava, ou à da serpente: “...Sobre o seu ventre você rastejará, e pó comerá todos os dias da sua vida. Porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e o descendente dela; este lhe ferirá a cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar”. (Gn 3:14-15)

Para continuar pertencendo à descendência da mulher, o ser humano precisa aprender com Deus, para se tornar da verdade, ir a Jesus e receber a vida eterna, a ser vivida como anjo bom, tal como mostrado por Jesus em: "Então olhei e ouvi a voz de muitos anjos, milhares de milhares e milhões de milhões. Eles rodeavam o trono, bem como os seres vivos e os anciãos, e cantavam em alta voz: "Digno é o Cordeiro que foi morto de receber poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor! " (Ap 5:11-12). Não aprender com Deus significa escolher de modo consciente, resoluto e definitivo, ser da mentira, para ser destruído com a serpente.

Peregrinando por sobre a Terra, o ser humano leva consigo a necessidade inata de se apresentar diante do Senhor, em atitude de adoração e gratidão: “Abel, por sua vez, trouxe as partes gordas das primeiras crias do seu rebanho. O Senhor aceitou com agrado Abel e sua oferta” (Gn 4:4). Há também uma necessidade, igualmente inata, de, em atitude de adoração, invocar, o nome do Senhor, em oração, como fez Enos: “Também a Sete nasceu um filho, a quem deu o nome de Enos. Nessa época começou-se a invocar o nome do Senhor”. (Gn 4:26)

Há também uma sede muito grande por aprovação diante de Deus, da mesma forma inata, tal como aconteceu com o justo Noé: “Noé era homem justo, íntegro entre o povo da sua época; ele andava com Deus (Gn 6:9). São sentimentos de natureza

criacionista que têm acompanhado o ser humano, por dezenas de milhares de anos, que nunca mudarão, os quais nos fazem depender de Deus e uns dos outros; por isso, é tão importante que coloquemos em prática os ensinamentos de Jesus, por meio do Evangelho, verdade de Deus consumada no Calvário.

Como não somos máquinas que podem ser controladas com um botão do tipo, LIGA/DESLIGA, sentimentos imprevisíveis podem nos surpreender; assim aconteceu com o justo Noé: “Noé, que era agricultor, foi o primeiro a plantar uma vinha. Bebeu do vinho, embriagou-se e ficou nu dentro da sua tenda. Cam, pai de Canaã, viu a nudez do pai e foi contar aos dois irmãos que estavam do lado de fora”. (Gn 9:20-22)

Em um mundo tão dominado pela liberdade de pensamentos, palavras e ações, pode descortinar-se, à nossa frente, o projeto de uma torre, que nos ofereça a oportunidade de subir ao Céu, construindo a nossa própria engenhoca: “... disseram: "Vamos construir uma cidade, com uma torre que alcance os céus. Assim nosso nome será famoso e não seremos espalhados pela face da terra" (Gn 11:4). O mesmo projeto de torre traz consigo a promessa de fama devida ao feito, que nos permite fazer o nosso próprio nome, para que nele passamos confiar.

É preciso que os pregadores do Evangelho, que se destinam a fazer discípulos para Jesus, tenham em mente o fato de que o ponto de partida para todos os conteúdos bíblicos é o mito da criação estendido para os setenta primeiros capítulos da Bíblia. Por desprezar o mito da criação, muitos teólogos cristãos têm partido de pressupostos inadequados, para construir a cosmovisão cristã; normalmente chegam às mais absurdas doutrinas. Eles quase sempre partem do apóstolo Paulo; ou seja, de um ponto inexistente, porque as cartas dos apóstolos foram adulteradas pelo Império Romano, para transformar o Deus cristão em um monstro e os cristãos em criminosos.

O ponto de partida para a formação da cosmovisão cristã é sempre os setenta primeiros capítulos da Bíblia, o caminho da árvore da vida, que são todos os conteúdos bíblicos que dão testemunho do messianismo de Jesus, e a árvore da vida que é o próprio Evangelho, cujos frutos são a vida eterna. Eu não estou afirmando que a história dos primórdios da nação Israel não se relaciona com a Escritura sagrada; o que eu quero deixar claro é que todos os conteúdos bíblicos precisam se submeter à autoridade de Jesus Cristo, mediante o seu Evangelho, verdade de Deus consumada no Calvário.

Os setenta primeiros capítulos da Bíblia nos ensinam que não devemos nos afastar comunhão com Deus. Abraão nos ensina o modo certo de andar em comunhão com Deus; o Evangelho nos comissiona a fazer discípulos, ensinando a verdade de Deus consumada no Calvário. A igreja cristã, que um dia já foi agente missionário, neste início de século XXI, se transformou em campo missionário, de prioridade muito alta, dado o número de assalariados e de lobos, que têm trabalhado em parceria, para dispersar e para devorar o rebanho, como se não houvesse Pastor.

Eu creio que haja muitos cristãos sendo chamados por Jesus para dizer às pessoas que tudo o que elas precisam fazer para se encontrar com Deus é ficar atentas para que possam aprender no momento em que Deus lhes ensinar; porque as pessoas que aprendem com Deus se tornam da verdade e vão a Jesus para terem a vida eterna. Que preguem, exatamente, como Jesus nos mandou que pregássemos; apresentando Jesus às pessoas, exatamente como Ele se apresentava. Que considerem a urgência com que os cordeiros estão esperando ouvir a voz de Jesus: “Todos os que vieram antes de mim eram ladrões e assaltantes, mas as ovelhas não os ouviram. Eu sou a porta; quem entra por mim será salvo. Entrará e sairá, e encontrará pastagem. O ladrão vem apenas para furtar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida, e a tenham plenamente. "Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas”. (Jo 10:8-11)

ENTRE O PASTOR E O LOBO

Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras de vida eterna

(Jo 6:68)

É inegável que o Império Romano, em parceria com os doutores da igreja, tenha praticado muitos abusos contra o Evangelho, com o objetivo de destruir a percepção que os cristãos precisam ter da autoridade de Jesus; eu creio que esse assunto já tenha sido tratado de forma adequada até aqui. Eles foram fazendo substituições no cristianismo, até que se chegasse ao catolicismo romano que temos hoje.

O maior de todos os atentados cometidos pelo Império Romano, em parceria com os doutores da igreja, foi contra o Evangelho, por ocasião formação do cânon do Novo

Testamento: as cartas do apóstolo Paulo passaram a ser o Evangelho de Jesus Cristo e o Evangelho de Jesus Cristo deixou de ser o Evangelho de Jesus Cristo.

Conforme já verificamos, a autoridade de Jesus foi substituída pela autoridade do apóstolo Paulo. O Credo Niceno que afirma que Deus é Um, em uma única pessoa foi substituído pela doutrina da trindade; a fé de que Jesus desceu ao Seio de Abraão e resgatou as almas ou espíritos de todos os santos e os conduziu ao Céu, para lá viverem como anjos, a serviço de Deus, foi substituída pela crença de que as pessoas que prestassem relevantes serviços à igreja seriam consideradas santas, e ao morrer iriam para o Céu, de onde intercederiam pelos vivos.

Também o fato de Jesus haver morrido, não somente pela nação Israel, mas para congregar em um só povo os filhos de Deus que estão dispersos, foi aos poucos sendo absorvido pela igreja católica romana, para congregar no Vaticano, todas as igrejas resultantes dos mais diversos cismas ocorridas através dos séculos. Tanto assim, que a igreja católica romana acumula uma larga experiência com o ecumenismo religioso, nos mais diversos níveis, o que não seria um problema, se seguisse a Jesus e não à Virgem Maria e ao apóstolo Paulo.

As substituições feitas pela igreja católica romana não resolvem o problema relativo à autoridade de Jesus, mas os cristãos católicos romanos têm uma cosmovisão referente ao ser humano análoga à cosmovisão do Evangelho. Como a igreja não salva ninguém, as pessoas, congregadas no catolicismo romano, como em qualquer outra religião, se ficarem atentas para aprenderem o que Deus lhes ensina, se tornam da verdade, ouvem a voz de Jesus e têm a vida eterna.

A reforma protestante somente levou do catolicismo romano o maior de todos os atentados cometidos contra o Evangelho: na formação do cânon do Novo Testamento, foi atribuída toda autoridade divina ao apóstolo Paulo, pela sua proposta de libertação dos cristãos em relação à lei de Deus, considerada por ele fonte e força do pecado, além de fundamento que conduz à morte.

A igreja reformada não restaurou os preceitos do Evangelho substituídos pela igreja católica romana, ela apenas condenou as substituições, com as quais ela não concordava. Na verdade, os preceitos substituídos não são muitos; eles podem ser

restaurados pela volta à fé de que o Evangelho é a verdade de Deus, consumada no Calvário, que nos trouxe a graça e confirmou a lei. Ou seja, todos os preceitos cristãos são consequências de se crer no Evangelho como verdade de Deus consumada no Calvário.

O grande problema da reforma protestante é que ela já nasceu como uma cidadela fortificada contra as boas obras. Cometendo um pecado tão grave, os reformadores jamais iriam ter acesso ao Evangelho. Cegos em relação ao Evangelho, eles não conseguiram enxergar a diferença entre o Evangelho de Jesus Cristo e o evangelho de Nero e dos doutores da igreja. O evangelho de Nero e dos doutores da igreja é o das substituições, que permanece até hoje, e só será abatido pela mão de Deus.

Enquanto isso, os pregadores e os teólogos cristãos protestantes têm um cuidado especial em pregar a Bíblia toda, mas evitam qualquer ênfase no Evangelho, por causa das boas obras. Eles se recusam a entender que as boas obras são a razão de ser da Bíblia toda: “Respondeu Jesus: " ‘Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento’. Esse é o primeiro e maior mandamento. E o segundo é semelhante a ele: ‘Ame o seu próximo como a si mesmo” Mt 22:37-39.

Ao ensinar aos cristãos que as boas obras não são essenciais à salvação, os pregadores, teólogos e escritores cristãos estão empurrando os cristãos para inferno da falta de sentido interior para suas vidas. Eles sabem que estão cometendo um pecado muito grave, eles estão fazendo os cristãos tropeçarem:

Mas se alguém fizer tropeçar um destes pequeninos que creem em mim, melhor lhe seria amarrar uma pedra de moinho no pescoço e se afogar nas profundezas do mar. "Ai do mundo, por causa das coisas que fazem tropeçar! É inevitável que tais coisas aconteçam, mas ai daquele por meio de quem elas acontecem! (Mt 18:6-7)

Os pregadores, teólogos e escritores protestantes que ensinam que as boas obras não são essenciais à salvação sabem muito bem o juízo que os aguarda. Mas eles são treinados para resistir a qualquer argumento que lhes levam a arrazoar com Deus sobre a seriedade do Evangelho. Jesus assim ensina quais os requisitos para a salvação:

"Então ele dirá aos que estiverem à sua esquerda: ‘Malditos, apartem-se de mim para o fogo eterno, preparado para o diabo e os seus anjos. Pois eu tive fome, e vocês não

me deram de comer; tive sede, e nada me deram para beber; fui estrangeiro, e vocês não me acolheram; necessitei de roupas, e vocês não me vestiram; estive enfermo e preso, e vocês não me visitaram'. (Mt 25:41-43)

Eu creio que esteja bastante claro que os pregadores, teólogos e escritores cristãos, que fazem com que os cordeiros tropecem, correm um sério risco de que seus espíritos sejam lançados no “fogo eterno, preparado para o diabo e os seus anjos”. Se algum defensor do cristianismo sem as boas obras tiver dúvidas de que Jesus está certo, eu o convido a adotar a prática ética e religiosa de falar somente a verdade, a todas as pessoas, em todos os contextos e a levar Deus a sério, de acordo com o Evangelho.

Se você adotar essa prática, seus olhos se abrirão e você irá perceber que a verdadeira comida dos cristãos é fazer a vontade de Deus; e as boas obras são o que há de mais perfeito, como vontade de Deus. O amor ao próximo é uma verdade criacionista, por isso, ela brota de dentro para fora; ela está impressa nas almas de todos os seres humanos. A verdadeira comida não está sendo servida aos cordeiros, é por isso que o cristianismo está tão esfacelado.

Os cordeiros precisam ser apascentados, isso é urgente. Infelizmente, quando eles procuram por comida, acabam sendo tosquiados pelos líderes cristãos que não permitem que a Bíblia seja submetida à autoridade de Jesus. Eles fazem isto porque creem que as cartas do apóstolo Paulo são o Evangelho de Jesus Cristo e que o Evangelho de Jesus Cristo não é o Evangelho de Jesus Cristo.

Os lobos fazem as mais absurdas interpretações da Bíblia toda, com promessas de prosperidade e de curas, e têm vida fácil, porque encontram um banquete preparado pelos assalariados. Tais assalariados inventam as mais diversas doutrinas para evitar que os cordeiros falem em curas. Eles argumentam que os dons do Espírito Santo cessaram com a morte dos apóstolos, a quem eles atribuem autoridade divina. Eles ensinam como se Deus tivesse nos esquecido.

Se pregadores, teólogos e escritores cristãos pudessem examinar o Evangelho, veriam que Jesus atribuiu a seus discípulos poder para a realização de três ações sobrenaturais: pregar o Evangelho com poder, ministrar cura aos enfermos e expulsar demônios. Eu não tenho como afirmar que Jesus tenha mudado seus planos. A afirmação de que tal capacitação foi retirada dos cristãos é doutrina de assalariado. Porque o dom

do Espírito Santo é sabedoria e poder de Deus, dados aos cristãos para que eles possam influenciar a sociedade para a prática do amor a Deus e do amor ao próximo.

O Evangelho e o livro de Atos dos Apóstolos relatam muitas curas, mas as cartas dos apóstolos, se ocuparam, basicamente em denunciar as adulterações feitas por Nero nas cartas do apóstolo Paulo. É o caso da carta de Tiago, II Pedro, I João e Judas. Mas a pregação do Evangelho com poder, a ministração de curas e a expulsão de demônios eram práticas cristãs comuns. É preciso que consideremos que nos tempos apostólicos não havia antibiótico nem vacina, por isso, conviver com a morte era um fato da vida, isto há até bem pouco tempo. Mas a esperança de andar em comunhão com Deus, receber dele o reconhecimento de justiça é criacionista; essa esperança brota de dentro para fora do espírito humano; aconteceu com Enoque e aconteceu com Noé; eles eram justos, andaram com Deus e receberam o reconhecimento proveniente da justiça.

Em toda a Bíblia, o que distingue o justo do ímpio é o fato de o justo estar sempre com os seus olhos voltados para o Céu: "o ímpio está envaidecido; seus desejos não são bons; mas o justo viverá pela sua fé" (Hc 2:2-4). A característica mais marcante das pessoas que são da verdade, e já ouviram a voz de Jesus, é que tais pessoas não têm medo da morte; elas têm motivos de sobra para viver, sendo o principal deles servir a Deus. Como se achegar a Deus e esperar receber dele reconhecimento de justiça é criacionista, todas as manifestações de Deus em favor dos seus servos são motivos de alegria.

Pela pequena quantidade de curas registradas na Bíblia, percebe-se que ela não se destina a registrar curas, até porque Deus sempre curou muitas pessoas, independentemente da religião na qual O sirvam. Deus sempre se relacionou com as pessoas a quem Ele ensina e elas aprendem, de uma maneira muito especial, de tal modo que, seja indiferente viver ou morrer.

Mas nós não podemos nos ater somente a um nível ideal de fé, porque existe uma vida real que foi objeto dos cuidados de Jesus. Ele mandou que Simão Pedro cuidasse dos cordeiros; isto é um fato da vida real no cristianismo: "Depois de comerem, Jesus perguntou a Simão Pedro: "Simão, filho de João, você me ama realmente mais do que estes? " Disse ele: "Sim, Senhor, tu sabes que te amo". Disse Jesus: "Cuide dos meus cordeiros". (Jo 21:15)

O que temos neste início de século XXI é um cristianismo esfacelado em que tudo contribui para que os cordeiros sejam barbaramente tosquiados. Os cordeiros aqui considerados são as pessoas que carecem de um discipulado sério, mas não encontram quem lhes ensinem o Evangelho, como verdade de Deus, que nos trouxe a graça e confirmou a lei.

Na igreja institucionalizada, todas as portas parecem estar fechadas para os cordeiros; no catolicismo romano, eles aprendem a rezar para os santos. No protestantismo, eles aprendem que todos os conteúdos bíblicos são soprados por Deus nos ouvidos dos autores da Bíblia, o que dá a tais autores autoridade divina. Não é assim, a Bíblia contém o testemunho de Jesus, por isso ela pode ser considerada palavra de Deus e única regra de fé e prática religiosa para os cristãos, mas ela também contém a história dos primórdios da nação Israel e outros escritos que não podem ser atribuídos a Deus.

Eu atribuo o esfacelamento do cristianismo à destruição da percepção que os cristãos precisam ter da autoridade de Jesus Cristo. Então, vejamos o quanto a autoridade de Jesus é importante para os cristãos: Então, Jesus aproximou-se deles e disse: **"Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações**, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos". (Mt 28:18-20 – grifo do autor)

Jesus não poderia ter sido mais claro ao afirmar o que deve ser ensinado: “ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos”. Portanto, discipular é ensinar a obedecer a Jesus e não ao apóstolo Paulo ou a qualquer outro autor ou personagem da Bíblia, ou à Virgem Maria ou a qualquer outro santo da igreja católica.

Eu creio que nestes tempos de grande facilidade de comunicação, de muitos conteúdos e de pouco tempo disponível para consumir tanto conteúdo, seja razoável disponibilizar aplicativo da Bíblia sem as cartas do apóstolo Paulo e sem a parte adulterada dos livros de Apocalipse e de Atos dos Apóstolos, para que as pessoas possam se concentrar mais no Evangelho de Jesus Cristo e no conteúdo bíblico autêntico.

Para fugir do ensino de que o dízimo é obrigatório, do combate às boas obras, da influência avassaladora do apóstolo Paulo, cujas cartas foram adulteradas por Nero, e do consequente ataque aos cordeiros, eu só consigo pensar no discipulado dos cristãos, incentivando-os, para que façam cultos familiares e entre amigos. É inevitável considerar que, para ser fiel à igreja institucionalizada, o cristão tem que pagar um preço tão alto; eu reconheço que o trabalhador é digno do seu salário, mas também reconheço que dá para participar de uma congregação, durante os momentos de culto, ajudado pelos demais cristãos, sem precisar ser assalariado para isto.

EM QUE PENSAR? EIS A QUESTÃO

É possível que a grande maioria dos pregadores, teólogos e escritores cristãos irão considerar que, com esta abordagem tão espiritualizada para o cristianismo eu estou incentivando a prática do misticismo cristão. Mas o que é misticismo cristão? O misticismo cristão é a crença na certeza da comunicação entre o ser humano e a Divindade ou a tendência para crer em um Deus sobrenatural, sem ter que pagar por isto?

Se é isso, misticismo cristão não é superstição nem tabu religioso, é fé individual no Evangelho como verdade de Deus consumada no Calvário, que nos trouxe a graça e confirmou a lei. A fé cristã assim praticada é devoção racional a Deus, de acordo com a sua lógica.

Com a destruição da percepção que os cristãos precisam ter da autoridade de Jesus, iniciada pelo Império Romano, com a conivência dos doutores da igreja, tudo foi feito pela igreja para transformar o universo espiritual, composto por Deus e pelos anjos, em uma réplica do mundo material em que o pó da terra seja proveitoso e não somente o espírito, como Jesus ensina.

O misticismo cristão sempre foi praticado, mas durante a idade média, ele foi praticado com as inevitáveis deturpações e desvios promovidos por uma igreja muito autoritária, cuja liderança era desesperadamente corrupta, que restringia o acesso ao Evangelho; com isto, o misticismo cristão virou sinônimo de religiosidade sem base bíblica, nem relação com o Evangelho.

Mas a prática cristã individual é decorrente da necessidade de o ser humano invocar o nome do Senhor, que é uma verdade criacionista; uma necessidade que brota de dentro para fora da alma ou espírito humano, essa necessidade começou com Enos:

Novamente Adão teve relações com sua mulher, e ela deu à luz outro filho, a quem chamou Sete, dizendo: "Deus me concedeu um filho no lugar de Abel, visto que Caim o matou". Também a Sete nasceu um filho, a quem deu o nome de Enos. Nessa época começou-se a invocar o nome do Senhor. (Gn 4:25-6)

A necessidade de invocar o nome do Senhor é uma verdade criacionista, e foi o ponto de partida para que se chegasse ao Evangelho. O episódio em que Enoque foi arrebatado ao Céu, como reconhecimento de justiça, nos mostra que é muito vantajoso vivermos em comunhão com Deus, como fez Enoque; Enoque andou com Deus: "... Enoque andou com Deus 300 anos e gerou outros filhos e filhas. Viveu ao todo 365 anos. Enoque andou com Deus; e já não foi encontrado, pois Deus o havia arrebatado". (Gn 5:22-24)

Os críticos da igreja primitiva a acusam da prática do misticismo cristão, por não crerem que as cartas do apóstolo Paulo fossem o Evangelho; eu penso que os críticos estão certos; porque os cristãos primitivos criam que podiam se comunicar com Deus e que suas almas ou espíritos teriam um destino sobrenatural, que seria viver como anjos, a serviço de Deus, por toda a eternidade; é nisto que nós precisamos crer, não nas doutrinas inventadas pelos assalariados com base nas adulterações às Escrituras promovidas por Nero e seus assessores e sucessores.

Com a aproximação da igreja em relação ao Império Romano, a partir de meados do século IV, todos os esforços foram feitos para destruir a percepção que os cristãos precisam ter da autoridade de Jesus, porque o ser humano cristão, tal como Jesus o define, era um entrave para a aliança da igreja com o império. O ser humano cristão é desprendido em relação a bens materiais e somente acumula tesouros no Céu; ele é um anjo ainda não glorificado.

A definição de Jesus para o ser humano cristão não afasta a verdade criacionista que brota de dentro para fora, segundo a qual o ser humano tem a tendência para os maus pensamentos; não necessariamente pensamentos criminosos, mas pensamentos continuamente desordenados, que conduzem à falta de sentido interior para a vida e à

enfermidade da alma: E viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente. Então arrependeu-se o Senhor de haver feito o homem sobre a terra e pesou-lhe em seu coração. (Gn: 6:5-6)

Há quem considere que uma das maiores incoerências bíblicas é Deus haver se arrependido, mas o mito da criação não é uma revelação de Deus para O ajudar a viver melhor e sim para ajudar ao ser humano a viver melhor, assim são todas as verdades criacionistas contidas no muito da criação. A teologia cristã que nos ensinam hoje é a mesma que tinha como objetivo destruir a percepção que os cristãos precisam ter da autoridade de Jesus, que começou a ser ensinada há mais de dezesseis séculos. Uma teologia cristã com esse objetivo não tem compromisso com os seres humanos; aí vêm as crises existenciais e a falta de sentido interior para a vida.

Com a evolução da ciência, no início do século XX, surgiu a psicologia analítica, que se firmou como alternativa para o tratamento de problemas psicológicos. O fundador da psicologia analítica se notabilizou por tratar de problemas psicológicos, usando uma abordagem de resgate do valor dos símbolos religiosos; ou seja, a valorização honesta do misticismo, assim ele resume sua visão de mundo sobre valores religiosos:

“O homem realmente necessita de ideias gerais e convicções que lhe deem um sentido à vida e lhe permitam encontrar seu próprio lugar no mundo. Pode suportar as mais incríveis provações se estiver convencido de que elas têm um sentido. Mas sente-se aniquilado se, além dos seus infortúnios, ainda tiver de admitir que está envolvido numa “história contada por um idiota”. O papel dos símbolos religiosos é dar significação à vida do homem. Os índios pueblós acreditam que são filhos do Pai-Sol, e essa crença dá a suas vidas uma perspectiva (e um objetivo) que ultrapassa a sua limitada existência; abre-lhes espaço para um maior desdobramento das suas personalidades e permite-lhes uma vida plena como seres humanos. Esses índios encontram-se em condições bem mais favoráveis do que o homem da nossa civilização atual, que sabe que é - e permanecerá sendo - nada mais que um pobre-diabo, cuja vida não tem nenhum sentido interior”. (Jung, Carl G. (1875 – 1961) – O Homem e Seus Símbolos - 1996)

Eu espero que você possa ler este fragmento escolhido da obra de Carl G. Jung, (1875 – 1961) e fazer o seu próprio julgamento sobre a importância da prática religiosa

honestas para os seres humanos. Por somente considerar válidas, neste contexto, as práticas religiosas honestas, eu espero que você julgue a minha insistente recomendação para que as pessoas adotem a prática ética e religiosa de falarem somente a verdade, a todas as pessoas, em todos os contextos e de levarem Deus a sério, de acordo com o Evangelho.

Eu dou tanta importância à prática da verdade no dia a dia como símbolo maior do cristianismo, porque Jesus, ao longo do Evangelho, qualificou a mentira com sendo ação do Maligno: “Seja o seu ‘sim’, ‘sim’, e o seu ‘não’, ‘não’; o que passar disso vem do Maligno” (Mt 5:37). Além da mentira, Jesus apontou como pecados de natureza criacionistas: “... os maus pensamentos, as imoralidades sexuais, os roubos, os homicídios, os adultérios, as cobiças, as maldades, o engano, a devassidão, a inveja, a calúnia, a arrogância e a insensatez...” (Mc 7:21-23); esses pecados são criacionistas, porque eles brotam de dentro para fora da alma ou espírito humano.

Agora considere que Jesus inicia a lista de pecados de natureza criacionista pelos “maus pensamentos”; são pecados a que todos nós estamos sujeitos. Jesus não estava sujeito aos “maus pensamentos” porque o Espírito dele era uma porção do Espírito Santo, a essência de Deus, que lhe foi atribuído, na concepção, por isso, Ele não tinha autonomia em relação a Deus, mas nós temos.

Para que Deus tome conta dos nossos pensamentos, não podemos exercer a nossa autonomia em relação a Ele. O nosso poder de fazer escolhas, entre o Bem ou o Mal, que muitos consideram um privilégio, nos foi dado por Deus como juízo ou castigo. Por isto é justo crer que, qualquer pensamento humano, alheio à vontade de Deus, potencialize uma catástrofe na vida da pessoa.

A grande catástrofe na vida das pessoas que são autônomas em relação a Deus é a falta de sentido interior para as suas vidas e os males da alma decorrentes dela. Por isso, eu recomendo a todas as pessoas que renunciem à autonomia em relação a Deus, que agradeçam a Deus por se sentirem dependentes dele e que incluam sempre em suas orações esta petição: ‘Senhor, toma conta dos meus pensamentos’.

Espero que esta obra possa lhe encontrar com o espírito sedento pela reconstrução de um cristianismo mais verdadeiro, ético e socialmente responsável; que você já se

encontre liberto de preceitos religiosos que vão além do Evangelho e que você entenda que um altar ao Senhor se constrói com devoção diária, renunciando a qualquer tipo de autonomia em relação a Deus.

Finalmente, espero que você compreenda que o misticismo cristão a que eu me refiro, não pode ser culto a anjos, espiritismo ou doutrinas da prosperidade, porque eu já fiz as minhas considerações sobre os perigos a que estão sujeitas as pessoas que tentam se aproximar de Deus mediante tais práticas religiosas. Também espero que você considere que a oferta que Jesus nos fez, como vida eterna, é tão grande, que a adulteração do livro de Apocalipse a encobriu; foi preciso que Ele mesmo desvendasse o livro; não se surpreenda se você ainda não creu neste privilégio: “Então olhei e ouvi a voz de muitos anjos, milhares de milhares e milhões de milhões. Eles rodeavam o trono, bem como os seres vivos e os anciãos, e cantavam em alta voz: "Digno é o Cordeiro que foi morto de receber poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor!" (Ap 5:11-12)

Se vos falo neste tom insistente é porque somos todas criaturas de uma essência que teve um começo, mas não terá fim. Aquele que se conhece verdadeiramente não terá dúvida alguma sobre sua essência imortal Santo Antônio do Deserto (251-356)

SOBRE O AUTOR

Afonso Meneses

O autor tem formação em Matemática e Economia e especialização em Educação. Por haver sido curado de câncer, insuficiência cardíaca e cegueira, por Deus, através de anjos, sente-se no privilégio de convidar todas as pessoas a adotarem a prática ética e religiosa de falarem somente a verdade, a todas as pessoas, em todos os contextos e a levarem Deus a sério, de acordo com o Evangelho.

YOUTUBE: @O_APOCALIPSE_DESVENDADO

CONTATO DO AUTOR Email: vidareta@live.com